

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**"ARTES DE VIVER":  
RECRIANDO E REINVENTANDO ESPAÇOS — MEMÓRIAS  
DAS FAMÍLIAS DA VILA OPERÁRIA MINEIRA PRÓSPERA  
CRICIÚMA (1945/1961)**

**MARLI DE OLIVEIRA COSTA**

**FLORIANÓPOLIS (SC), FEVEREIRO DE 1999**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**"ARTES DE VIVER":  
RECRIANDO E REINVENTANDO ESPAÇOS — MEMÓRIAS  
DAS FAMÍLIAS DA VILA OPERÁRIA MINEIRA PRÓSPERA  
CRICIÚMA (1945/1961)**

**MARLI DE OLIVEIRA COSTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de filosofia e ciências Humanas da Universidade Federal de santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da professora Doutora Maria Bernadete Ramos Flores.

**FLORIANÓPOLIS (SC), FEVEREIRO DE 1999**

**ARTES DE VIVER: RECRIANDO E REINVENTANDO ESPAÇOS  
- MEMÓRIAS DAS FAMÍLIAS DA VILA OPERÁRIA MINEIRA  
PRÓSPERA CRICIÚMA. (1945/19610)**

**MARLI DE OLIVEIRA COSTA**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

BANCA EXAMINADORA



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Bernardete Ramos Flores (Orientadora) (UFSC)

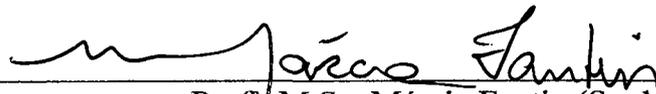


---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Tereza Santos Cunha (UFSC)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Cristina Scheibe Wolff (UFSC)



---

Prof.<sup>a</sup> M.Sc. Márcia Fantin (Suplente)

Florianópolis, 15 de abril de 1999.

## Dedicatória

A todos os moradores do bairro Próspera. À D. Flor, minha mãe; João, Sílvio e Doris, meus irmãos; Mary, Alexandre e Fábio, meus sobrinhos.

## AGRADECIMENTOS

Para agradecer todos aqueles que fizeram parte da construção deste texto, registro seus nomes e minha sincera gratidão no momento em que me retiro de sua redação. Muitos foram grandes incentivadores, sem os quais os momentos de cansaço e de desânimo teriam sido mais difíceis; outros foram grandes colaboradores, buscando fotos e documentos, fornecendo depoimentos, levando-me aos narradores e lendo a narrativa; e os narradores, "imprescindíveis", pois com o relato de suas vidas, o texto tornou-se vivo.

Os narradores:

O casal Prudêncio e Maria da Silva (im memorian), as irmãs Zulma Crispin e Antônia Martins Cunha, D. Josina e sua filha Zenaide, D. Irene e sua filha Lurdes, o casal Roberto e Francisca Nazário, D. Rosária Meis, Sr. Avelino Nestor Martins, D. Luzia da Silva e Irmã Cláudia.

Finalmente, D. Elisa, que dedicou toda sua vida a trabalhos comunitários na Vila, e quando soube desta pesquisa, ficou muito feliz por ainda poder colaborar, embora estivesse muito doente, e o Sr. José da Silva, que contribuiu na

descoberta de novas fontes para a pesquisa e colocou-se à disposição na compreensão de alguns dados obscuros.

Os colaboradores:

Fernando Carneiro, Osny Santiago, Alcides da Silva, João Paes de Medeiros, Aluisio Westrup, Cleusa Gomes, Pedra de Bem, Silemar Medeiros da Silva, Glades Alzira Costa Romão, José de Oliveira ( Tio Juca) , Maria Barcelos de Oliveira , Jacinto de Oliveira, Paulina Cardoso de Oliveira, Florentina Bittencourt de Oliveira, Mário Beloli, Lourenço Costa, Maria Inês Martins, Norli Maria de Souza, Vanderlei Machado, Luci Ostetto, Alcides Goulart, Leila Lourenço . Cada um deles sabe a importância que tiveram na concretude deste trabalho, desde pequenos depoimentos, fornecimento de documentos, no encontro com os narradores, na organização do trabalho fotográfico, na leitura e sugestões para o texto. Destaco a amiga e companheira de residência, Leila, que acompanhou todo processo, revisando continuamente o texto.

Os incentivadores:

Universidade Federal e CAPES, pela oportunidade de estudar em uma escola pública e obter, por meio da bolsa, dedicação exclusiva para a concretização da pesquisa.

Minha orientadora, Maria Bernadete Ramos Flores, que acreditou no trabalho e, com palavras de encorajamento, elevou minha auto-estima e fez sentir-me capaz.

Demais professores do curso de Pós-Graduação, especialmente a professora Maria Teresa Santos Cunha, com a qual estabeleci contato mais próximo, e todos os amigos da turma de Mestrado 1997, em especial a Sônia e a Cláudia.

Ainda: Regina e Rosimari, colegas de trabalho da escola com a qual mantenho vínculo; membros da Secretaria de Educação de Criciúma; e os meus amigos maravilhosos, Rosimére (Méri), Gilmar, Josiane (Josi), Fátima (Fafá), Inês, Celso... que procuraram, cada um de seu jeito, ser presença neste trabalho.

O recado para todos os nomes aqui registrados é simplesmente **MUITO OBRIGADO!!!**

## RESUMO

O texto mostra as experiências cotidianas dos moradores da Vila Operária Próspera (Criciúma-SC), no período de 1945-1961, evidenciando algumas tentativas de controle e moralização das famílias operárias mineiras, desenvolvidas pela Carbonífera Próspera S.A. Os relatos de memória tornam visíveis as práticas de "uso", as recriações do espaço Vila, pelos moradores.

## ABSTRACT

The text presents the daily experiences of the dwellers from Vila Operária Próspera (Criciúma-SC), between, 1945-1961, becoming evident some attempts of controlling and moralization developed by Carb. Próspera S.A. to the mining cooperative families. The reports, done by heart, become visible the "usages", the re-creation of the blank "Vila Operária", by the dwellers.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

#### **A LEMBRANÇA COMO RETRATO DA MEMÓRIA, 12**

### **I. A VILA NA VIDA: ERA UMA CASINHA BEM SIMPLES, NÓS DORMÍAMOS TODOS NO CHÃO, 27**

Antes da mineração, 30

A mineração e a Carbonífera Próspera, 39

A Carbonífera Próspera, 41

A mineração e o problema da habitação, 42

A construção das Vilas Operárias, 45

As casas operárias da Carbonífera Próspera, 53

Uma Empresa Estatal em Criciúma, 56

### **II. VILA OPERÁRIA: PARA ALÉM DA HABITAÇÃO, UM ESPAÇO DE DISCIPLINA, 60**

Facilidades, 65

Tentativa de moralização das famílias mineiras, 67

Pedagogia da normatização, 69

Saúde e disciplina das crianças, 73

A Divina Providência vai até as casas, 78

A escola e a catequese, 81

Alcança as crianças nas ruas da Vila, 83

### **III. RETALHOS DOS "USOS": APROPRIANDO ADAPTANDO, CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO A VILA, 88**

No espaço de habitação, 90

A apropriação da moradia, 91

O despertar, 98

As lidas domésticas, 99

A nutrição, 100

O uso da água, 102

O uso da lenha, 105

Repousar, 106

Relações de vizinhanças: solidariedade, conflitos, controle e diferenças, 108

- "Intimidade impossível", 108
- Momentos de solidariedade, 110
- Transgressões, 112
- Controle, 115
  - Controle da sexualidade e de outros comportamentos, 117
- Outros olhares, 119
- Espaços e momentos de sociabilidade, 125
  - Circular, 127
  - Distrair, 131
  - Pausa na rotina, 134
  - Lugares de encontros: espaços de amizades, namoros e manifestação de fé, 137
    - Vestir, 138
    - Dançar, 141
    - Brincar/jogar/torcer, 144
    - Rezar, 147
    - Namorar, 152

#### **IV. TEMPO DE INFÂNCIA: IMAGENS DAS CRIANÇAS DA VILA OPERÁRIA , 156**

- Nascer, 157
- Primeiras vestes e alimentação, 160
- A vida da criança na moradia, 161
- Pelas ruas da Vila, 163
  - As crianças trabalhavam, 164
  - As crianças brincavam, 166
- A Escola, 170
- A catequese, 175
- As atividades conduzidas pelas freiras, 178
  - Times de futebol, 179
  - Coral infantil, 179
  - Banda de música, 180
  - Outras atividades, 182

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

- A RETIRADA , 187**

#### **FONTES BIBLIOGRÁFICAS, 193**

- Livros, 193
- Monografias e dissertações, 201
- Boletins e jornais, 202
- Filmes, 203
- Leis e Atas , 203
- Entrevistas, 204

## INTRODUÇÃO

### A LEMBRANÇA COMO RETRATO DA MEMÓRIA

*Assim como falham as palavras quando  
querem exprimir qualquer pensamento,  
assim falham os pensamentos quando  
querem exprimir qualquer realidade.  
(Fernando Pessoa, 1917)*

Minha família retornou para Criciúma em 1971. Fomos morar no bairro chamado São Cristóvão, antigo 25.<sup>1</sup> Meus tios moravam na Vila Operária da Próspera e eram as únicas pessoas que visitávamos quando eu era criança. Para chegar até suas casas, saíamos do bairro em que morávamos, seguindo a linha do trem.<sup>2</sup> Eu já havia visto o trem da casa em que morava, mas nunca de perto. Quando o mesmo passava, as crianças se reuniam na esquina e começavam a cantar “café com pão, manteiga não”, imitando o ritmo de seu barulho. Naquele

---

<sup>1</sup> Meus pais nasceram em Imarni (SC). Moraram em Criciúma de 1963 a 1965 e retornaram em 1971. Os bairros da cidade recebiam nomes de acordo com a nomenclatura das minas. Ora eram designados por nomes, ora por números. O bairro “25” ficou desta forma conhecido porque, nesta localidade, havia uma mina de número 25 pertencente à Carbonífera Próspera.

<sup>2</sup> Esta Vila era habitada por trabalhadores mineiros e suas famílias, foi construída pela mineradora Carbonífera Próspera S. A. Em toda a cidade de Criciúma, as Vilas Operárias constituíram-se próximas das minas.

<sup>3</sup> Para construir a estrada de ferro, foi necessário atravessar um morro, dividindo-o ao meio. A este espaço os moradores chamavam de “Corte”.

domingo, voltávamos das casas dos tios, pelo Corte,<sup>3</sup> eu de mãos dadas com minha mãe. A linha do trem era dupla e em um instante ouvi o conhecido ritmo “café com pão...”. Duas enormes locomotivas se aproximaram, uma de cada lado e nós no meio das duas linhas do trem. Assustada, soltei a mão de minha mãe e corri mais do que podia para o trem não me alcançar...

Registro, neste trabalho, algumas imagens que ficaram retidas em minha memória porque me foram significativas na infância e, igualmente, misturam-se com as narrativas das histórias de vida das pessoas que conheceram ou habitaram a Vila Próspera, compondo e alimentando meu imaginário.<sup>4</sup>

José da Silva veio para Criciúma, em 1951, com sua família.<sup>5</sup> Contava seis anos de idade. Nunca havia visto o trem. O meio de transporte utilizado pelas pessoas que se deslocavam do litoral para vir até Criciúma era, o “trem horário”, trem de passageiros, com vagões para trazer carga. Sua família saiu do Ribeirão<sup>6</sup>, tomou o trem em Tubarão ( SC) e veio para Criciúma:

*Eu vim para cá com seis anos, eu vi o trem e fiquei assustado. Nós saímos de madrugada do Ribeirão, subindo morro, com saco de coisas. Eu lembro direitinho quando chegamos em cima do morro, era o “Morro da Maricota”. Meu pai disse assim: - “Lá está a siderúrgica. Era siderúrgica lá de Tubarão, o lavador, tudo iluminado...era tudo novidade. Ai nós viemos, e quando chegamos de manhãzinha, (na Estação ferroviária de Tubarão)... De repente o trem buzinou e veio aquela máquina com os vagões, eu nunca tinha visto um trem. Eu não estava preparado para esse negócio do*

<sup>4</sup> O trem era um dos elementos que fazia parte da configuração da Vila. Introduzi no texto a lembrança do trem porque para mim foi bastante significativo e pelas narrações que ouvi, foi também significativo para outras pessoas.

<sup>5</sup> José da Silva nasceu em 1945, em Ribeirão, distrito de Laguna e veio para a Próspera em 1956. Entrevista concedida em 1996.

<sup>6</sup> Ribeirão é uma localidade do município de Laguna, SC.

*trem. Daí nós entramos no trem e eu lembro assim da viagem que entravam pessoas, saíam pessoas, e vinha gente vender cocada e vinha gente vender cartucho, vinha gente vender laranja, e vinha gente vender água... Quando parava o trem na estação entrava aqueles guris para vender as coisas. Achei interessante isso aí.<sup>7</sup>*

Ao recordar, as pessoas atribuem significados diferentes para o passado, mesmo que tenham habitado o mesmo ambiente, na mesma temporalidade, em condição social equivalente. A história da Vila Operária Próspera emerge das experiências de vida das pessoas que habitaram este lugar e que me foram relatadas.

Em sua ampla maioria, estas pessoas eram crianças na época do recorte desta pesquisa, década de 1950.<sup>8</sup> Desta forma, as lembranças da infância circulam por todos os capítulos, pois a reconstrução dos diferentes lugares dentro da Vila envolvem suas recordações e representações<sup>9</sup> e aproximam-se das reflexões de Eclea Bosi, ao referir-se às elaborações realizadas pelas pessoas, ao recordarem seus tempos de infância. As lembranças da infância apresentam-se largas, quase sem margens; os jardins, as flores, as casas, as brincadeiras são todas descritas e narradas com muitos detalhes e afeto.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> Lembrança de José da Silva. Entrevista concedida em 1997.

<sup>8</sup> Por que este "recorte"? No ano de 1945, deu-se início a uma série de projetos sociais que envolveram as famílias dos operários mineiros. Na Vila da Próspera muitos destes projetos foram viabilizados e tiveram a participação efetiva das freiras pertencentes à Congregação Divina Providência. As freiras moraram na Vila de 1954 a 1961, sendo que sua permanência neste espaço, representa a fronteira temporal da pesquisa problematizada no corpo deste trabalho.

<sup>9</sup> No último capítulo, as recordações fazem referência aos significados de ser criança na Vila Operária.

<sup>10</sup> BOSI Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987. p. 336

Entendendo “lugar” como um espaço de múltiplas relações, que não pode ser considerado isoladamente da população que o utiliza de alguma forma, *o lugar determina as relações e estas o lugar*,<sup>11</sup> a construção deste texto se desenvolve procurando mostrar, em um primeiro momento, que se materializa nos dois primeiros capítulos, o projeto de funcionalidade do espaço construído pela mineradora e as diversas tentativas de disciplinarização da força produtiva. Porém, tendo a compreensão de que as pessoas não se encontram passivas, ao contrário, que reinventam e recriam o espaço, as práticas de seu uso, “as maneiras de fazer”, circulam dentro do texto, mas, nos dois últimos capítulos, será dado destaque e discussão mais aprofundada às “maneiras de fazer”, de reelaborar o espaço.

O trabalho de lembrar, de contar as lembranças, evidencia detalhes de um momento histórico, de modos de vida, que não são encontrados em documentos escritos. A história oral, portanto, torna-se uma fonte importante para trabalhar, não apenas histórias de vida, mas, alinhavá-las à história de uma vila, de uma cidade.

A história oral, na atualidade, aparece como uma alternativa à história oficial, que considera apenas os documentos escritos como fontes “verdadeiras” para a consulta histórica.<sup>12</sup> Por meio dela, podemos valorizar experiências de vida das chamadas “pessoas comuns”, que de tantas formas contribuíram e contribuem na construção histórica da humanidade. É neste sentido que encontro as palavras

---

<sup>11</sup> SILVA, Armando Corrêa da. *O Espaço Fora do Lugar*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

<sup>12</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

de Roger Chartier, ao refletir sobre os diferentes focos de interesses que acompanharam a história da história neste século: *a micro-história pretende construir, a partir de uma situação particular normal porque excepcional, a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e seus confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem*.<sup>13</sup> A escrita da história, a partir da percepção de toda uma rede de relações que compõem o mundo social, das experiências e situações singulares vividas, dá oportunidade de voz a mulheres, crianças, pessoas de classes sociais diferentes e etnias diversas, as denominadas “pessoas comuns”. Suas experiências de vida podem, então, ocupar lugar na história, como coloca Geneviève Bollême, ao escrever sobre como tem se manifestado a escrita das histórias do povo: *o relato, o escrito, o livro são aventuras de uma reivindicação existencial*.<sup>14</sup> Pelo registro, a memória permanece enquanto o mundo se modifica. No entanto, é importante colocar que o registro ou a escrita da história é sempre uma representação e, ao ouvir as palavras de uma de minhas tias, tia Maria, tentei transpor para um outro discurso o que sua fala poderia representar: *uma coisa é a gente lembrar e ninguém escrever, a lembrança quando escrita vira história, né minha filha?*<sup>15</sup> Tia Maria não passou por bancos acadêmicos, mas com sua experiência de vida expôs algo muito comum nas sociedades da escrita: a constituição de lugares de memória, objeto de estudo do historiador francês, Pierre Nora, que afirma: *Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidades de lhes consagrar*

---

<sup>13</sup> CHARTIER, Roger. “A história de Hoje: dúvidas, desafios, propostas”. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, nº 13, 1994. p.97-113.

<sup>14</sup> BOLLÊME, Geneviève. *O Povo por Escrito*. Lisboa: Martins Fontes. p.201.

<sup>15</sup> Maria Barcelos de Oliveira nasceu em Criciúma em 1937; mora na Próspera desde 1956.

*lugares. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato sentido.*<sup>16</sup>

O ritmo de vida das pessoas na sociedade moderna fez com que o hábito de contar a vida ou de repetir os gestos desaparecesse e, em seus lugares, surgissem os arquivos, os livros, “a memória de papel”, como chama Pierre Nora.

*A memória é um fenômeno atual, um elo vivido no eterno presente.*<sup>17</sup> É importante, porém, não esquecer o que Ecléa Bosi nos coloca: *Lembrar não é reviver, mas refazer.*<sup>18</sup> O elo entre o passado e o presente é sempre reconstruído por aqueles que lembram. Desta forma, buscar as lembranças é realizar trabalho, como ressalta Marilena Chauí.<sup>19</sup> Trabalho este que se efetua, tanto por aquele que ouve quanto por aquele que narra, pois as lembranças, tantas vezes surgem furtivas, simbólicas, misturam os acontecimentos com os sonhos, censuram fatos e pensamentos. A sociedade moderna já não busca em seus velhos o conhecimento do passado. Os gestos, as cantigas, as histórias já não são mais aprendidas pela oralidade. Diante da possibilidade de se perder a habilidade da oralidade, substituindo-a cada vez mais pela escrita, pelas imagens e pela informática, percebo a necessidade dos registros históricos e da busca daqueles que contam suas vidas.

Assim, por meio da memória de meus narradores, vou amarrando

---

<sup>16</sup> NORA, Pierre. “Entre Memória e História: A Problemática dos lugares”. (Trad. de Yara Khouri) PROJETO HISTÓRIA/10- PUC/SP. 1993 .p.8.

<sup>17</sup> NORA, Pierre. Op. cit. p. 9.

<sup>18</sup> BOSI, Ecléa. Op. cit. p.17.

<sup>19</sup> CHAUI, Marilena. Apresentação. In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1987.

lembrança com lembrança, como uma tecelagem, construindo conjuntamente a representação da Vila Operária que agora realizo. *A memória é vida carregada por grupos vivos*, nos diz Pierre Nora.<sup>20</sup> Sendo viva, a memória está em constante movimento que transforma as lembranças de acordo com as mudanças pelas quais passam quem lembra. Hoje posso recordar algo. Passados alguns instantes, já não lembro. Preciso às vezes de estímulos para lembrar. Marcel Proust nos fala do paladar.<sup>21</sup> Foi através do sabor do “doce madalena” que recordou a casa, o quintal, o bairro e a cidade de sua infância. Lidar com memória é encontrar lembranças e esquecimentos. Muitas vezes, esquecer representa uma vontade inconsciente ou, por vezes, consciente, para não deixar fluir lembranças desagradáveis, como mostram os casos que seguem.

Outro dia, buscando quem lembrasse da Vila da Próspera na década de 50, encontrei uma senhora que me disse : *O que você quer saber eu não posso lhe contar, não lembro de meu tempo de menina, ou de mocinha, tive um problema de saúde e esqueci tudo. Posso apenas dizer que conheço todos nessa rua. Meus filhos moram por aqui, ninguém pode falar mal de mim. Mas daquele tempo, não recordo.*

Do mesmo modo, Dona Olga Borges Felisberto também não pôde contar nada e recusou uma entrevista, afirmando o seguinte: Não, eu não quero lembrar estes tempos, não quero sofrer novamente. Faz apenas dois anos que ela perdeu dois filhos, ambos de morte trágica, e lembrar o passado seria lembrá-los quando

---

<sup>20</sup> NORA Pierre. Op. cit. p. 9.

<sup>21</sup> PROUST, Marcel No Caminho de Swann. In: *Em busca do Tempo Perdido*. Porto alegre: Globo.

crianças, o que a mesma não quer fazer para não sentir novamente a perda.

Estas recusas apresentam-se de formas diferentes mas representam, no silêncio da memória, o processo de lembrança e de esquecimento. Michael Pollak reflete sobre as zonas dos “não ditos”, dos silêncios que envolvem memórias coletivas e individuais.<sup>22</sup> São silêncios de experiências desagradáveis jogadas para o esquecimento, porque trazem de volta situações angustiantes, conflituosas, emoções dolorosas. Em muitas ocasiões, a vontade de não mais recordar instala-se no inconsciente, causando amnésias. Outras vezes, esquecer é uma opção e o silêncio manifesta-se simplesmente no ato de calar, de não relatar.

Entre as vozes do silêncio e das recordações, os narradores, nesta pesquisa, foram imprescindíveis. Nosso encontro aconteceu depois de minha participação na Festa da Próspera - PROFEST, em 1995. Nessa festa, colaborei na organização da chamada “Casa da Cultura”, e na oportunidade entrei em contato com algumas fotografias das casas dos operários mineiros.<sup>23</sup> Para montar a exposição fotográfica, pesquisei, com outras pessoas, um pouco da história da Vila. Em seguida, elaboramos alguns textos que ajudaram a comunicação da história congelada nas imagens.<sup>24</sup> O trabalho de organização desta exposição contribuiu

---

<sup>22</sup> POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Associação de Pesquisa e Documentação Histórica. São Paulo: Editora dos Tribunais Ltda. 1988.

<sup>23</sup> Durante os anos que seguiram 1994 a 1996, foram realizadas festas na Próspera e em outras regiões da cidade, festas que antecipavam a QUERMESSE ( festa tradicional da cidade). Eu participei, em 1995, com outras pessoas, da organização das exposições do local denominado “ Casa da Cultura da PROFEST”. A “Casa da Cultura” era um lugar onde se expunham trabalhos artesanais dos clubes de mães e artistas plásticos do bairro, bem como exposição fotográfica da história da Vila que datavam cerca de 45 anos atrás.

<sup>24</sup> Claro que naquele momento não tinha esse entendimento, a elaboração deu-se mais em nível empírico que de conhecimento acadêmico.

ara o encontro com a temática que desenvolvi em minha monografia do curso de especialização em História.<sup>25</sup>

Miriam Moreira Leite<sup>26</sup> coloca que, ao lidar tanto com fotografia quanto com outras imagens, assim como documentos escritos, estamos lidando com representações que aguardam um leitor para decifrá-las. Isto, porque as fotografias representam fragmentos da realidade, construídos com intenções diversas. O fotógrafo, ao produzir um retrato, manipula o cenário pelo ângulo escolhido, onde pode introduzir ou omitir detalhes.<sup>27</sup> Isso ficou evidente nas fotografias da Vila, pois nas fotos elaboradas pelos proprietários da mineradora, o ângulo escolhido mostrava uma vila enorme, com casas alinhadas e de boa aparência, o que não conferia com a descrição do boletim médico e nem com as narrações dos habitantes.<sup>28</sup> Por outro lado, as lembranças dos narradores foram motivadas pelo encontro com as fotografias e delas surgiram fatos, sentimentos, emoções, detalhes do cotidiano que estavam esquecidos na memória. A fotografia também despertou minha curiosidade e foi fundamental na aproximação com os moradores que se encontram nesta pesquisa com os narradores: *A senhora lembra deste lugar? Que lugar é esse? Essas pessoas são conhecidas?* Muitos com os olhos voltados para o passado, interligavam suas experiências com as de outros, o que me fez lembrar as palavras de Walter Benjamin : *O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros.*

---

<sup>25</sup> COSTA, Marli de Oliveira. *A Casa Operária na Vila Próspera: Criciúma/ 1938-1948*. Monografia de conclusão do curso de Especialização em História. Tubarão: UNISUL, 1996.

<sup>26</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família*. São Paulo: EDUSP, 1993.p.23.

<sup>27</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática,1989.p.69.

<sup>28</sup> Problemas Médicos Sociais da Indústria Carbonífera Sul Catarinense. DNPM. Boletim nº 25. 1952. Arquivo particular do historiador criciumentense Mário Beloli.

*E incorpora as coisas narradas à experiências de seus ouvintes.*<sup>29</sup> No papel também de narradora, incorporo, às minhas, as experiências que me foram narradas, e nos capítulos desta dissertação, procurarei dar forma para a história do cotidiano das pessoas na Vila Operária da Próspera, que, na década de 50, representa não apenas um espaço construído e delimitado por um modelo econômico e político, mas também, um espaço permeado pelas apropriações e reconstruções realizadas por seus usuários: homens, mulheres e crianças que viviam em função do trabalho nas minas de carvão. Ao tentar sublinhar este momento histórico, encontro as palavras de Roberto Da Matta : *Tudo indica que não se pode, de fato, falar de espaço sem falar de tempo.*<sup>30</sup> pois cada espaço construído pela sociedade humana tem suas próprias temporalidades. Penso na própria medida do tempo, que neste momento está em função do trabalho nas minas e que envolve o seu entorno: a vida cotidiana na Vila Operária. Portanto, posso dizer que esta pesquisa tenta reconstruir o tempo em que as pessoas viviam em função da mineração, sendo que este sistema de trabalho alcançava suas vidas fora das minas, no espaço de moradia e entretenimento. Experiências semelhantes acontecem em outros lugares e em outros tempos, como no século XIX, Europa, minas de carvão na França.<sup>31</sup>

A indústria extrativa de carvão em Criciúma viveu momentos de apogeu entre os anos após a Segunda Guerra Mundial até o último "boom" do carvão que

---

<sup>29</sup> BENJAMIM, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.201.

<sup>30</sup> DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.30.

<sup>31</sup> Como as descritas no livro *Germinal*. ZOLA, Emile. *Germinal*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

aconteceu de 1973 a 1985, quando outras indústrias se fortalecem na cidade.<sup>32</sup> O território que compreendia a Vila Operária era de propriedade da Carbonífera Próspera S.A. A paisagem da composição da Vila, construída pela mineradora, era composta por estruturas que atendiam às necessidades de subsistência dos operários mineiros e suas famílias.

Neste sentido, para além da composição natural do lugar, que levou a exploração do carvão, o espaço enquanto invenção social é resultado da combinação de fatores humanos: econômicos, sociais e culturais e abre-se como “possibilidades” de múltiplas práticas. De um lado, a ordem inventada na composição do lugar pela mineradora, que buscava a disciplina da força do trabalho pela organização espacial, disciplina que, na década de 50, é acompanhada de projetos de higienização e saúde nas Vilas Operárias; de outro lado, as “possibilidades” de práticas realizadas pelos usuários, pois como coloca Michel de Certeau, *quando se escapa a disciplina se reinventa o espaço*.<sup>33</sup> Os moradores não permaneceram passivos, mudaram, reinventaram e apropriaram-se, colocando na casa que habitavam, na Vila que circulavam, nos lugares de entretenimento, as suas marcas pessoais. Detalhes das experiências da vida cotidiana que, muitas vezes, são esquecidos e que, no entanto, constituem formas de viver que caracterizam e constroem uma sociedade. As relações, presentes no cotidiano das pessoas, evidenciaram um pouco dos “usos” deste espaço

---

<sup>32</sup> Em 1931 o governo iniciou a proteção ao carvão nacional. Durante o período da II Grande Guerra, o país não pode importar carvão para suprir as necessidades do consumo de energia. Então, o governo investiu no carvão nacional, criando incentivos para a sua exploração. Desta forma, Santa Catarina, respectivamente Criciúma e região, passaram a receber um grande contingente de mão-de-obra para o trabalho na extração do mineral.

<sup>33</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 177/178.

específico, as “maneiras de fazer” que *constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam pelas técnicas da produção sócio-cultural*.<sup>34</sup>

Assim, no primeiro capítulo — “A Vila na Vida...”, o espaço ocupado pela Vila Operária Próspera é evidenciado: suas ruas, casas, a estrada de ferro, os estabelecimentos de compra, enfim, tudo o que compunha a configuração espacial de uma área em torno da mineração. Abordarei, também, partes da história da mineração em Criciúma e da história da Carbonífera que construiu a Vila,<sup>35</sup> utilizando escritos de historiadores e sociólogos da cidade.<sup>36</sup>

Para compreender as relações da empresa com a construção de vilas operárias, encontrei bibliografias que abordam as relações de trabalho no capitalismo e a construção de Vilas Operárias voltadas para a disciplina e o controle da força produtiva.<sup>37</sup> Desta forma, percebi, no projeto de consolidação da Vila, as estratégias de dependência e controle dos trabalhadores à empresa, que se evidenciaram com projetos de higienização e disciplina do trabalho, por meio da autoridade religiosa e da autoridade médica. Os projetos referentes a estas questões, como a população os recebeu e os utilizou é o que aborda o segundo capítulo.

No segundo capítulo — *Vila Operária: Para além da habitação, um espaço de disciplina*, abordarei a entrada, no cenário da Vila, principalmente, a

---

<sup>34</sup> CERTEAU, Michel. Op. cit. p. 41.

<sup>35</sup> Entendo que isso é importante, para uma compreensão de todas as experiências cotidianas que aconteceram naquele momento e foram vividas pelas famílias operárias.

<sup>36</sup> José Paulo Teixeira, Terezinha Volpato, Mário Beloli, Otilia Arns e Carlos Renato Carola.

<sup>37</sup> Margareth Rago, Marisa Varanda Carpintéro, Maria Auxiliadora Guzzo Decca, Friedrich Engels e outros.

partir de 1953, da CEPCAN — Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional, do SESI — Serviço Social da Indústria, e da Igreja Católica, representada pelas freiras da Congregação da Divina Providência. Com essas autarquias e a figura das Irmãs, foram desenvolvidos projetos de saúde e higiene nas famílias; foram criados espaços culturais e de lazer, que atingiram tanto os trabalhadores mineiros quanto suas famílias. Para elaborar esse capítulo, foram necessárias, além das entrevistas, consulta em jornais e boletins médicos, e para compreender esse momento na história da cidade, além dos autores utilizados no capítulo anterior, busquei inspiração em Michel Foucault, Luce Giard, Philippe Ariés, Moema Viezzer e outros autores, citados anteriormente na apresentação do primeiro capítulo.

A mineradora elaborou projetos de casas para seus trabalhadores, ofereceu-lhes uma infra-estrutura para sua sobrevivência, de modo que estes não necessitassem sair da Vila para satisfazer tanto as necessidades de alimentação, vestuário quanto de lazer. A forma como os usuários deste espaço irão dele se apropriar e nele colocar sua marca existencial é o que segue no terceiro capítulo.

*Retalhos dos “usos”: apropriando, adaptando, construindo e reconstruindo a Vila*, terceiro capítulo, costura as relações das pessoas com o espaço que ocupam e entre si. Abordará, na vida privada das famílias, as “artes de fazer”, que modificam o espaço doméstico fornecido pela mineradora. Dará visibilidade, nas relações de vizinhança aos momentos de solidariedade, conflitos e controle, bem como nos espaços de sociabilidade, outras “maneiras de fazer” criam e recriam esses espaços permeados de transgressões à ordens estabelecidas.

A inspiração vem principalmente de Michel de Certeau<sup>38</sup>, que encontra na cultura popular as “artes de fazer” que driblam ordens, e descobrem, mesmo diante das dificuldades, formas criativas de sobreviverem às dificuldades da vida. Além de Michel de Certeau, Pierre Mayol, Michele Perrot, E.P. Thompson, outros autores contribuíram para que eu pudesse alinhar as experiências dos moradores da Vila com outras experiências vivenciadas em lugares diferentes.

No último capítulo, buscarei a criança enquanto sujeito histórico. Será dado ênfase às práticas realizadas pelos filhos e filhas dos mineiros em seu lugar de moradia, evidenciando os “usos” que estes fizeram deste espaço, com suas “trapaças”, jogos e recriações.

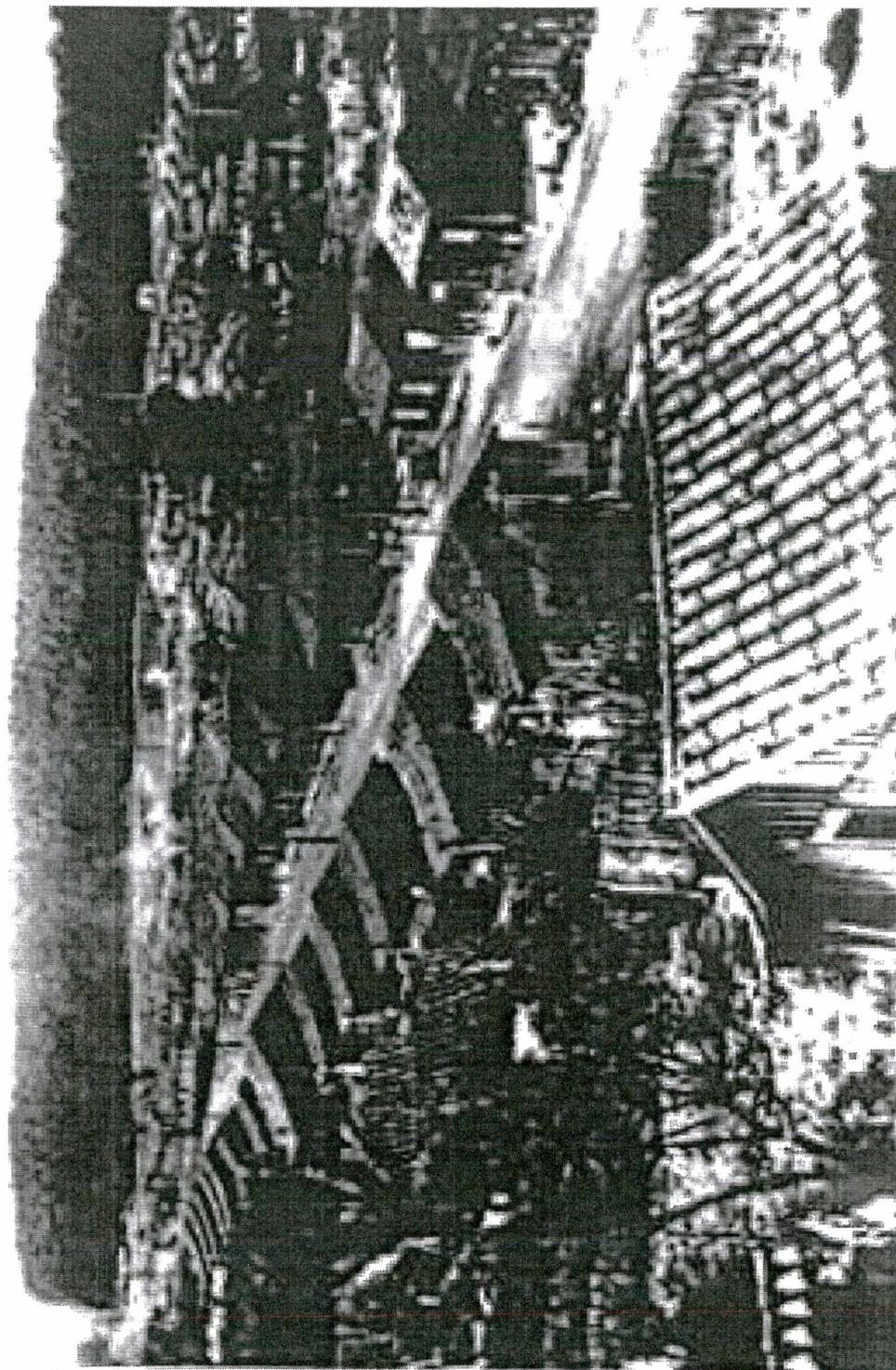
*Tempo de Infância : As Imagens das Crianças na Vila Operária*, quarto e último capítulo, mostrará um pouco da história da criança, filha e filho de mineiro. As brincadeiras, a educação e o trabalho que estas efetuam na Vila marcam a particularidade de suas vidas. Para tanto, a história oral foi a principal fonte, pois as pessoas entrevistadas, em sua maioria, eram crianças no tempo datado desta pesquisa. Os teóricos que consultei inspiraram-me nas amarrações do capítulo.<sup>39</sup>

Convido os leitores a passearem por esta temporalidade que envolve um espaço particular, refugiados na memória e expostos na fala daqueles que, com paciência e alegria, ofereceram a oportunidade de outras pessoas conhecerem um “jeito de viver”, uma marca de existência.

---

<sup>38</sup> CERTEAU, Michel. Op. cit. p.77.

<sup>39</sup> Philippe Ariés, Luciana Esmeralda Ostteto, Walter Benjamin, Reinaldo Luiz Damásio, Maria Alice Setúbal da Silva e outros.



Vista Parcial da Vila Operária Próspera. Estrada Geral. Criciúma ( déc. de1940)  
Arquivo particular de José da Silva

## CAPÍTULO I

### A VILA NA VIDA: ERA UMA CASINHA BEM SIMPLES, NÓS DORMÍAMOS TODOS NOCHÃO.<sup>40</sup>

*...Usina para suplementar a energia da Siderúrgica Nacional para movimentar a parte mecanizada. Escola criada e custeada pela sociedade com matrícula de 200 filhos de mineiros. Estrada de ferro, lavador mecânico para a separação das impurezas do carvão. 500 casas que abrigam aproximadamente, 2000 pessoas, com empório, açougue, padaria, etc..<sup>41</sup>*

Quem chegava a Criciúma pelo município de Içara, como eu, quando menina, em 1971, encontrava, logo de entrada, a Vila Operária da Próspera. Quem vinha de ônibus passava pelo centro da Próspera. A única imagem que agradava aos olhos era a igreja de cor bordô, com seus vitrais coloridos. Ao lado desta, era visível a caixa de embarque do carvão, com sua aparência sombria e em sua volta, uma série de casas operárias com o mesmo aspecto sombrio.

---

<sup>40</sup> Fala de José da Silva, entrevista de 1996.

<sup>41</sup> Narração de um filme produzido pela CSN, em 1955, depois que esta adquiriu a maioria das ações da Companhia Brasileira Próspera.

O cheiro de enxofre pairava no ar, a poeira do carvão das ruas tingia até mesmo as folhas das poucas árvores ali existentes. Seguindo a rua, próximo ao escritório da então Carbonífera Próspera S.A, a paisagem mudava, e deparávamos com uma seqüência de casas de alvenaria e outras de “costaneiras” em excelentes condições de habitação.<sup>42</sup> Nestas casas moravam os capatazes e alguns funcionários do setor administrativo da empresa, demonstrando como a divisão social do trabalho se refletia no local de moradia e na espacialidade topográfica social. Paralelo à rua principal da Próspera, seguia a linha do trem, que transportava o carvão até o porto de Imbituba.

A composição geral deste panorama dos anos 70 não difere muito dos anos 50. O trabalho na cidade de Críciúma continuava centralizado na mineração, e o espaço enquanto invenção social estava ligado às relações de trabalho. José Paulo Teixeira<sup>43</sup> coloca que o fim do “exclusivismo” da mineração, inicia-se em meados dos anos 60 e na década de 70, quando alguns empresários da cidade começaram a investir em outros ramos industriais como a cerâmica e o vestuário. O espaço da cidade que, até então, era voltado totalmente para a indústria extrativa do carvão, vai, pouco a pouco, modificando sua configuração e isto atinge também as Vilas Operárias. Por exemplo, a Estrada de Ferro D. Teresa Cristina, que cortava a Vila Próspera e atravessava o centro da cidade, foi substituída pela Avenida Centenário, inaugurada em 1975.<sup>44</sup> Esta mudança modificou bastante a

---

<sup>42</sup> As casas de “costaneira” eram assim denominadas pelos moradores em função de sua aparência; de cor marrom e sobrepostas horizontalmente.

<sup>43</sup> TEIXEIRA, José Paulo. *Os Donos da Cidade*. Florianópolis: Insular, 1996.

<sup>44</sup> A construção da Avenida Centenário é uma das ações realizadas pelas autoridades e instaura um projeto de higienização na cidade. Em volta da estrada de ferro, muitas pessoas pobres colocaram suas casas, estas casas que foram transferidas para a periferia da cidade, como o bairro Teresa Cristina, sendo que o centro ficou “limpo”.

configuração da Vila. Este movimento de alteração física do espaço mostra como os fatores sociais sobrepõem-se aos geográficos, interferindo, transformando-os e os adaptando às necessidades humanas. Nesse sentido, o significado é dado pelos sujeitos sociais.

Para compreender a história deste espaço é preciso situar-se, vê-lo, senti-lo, Perceber as mudanças que aconteceram ao longo do tempo, no local em que foi construída a Vila Operária Próspera. Transita-se assim, de um momento em que o ambiente é visto como pré-determinado e determinante para ser entendido como algo transformado e datado de significado para aqueles que “utilizam o espaço”.



Caixa de embarque do carvão, década de 1940.

Arquivo particular de Fernando Carneiro.



Casas de alvenaria, construídas na década de 1950.

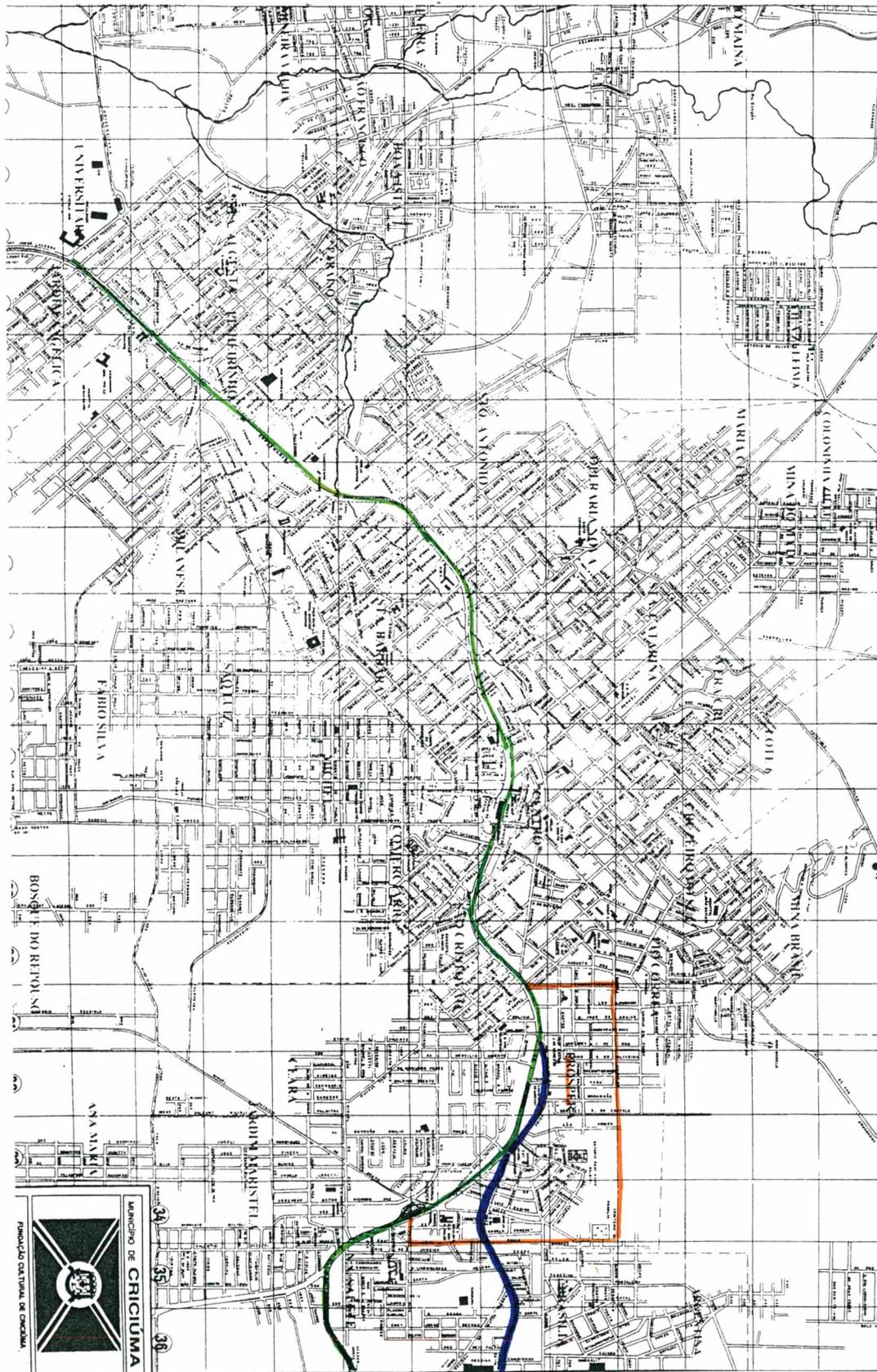
### **Antes da mineração**

A região hoje denominada Grande Próspera situa-se ao lado leste do centro da cidade de Criciúma. A Vila Operária da Próspera chama-se, atualmente, Bairro Próspera. Quem vem pela do centro da cidade de Criciúma pela Avenida Centenário, depois do posto de gasolina “Ipiranga” encontrará o limite que marca o início do Bairro Próspera. Seguindo esta direção chegará ao seu limite final, no atual terminal urbano da Próspera. Partindo do lado leste do bairro, que inicia a 100 metros depois do cemitério do Bairro Brasília, segue para a direção oeste, terminando 200 metros antes do “Colégio Estadual Rubens de Arruda Ramos”, respectivamente, no trevo da Rua Miguel Patrício de Souza.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Dados coletados a partir da consulta à lei 2.723 de 24 de junho de 1992, que alterou os limites do Bairro Próspera definidos na lei nº 2.096, de 14.10.85.

Paralelo à Avenida Centenário, onde inicia o Bairro, existe a Rua Osvaldo Pinto da Veiga, que nos anos 50 era conhecida como “Estrada Geral”, e, anterior a este período, “Estrada da Linha das Antas”. A Rua Osvaldo Pinto da Veiga atravessa toda extensão da região denominada Próspera.



Naquele tempo, anterior aos anos 50, a topografia física da Vila era composta por cachoeiras que formavam pequenos lagos, que resistiram, até meados dos anos 40, aos rejeitos do carvão neles depositados. Os irmãos Elisa e Avelino recordam: *havia uma cachoeira gostosa, a gente lavava nas pedras, acabou tudo* e Avelino acrescenta: *Cansei de pegar rã, tinha peixes, traíra e cará.*<sup>46</sup>

A Vila era circundada por dois morros cobertos de Mata Atlântica que, embora parcialmente destruídos, ainda representam um pouco do verde de toda Criciúma atualmente. Um morador da Próspera ou quem por ali passasse podia avistar acima do antigo escritório da Carbonífera, o “Morro do Castelo” e, acima do atual *Shopping Center* Criciúma, o “Morro do Céu”.<sup>47</sup>

É importante destacar um pouco deste panorama, porque, nos anos 50, a paisagem vem a ser o que podemos denominar de “lunar”: o verde foi pouco a pouco destruído, os rios e cachoeiras secaram, os peixes morreram. Como recorda D. Lurdes:<sup>48</sup> *Eu me lembro quando eu era mocinha novinha, aqueles peixes tudo morto, boiando de dar dó. Foi a água da mina que entrou dentro do rio.* Segundo o próprio sindicato dos mineradores, 70% a 80% da área territorial de Criciúma, degradada pelos rejeitos da mineração, tem como a principal responsável, a antiga Carbonífera Próspera.<sup>49</sup>

<sup>46</sup> Avelino Nestor Martins, 69 anos. e Elisa Martins. 71 anos. são irmãos. Vieram de Pescaria Brava, município de Laguna SC, para a Próspera, com sua família, em 1942. Entrevista concedida em 1996.

<sup>47</sup> “O Morro do Castelo e o Morro do Céu são denominações dadas pelos moradores ao morro para o Morro Cechinel e para o Morro Augusto Casagrande nos dias atuais.

<sup>48</sup> Lurdes Daré Pizzetti Machado nasceu na Próspera em 1943, filha de Irene Daré Pizzetti e Martin Pizzetti, casada com Assis Machado. O casal tem três filhos.

<sup>49</sup> TEIXEIRA, José Paulo. Op. cit. p.50.

Antes da mineração, a região que formou o núcleo da Vila Operária era habitada principalmente por colonos, imigrantes italianos, e seus filhos. Dona Irene recorda o lugar onde moravam as famílias dos colonos, imigrantes europeus, e seus descendentes, no tempo em que era criança. Recorda também como era este lugar.<sup>50</sup> A casa de Dona Irene, hoje, situa-se nas proximidades da atual igreja. E é a partir de sua casa que a mesma se localiza. O ambiente onde acontecem os relatos pode ser também revelador, pois a memória não acontece apenas na esfera cerebral; ela atravessa o corpo do indivíduo e chega às paredes da casa, vai até o quintal, passa pelo portão, encontra a rua. D. Irene recorda que: (apontando a frente de sua residência) *Antônio e Assunta Benedete moravam perto do escritório da Carbonifera, para lá. Mais ali, diz ela, perto do campo de futebol, eram os Scotti. Os Pizzetti na estrada que vai para o Bairro Brasília e ali mais um pouco (apontando para cima de sua casa), os Piazza e uns alemães*". D. Irene evidencia em seu modo de localizar-se, uma maneira de lidar com o lugar que vive, que é refletido por Antônio Cândido, ao escrever sobre a mudança na organização do trabalho e na estrutura familiar dos agricultores, que moravam do interior de São Paulo, respectivamente em Rio Bonito, até 1954. O autor diz que a cultura caipira é, em grande parte, uma cultura de bairro e, na relação com o espaço em que vivem, existe uma dependência com o ambiente, uma relação de vizinhança intensa, de onde provém um isolamento cultural.<sup>51</sup> Penso que estes fatores

---

<sup>50</sup> Irene Daré Pizzetti nasceu na antiga Estrada da Linha das Antas, em 12/05/1913. Filha de Antônio Daré, primeiro proprietário de uma mina na Próspera. Casou-se com Martin Pizzetti e teve 11 filhos. A lembrança das casas dos colonos datam aproximadamente de 1913 a 1933, em entrevista concedida em maio de 1998.

<sup>51</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. 5ª edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda, 1979.

contribuem na construção de códigos que são estabelecidos e compreendidos pelos habitantes do lugar. Dai, o sentimento afetivo, íntimo e familiar ao indicar um endereço. É a sensação de pertencimento ao espaço.

D. Irene não esquece que está falando com alguém que não conheceu a Próspera na mesma época que ela e situa cada espacialidade, atualizando-a para o momento presente, “antigamente era assim, hoje é desta forma”. O jeito de D. Irene narrar a localização das moradias das famílias de imigrantes europeus e seus descendentes, na Vila, permite-me obter não apenas um referencial espacial mas também associar sua fala com outras leituras que realizei a respeito da colonização e da história de Criciúma.

Criciúma recebeu a primeira leva de imigrantes italianos no ano de 1880.<sup>52</sup> Algumas famílias se localizaram no centro de Criciúma e outras foram para a região do Rio Maina, a oeste do Centro. A Estrada da Linha das Antas recebeu alguns imigrantes europeus, segundo o relato de Irene, que evidenciou onde estes moravam. Casimiro Tibimcoski diz que a organização do espaço das terras de Criciúma foi feita por meio de Linhas:<sup>53</sup> *Foi então que se começou a organizar a atual Criciúma, executando o levantamento topográfico, abrindo linhas diretas, dividindo-as em colônias, ou seja, lotes numerados. Cada linha recebia um nome ou um apelido para sua identificação.* Estas Linhas, segundo Mário Beloli,<sup>54</sup> foram realizadas pela Cia Torrens, empresa responsável pela abertura de estradas

---

<sup>52</sup> ARNS, Otilia. (coordenadora geral da pesquisa e publicação) *CRICIÚMA 1880-1980: “A Semente deu bons frutos”*. Florianópolis, 1985

<sup>53</sup> TIBIMCOSKI, Casimiro. *Lembranças de Um Pioneiro*. Criciúma, 1992. p.3.

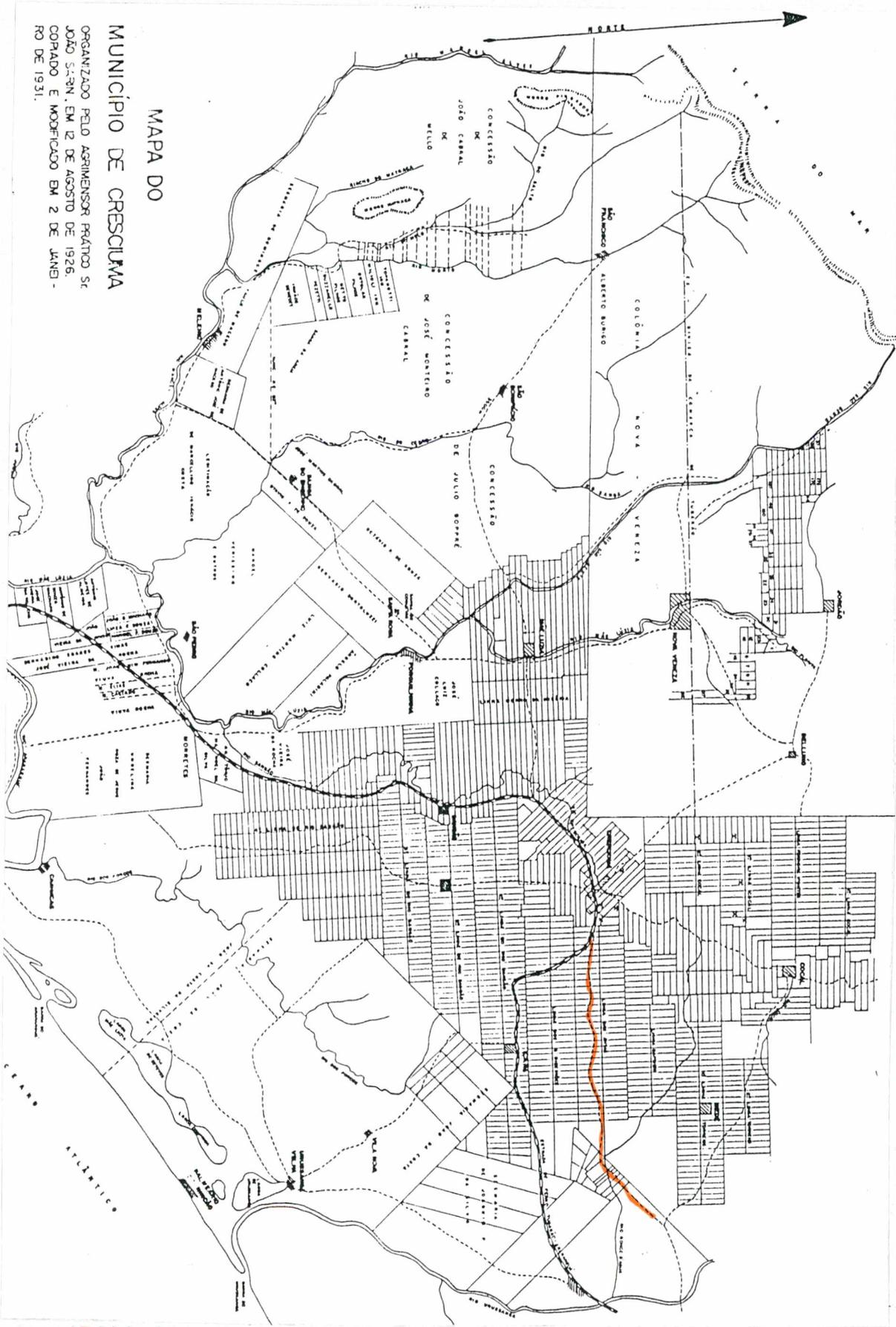
<sup>54</sup> Mário Beloli é historiador da cidade, tem 59 anos e concedeu-me entrevista em dezembro de 1998.

e criada em 1890 para facilitar a colonização. Os agrimensores contratados delimitaram os lotes para facilitar a entrada de novas frentes de imigração. Portanto, em 1890, quando chegaram as primeiras famílias polonesas, a cidade já estava sendo dividida em Linhas e as mesmas se localizaram na região que hoje compreende a grande Próspera, que iniciava com a Linha das Antas. Em suas proximidades, foram abertas a Linha Batista, Linha Cabral, Linha Três Ribeirões e outras. Além dos imigrantes poloneses, outros imigrantes europeus ocuparam esta região. O espaço foi dividido. Se os imigrantes poloneses se localizaram nas regiões que fazem divisa com o municípios de Morro da Fumaça e Içara<sup>55</sup>, os italianos, em número menor, ficaram nas proximidades, onde depois se construiu a Vila Operária,<sup>56</sup> Os alemães localizaram-se entre as duas etnias. Estes colonos, primeiros habitantes do lugar, foram as pessoas que os trabalhadores das minas, vindos do litoral e arredores de Criciúma, encontraram quando vieram trabalhar na Carbonífera Próspera.

---

<sup>55</sup> Linha Batista e Linha Três Ribeirões.

<sup>56</sup> Linha das Antas.



■ Linha das Antas

Os agricultores, antes de descobrirem o carvão, cultivavam a terra. Dela brotavam hortaliças, grãos e frutas, para alimentação. Mas não era suficiente; muitos precisavam trabalhar em outros lugares, como por exemplo, no Rio Grande do Sul, para receberem algum dinheiro e completarem as necessidades de subsistência. D. Irene recorda que seu pai plantava milho, aipim, mandioca, feijão, arroz, mas estas plantações *não dava para vender, era só para o gasto. Então ele saía para fora para poder comprar o queijo, a carne. Para isso, ele tinha que trabalhar fora, cortar pedra, fazer valo de cerca para os colonos, fazer poço para achar água para tomar em casa...*<sup>57</sup> Já D. Rosária recorda que seu pai conheceu sua mãe porque quando trabalhava no Rio Grande do Sul, ficou amigo de alguns italianos que trabalhavam na mineração e moravam em Criciúma e veio passear com estes amigos, sendo que um deles era irmão daquela que veio a ser sua mãe.<sup>58</sup>

Antônio Daré foi um dos poucos colonos que abriu uma mina em suas terras na Próspera. Explorou carvão desta mina, denominada Santa Maria, paralelo à exploração da Companhia Próspera S. A; a mesma foi fechada pelo Ministério da Agricultura devido à extração irregular na década de 1940.<sup>59</sup>

A maioria dos agricultores não possuía recursos econômicos para empreender a mineração. Por isso, um grupo de empresários comprou as terras e adquiriu concessão do governo federal para explorá-las. Assim, iniciou-se a mineração progressiva em Criciúma e também na região da Próspera, a partir de

---

<sup>57</sup> Lembrança de Irene Daré Pizzetti. Entrevista concedida em 1998.

<sup>58</sup> Rosária Meis Sanches Costa nasceu em 1939 na Próspera. Filha de Florindo Meis Málaga, imigrante espanhol, capataz da Carbonífera Próspera e Ana Colle Meis, filha de imigrantes italianos. Rosária foi uma das professoras da E. R. José Martinelli, pertencente à Carbonífera Próspera.

<sup>59</sup> Dados fornecidos por Assis Machado, durante a realização da II PROFEST, em 1995.

1917. José Paulo Teixeira coloca: *Os colonos imigrantes e os primeiros comerciantes vislumbravam essa possibilidade de enriquecimento. Mas o “ouro negro” foi parar em outras mãos: nas mãos de alguns empreiteiros e/ou firmas do Rio de Janeiro que obtiveram do governo concessão do Estado para explorar o cobiçado minério.*<sup>60</sup>

### **A mineração e a Carbonífera Próspera**

Os registros oficiais da cidade de Criciúma datam que o carvão foi descoberto em 1913 e sua exploração deu-se a partir de 1917. A exploração deste minério atraiu para a cidade um grande contingente de operários que veio trabalhar nas minas. A vinda destas pessoas foi facilitada pela construção de um ramal da Estrada de Ferro D. Teresa Cristina, pois esta ferrovia ligava os Portos de Imbituba e Laguna até Araranguá. Em 1919, este ramal ligou a cidade de Criciúma aos respectivos portos para transportar o carvão, que foi assim registrado por Otilia Arns<sup>61</sup>: *20/01/1919 — Passa por Tubarão, procedente de Criciúma e com destino ao Porto de Laguna, o primeiro comboio composto de doze vagões de carvão, transportando cada um cinco toneladas.*

A Estrada de Ferro funcionou como transporte de carvão e de passageiros até meados dos anos 60. Com o fortalecimento da indústria do carvão, sendo seu transporte efetuado via ferrovia, aos poucos, a prioridade para a locomoção do mineral foi tomando conta da função da Estrada de Ferro, situação que levou a

---

<sup>60</sup> TEIXEIRA, José Paulo. Op. cit. p.56.

<sup>61</sup> ARNS, Otilia. Op. cit. p. 183

população a reclamar, como mostra a nota do Jornal Albor de Laguna:

*Até bem pouco tempo alegava-se falta de locomotivas para tracionarem as composições para o transporte de passageiros. Agora porém, ao que se afirma há locomotivas em número suficiente para o movimentado tráfego da via-férrea. Pelo menos os trens carvoeiros cruzam a cidade noite e dia. Será que há preferência aos trens que conduzem carvão.*<sup>62</sup>

Em 1958, data da edição deste jornal, o transporte rodoviário já estava implementado e a utilização da ferrovia, pouco a pouco, foi restrita ao transporte de carvão, pois, quem vinha a Criciúma, nos anos 30 e 40, podia chegar de trem, através da Estrada de Ferro D. Teresa Cristina, também chamada “Ferrovia do Carvão”<sup>63</sup>, que era o principal acesso da região litorânea até Criciúma.<sup>64</sup> A estrada de ferro é uma presença marcante na lembrança daqueles que se deslocavam em busca de trabalho para o sustento de suas famílias, como é evidenciado na fala do Sr. Prudêncio:<sup>65</sup> *Botamos um cobertor e um travesseiro dentro de um saco, pegamos o trem e viemos parar aqui.*

As duas maiores mineradoras da região que utilizavam a ferrovia para transportar carvão era a CBCA, Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá,

<sup>62</sup> O Albor. In: *Os trens de passageiros da “Teresa Cristina” de há muito não mais obedecem seus horários* (Manchete). Tubarão, 29 nov. 1958. O Jornal O Albor era editado na cidade de Laguna e circulava no sul do estado de Santa Catarina.

<sup>63</sup> ARNS, Otília. Op. cit. p. 182.

<sup>64</sup> “O decreto n° 12.478 autorizou a construção do ramal da estrada de ferro no trecho Tubarão – Araranguá em 23/05/1917, sendo que é em 10/01/1919 que acontece a abertura do tráfego provisório entre Tubarão e Criciúma.” ARNS, Otília. (Org.) *Criciúma 1880-1980, “A Semente deu bons frutos”*. Florianópolis, 1985.

<sup>65</sup> Prudêncio Constantino da Silva nasceu em 1915 em Ribeirão, município de Laguna. Veio para Criciúma onde trabalhou, até aposentar-se como mineiro em 1944. Faleceu em Criciúma em 1997. Entrevista concedida em 1996.

fundada em 1918, e a Carbonífera Próspera. Na década de 1940, porém, outras empresas carboníferas entram em cena e dividem a utilização da ferrovia: as Carboníferas Metropolitana e Boa Vista, dos empresários Santos Guglielmi e Diomício Freitas, fundadas a partir de 1945, e a Carbonífera Criciúma, do Grupo Freitas, fundada em 1943.

### *A Carbonífera Próspera*

Fundada em 1920, a Carbonífera Próspera foi uma das primeiras mineradoras estabelecidas em Criciúma. Os primeiros proprietários foram alguns empresários de Urussanga e Cocal.<sup>66</sup> Passou a se denominar “Sociedade Carbonífera Próspera S.A.” quando, ao grupo de empresários de Urussanga e Cocal, associaram-se alguns mineradores cricumenses.<sup>67</sup> O historiador Mário Beloli destaca a instalação da Carbonífera na região da Próspera na edição de 28/01/1998 do Jornal da Manhã: *A sede da Cia foi instalada em uma propriedade de 404.503 metros quadrados, localizada no lote A, nas estradas da Linha Anta, adquirida em 1922, do agricultor Antônio Benedete* Neste local, até a década de 1990, funcionou o escritório da empresa, perto das primeiras “bocas” de minas,

---

<sup>66</sup> Jornal da Manhã, Criciúma, 28/01/1998, coluna JM. Memória : Sociedade Carbonífera Próspera Ltda foi sucessora da Companhia Carbonífera Colônia Ltda, fundada em 1917, em Urussanga, por iniciativa de Ângelo Antônio Nichele, Atilio Cassol Bainha e Jorge da Cunha Carneiro.

<sup>67</sup> Jornal da Manhã, Criciúma, 28/01/1998. (coluna JM Memória). A mudança de nome ocorreu poucos meses depois da fundação da Companhia, quando os empresários cricumenses, Marcos Rovaris, Pedro Benedete, Frederico Minato, Pacífico Nunes de Souza e Francisco Meller, passaram a integrar o quadro de sócios.

local em que se construiu a Vila Operária.<sup>68</sup>

Em 1924, a Cia. Próspera foi vendida para um grupo de empresários do Rio de Janeiro, que teve por fiador um alemão, Hugo Stner. Em 1927, os trabalhos da mineradora foram parcialmente interrompidos em função da deficiência do transporte marítimo e ferroviário, sendo que a crise da bolsa de valores de 1929 abalou ainda mais a estrutura da empresa. Em 1938, Jorge da Cunha Carneiro e Júlio Gaidizinski, empresários estabelecidos na cidade de Criciúma, assumiram o controle acionário.<sup>69</sup> Foi nesse período que se consolidou a construção das primeiras casas operárias pela empresa, que deram origem à Vila Operária da Próspera.

Desta forma, o espaço compreendido em torno da Carbonífera passou a se denominar Próspera. Em 1953, a empresa foi estatizada, sendo que a CSN<sup>70</sup> adquiriu a maioria das ações da Carbonífera Próspera. José Paulo Teixeira coloca: *Na condição de estatal, a Próspera foi a empresa que mais influenciou o desenvolvimento econômico regional e se tornou referência para as demais.*<sup>71</sup>

### **A mineração e o problema da habitação**

*Crescimento atrai pessoas e deixa a vila sem casas suficientes. A extração do carvão e a*

---

<sup>68</sup> As Vilas operárias em torno da mineração, aconteceram em toda a cidade de Criciúma, e região próxima. Todas as mineradoras construíram casas operárias para seus operários, pois não havia estrutura para abrigar o grande contingente de mão-de-obra, atraído pelo emprego na mineração

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Companhia Siderúrgica Nacional.

<sup>71</sup> TELXEIRA, José Paulo. Op. cit. p.114

*abertura da estrada de ferro faz explodir a população local.*<sup>72</sup>

Em 1925, Criciúma desmembrou-se de Araranguá, tornando-se município, e já estava com um grande problema: a acomodação de todo um contingente de pessoas. A primeira grande dificuldade que as pessoas atraídas pela extração do carvão encontravam era a moradia. Os trabalhadores da Carbonífera Próspera abrigavam-se de várias formas. Uma delas era morar com algum parente já estabelecido e dividir o pequeno espaço da casa: *Nós chegamos e fomos morar com outra família, a casa era bem grande, o fogão era um só, todo mundo dormia no mesmo quarto, isso era comum na Próspera.*<sup>73</sup> Estabelecia-se, desta forma, uma rede de solidariedade entre as famílias, em busca de emprego nas minas. José da Silva recorda:

*Era assim, os parentes já tinham vindo antes para cá. Eles vinham antes, chegavam aqui, se colocavam na mina, o negócio era em função das minas, aí a hora que eles arranjavam casa, se instalavam direitinho, chamavam os outros parentes ou amigos para vir. Ficavam todos na mesma casa. Nós ficamos um tempão até arrumar casa para nós também.*<sup>74</sup>

Outras formas de se estabelecer eram a de alugar uma casa na rua Amazonas, casas de palha e barro, pertencentes a uma senhora e construídas especialmente para serem alugadas. Ou pagar pensão. A pensão mais falada da Vila foi a do Júlio Gomes, que também era inspetor de quarteirão. Porém, quem

<sup>72</sup> NASPOLINI, Archimedes & BELOLI, Mário. *Jornal da Manhã*. JM Memória. Criciúma, 16 set. 1997.

<sup>73</sup> Elisa Martins, 71 anos. Entrevista concedida em 1996.

<sup>74</sup> José da Silva, filho de mineiro. Entrevista concedida em 1996.

possuía amigos ou parentes com casa, alugava seus quartos como pensionistas. Morando com parentes, com amigos, em casa alugada, ou pagando pensão, o mineiro aguardava ser chamado para ocupar uma das casinhas da Companhia. O problema da habitação levou os empresários mineradores, estabelecidos na cidade, a organizarem a construção de casas para abrigar os mineiros e suas famílias. As casas das Vilas Operárias em Criciúma seguiram o modelo das empresas capitalistas de outros centros urbanos, onde as moradias eram construídas próximo às fábricas. A mineração construiu as casas perto das “bocas de minas”. No caso da Próspera, as construções deram-se em torno do escritório. Do escritório, dirigindo-se para o centro da cidade, localizavam-se as casas daqueles que trabalhavam no setor administrativo da empresa e de alguns engenheiros.<sup>75</sup> Abaixo da sede da Companhia, foram construídas as casas que deveriam abrigar os mineiros com suas famílias. Ainda mais abaixo, próximo ou não de algumas minas, ficaram os agricultores, que também se ocuparam do trabalho nas minas.

Esta situação se apresenta em outros tempos e espaços, como confirma a obra de Friedrich Engels, ao se referir às condições de vida da classe operária na Inglaterra, no século XIX:<sup>76</sup> *Os habitantes da vila, sobretudo a geração mais jovem, habituam-se ao trabalho na fábrica, familiarizando-se com ele...De tal modo que a vila se transforma numa pequena cidade...*

Terezinha Volpato, remetendo-se à história da mineração em Criciúma, efetuada, num primeiro momento, pelas famílias de colonos imigrantes europeus,

---

<sup>75</sup> Formando a chamada Vila dos Engenheiros, hoje Bairro Pio Corrêa.

<sup>76</sup> ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora Em Inglaterra*. Porto Alegre: Afrontamentos, 1975.

diz que, ao grupo de imigrantes italianos, poloneses e alemães, bem como seus descendentes, juntaram-se outros grupos étnicos que vieram especialmente para o trabalho nas minas (negros e luso-brasileiros), constituindo os operários da mineração em Criciúma. Os agricultores não moravam nas casas operárias, mas como trabalhadores das minas, usufruíam dos “benefícios” concedidos pela mineradora a seus operários no espaço que compreendia a Vila Operária: *a localização das minas nucleou o grupo operário que passou a morar nas proximidades da “boca de minas”. Ninguém saía da vila onde morava, só por motivo muito especial,*<sup>77</sup> pois a Vila transformada em uma pequena cidade dispunha dos meios de subsistência que os mineiros e familiares necessitavam.

#### ***A construção das Vilas Operárias***

Assim como Criciúma, outros lugares do Brasil e do mundo vivenciaram muitos problemas causados pela aglomeração no espaço urbano, com a ascensão do capitalismo industrial, que atraiu milhares de pessoas vindas do campo em busca de trabalho.

Para atender às demandas de pessoas vindas para o trabalho industrial, os capitalistas, donos das empresas e dos meios de produção, buscaram soluções nas construções das casas e Vilas Operárias. Alguns autores discutem e tornam visíveis, não apenas a existência destas vilas, como também as preocupações de disciplinar a força de trabalho, uma de suas funções. O que acontece em outros

---

<sup>77</sup> VOLPATO. Terezinha Gascho. *Os Trabalhadores do Carvão: A vida e as lutas dos mineiros de Criciúma*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 1989. p.152.

espaços do Brasil e do mundo pode ser visualizado na experiência da Vila da Próspera.

Na Europa, a preocupação com a moradia nas cidades vem do século XVIII. As aglomerações urbanas em Paris e Londres levaram ao desenvolvimento de doenças e epidemias, em virtude do atulhamento de pessoas nas casas muito pequenas e conseqüente falta de higiene. As condições de moradia levaram a uma patologia urbana. No século XIX, desenvolveu-se, então, uma série de técnicas contra a insalubridade das moradias populares, tais como: instalação de serviços de água e esgoto, surgimento da medicina social, quando a pobreza, segundo Foucault, passa a constituir uma ameaça social.

Alguns médicos apontaram como obstáculo para a produção nas fábricas, as condições do ambiente insalubre em que viviam os operários que, sendo um ambiente gerador de doenças, também seria gerador de revoltas. Uma casa decente e confortável levaria os operários a uma disciplina capaz de produzir mudanças nos hábitos e comportamentos da população carente. As “vilas modelos” da Inglaterra, citadas por François Beguin, são exemplos da disciplina do trabalho pela moradia. Os proprietários agricultores e industriais fixavam os seus trabalhadores, oferecendo-lhes todos os recursos necessários à sobrevivência, isto é, moradia, escola, farmácia, hospitais. Cuidavam, além disso, da educação dos filhos e criaram ainda, um Instituto para a formação do caráter dos trabalhadores.<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. *Imagens do Conforto: A Casa Operária nas Primeiras Décadas do século XX em São Paulo*. In: BRECIANI, Stella. (Org.) *Imagens da Cidade, séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero-ANPUH, 1992.

No Brasil, as Vilas Operárias surgiram a partir do final do século XIX, vilas que abrigavam os operários, principalmente imigrantes italianos que vinham trabalhar nas fábricas. Ao se referir aos lares operários, Sidnei Chalhoub, em seu livro “Trabalho, lar e Botequim”, cita Engels:<sup>79</sup> *A organização do espaço urbano numa sociedade capitalista ou em transição para o capitalismo seria um mecanismo de controle social e econômico utilizado pela burguesia, visando principalmente a organizar e disciplinar a força de trabalho.* A organização das vilas operárias exemplificam esta citação que também é refletida por José Sérgio Leite Lopes, ao analisar as literaturas sobre as condições de vida dos operários, em sua trajetória na história. Uma das concepções referida por José Sérgio Leite Lopes é a de Engels, cujas reflexões falam das condições físicas do ambiente como determinantes do caráter dos trabalhadores e, para tanto, foram utilizadas pela “burguesia”: *as vilas operárias e cidades, mais do que simplesmente funcionais à produção, são instrumentos estratégicos de formação, educação, domesticação e transformação da classe trabalhadora...*<sup>80</sup>

São Paulo e Rio de Janeiro, no final do século XIX, receberam muitas pessoas atraídas pela indústria nascente e pelo comércio próspero. Isso causou um sério problema: a moradia. A primeira idéia que ocorreu aos capitalistas empreendedores foi a construção de centenas e centenas de cômodos enfileirados. Cada um destinado a uma família, chamado de Cortiço, que apresentava duas fileiras de cômodos, separados por uma estreita passagem central, (às vezes até 2

---

<sup>79</sup> CHALHOUB, Sidnei. *Trabalho, Lar e Botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>80</sup> LOPES, José Sérgio Leite. Anotações em Torno do Tema “Condições de Vida na Literatura Sobre a Classe Operária. In: SILVA, Luiz Antônio Machado (org.). *Considerações de Vida das Camadas Populares*. São Paulo: Zahar, 1984.

metros de largura, quando o normal variava de 3 a 4 metros). Nos fundos, havia 2 ou 3 privadas e ao lado destas, a mesma quantidade de tanques para lavar roupas, de uso comunitário. Esta foi a solução mais barata e mais rentável no tocante à construção.<sup>81</sup>

Viver nesses cortiços significava ter uma vida de desconforto e insalubridade. As condições de moradia nos cortiços, bem como as maneiras como os usuários conduziam sua rotina dentro deste espaço, são descritas detalhadamente na obra de Aluisio de Azevedo.<sup>82</sup> O autor mostra, no texto, o aglomeramento de pessoas, a precariedade dos prédios, as condições das latrinas, além das brigas e confusões entre os moradores.

Essas condições levaram representantes de vários setores da sociedade, tais como, médicos, engenheiros, arquitetos, sociólogos, políticos e religiosos, a apontarem ao Estado as desvantagens políticas e as implicações sociais que envolviam a carência de moradias para a população pobre.<sup>83</sup>

Em 1931, foi realizado o 1º Congresso de Habitação em São Paulo, organizado pela Prefeitura da cidade e pelo Instituto de Engenharia. Nele, discutiu-se a habitação operária, como aponta Marisa Varanda Teixeira Carpintéro: em todas as discussões técnicas, encontramos uma acentuada

---

<sup>81</sup> LEMOS, Carlos. *História da casa brasileira*. Série Repensando a História. São Paulo: Contexto, 1989.

<sup>82</sup> AZEVEDO, Aluisio. *O Cortiço*. São Paulo: Klick, 1997.

<sup>83</sup> CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. *A construção de um Sonho: Engenheiros- arquitetos e a formulação política habitacional no Brasil*. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1997.

preocupação com a valorização dos preceitos morais e higiênicos, segundo os urbanistas, constituem elementos fundamentais para a formação do trabalhador.<sup>84</sup>

Essas experiências, além de moldarem o comportamento dos operários, serviam de controle. Uma habitação saudável passou a ser reconhecida como um agente eficaz no controle do trabalhador urbano. Para os mineradores de Criciúma, num primeiro momento, uma habitação saudável, confortável, significava “abrigo”. As pessoas vinham trabalhar e não tinham onde morar. Em volta das minas, a empresa construiu as casas dos mineiros. Com o passar do tempo, “conforto” não significou apenas abrigo, mas cômodos adequados para que o mineiro pudesse repousar e passar algumas horas dentro de casa. Por isso, sob a ótica médica e higienista, ao menos na Vila Operária Próspera, as casas dos operários mineiros ativos, pouco a pouco, foram sendo substituídas. As casas de três cômodos deram lugar a casas com cinco cômodos.

Nesse sentido, a construção de casas específicas para a classe operária mostram uma ordem espacial que organiza um “conjunto de possibilidades”, como coloca Michel de Certeau.<sup>85</sup> Nesse caso, essas “possibilidades” podem ser visualizadas da seguinte forma: de um lado a ordem inventada pelos empresários, de outro as experiências dos usuários, nos deslocamentos, nas improvisações diante das condições oferecidas por aqueles que dominam o capital.

As práticas desenroladas no cotidiano *tem se revelado na história social como área de improvisação de papéis informais novos e de potencialidade de*

---

<sup>84</sup> CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. Op. cit. p. 13.

<sup>85</sup> CERTEAU, Michel. Op. cit. p.177.

*conflitos e confrontos, onde se multiplicam formas peculiares de resistência e de luta, como aponta Maria Odila Leite Dias,<sup>86</sup> ao refletir o cotidiano das mulheres pobres, escravas e forras, em São Paulo, no século XIX. Formas de resistência e de luta que se manifestam de maneira organizada, ou mesmo “surdãs”, “mudas”, e muitas vezes passam despercebidas, como as experiências estudadas por Maria Auxiliadora Guzzo Decca.<sup>87</sup>*

Penso que estas experiências diferenciam-se de acordo com as condições concretas de existência da classe trabalhadora. Num primeiro momento, parecem comuns em vários espaços do mundo, dentro do modelo capitalista. Porém, existem peculiaridades para cada região e tipo de trabalho. Um exemplo está nas formas diferenciadas de relacionamento com o ambiente de trabalho, a Vila ou a moradia onde se encontram. Terezinha Volpato<sup>88</sup> por exemplo, ao se referir à identidade dos mineiros em Criciúma, diz que sua construção social parece acontecer pelas condições de trabalho dos mesmos: *locais subterrâneos, escuros, em oposição à luminosidade dos ambientes da superfície; estão expostos a riscos imprevisíveis e perigos reais, existentes nas condições materiais de trabalho; porque enfrentam o desconhecido que os assusta; porque assiduamente testemunham acidentes graves e até fatais.<sup>89</sup>*

---

<sup>86</sup> DIAS, Maria Odila Leite. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.* São Paulo: Brasiliense, 1982.

<sup>87</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A Vida fora das Fábricas. (Cotidiano Operário em São Paulo (1924/1934).* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>88</sup> VOLPATO, Terezinha Gascho. Op. cit. p. 166.

<sup>89</sup> Idem

As condições de trabalho refletem-se no dia-a-dia dos mineiros, principalmente porque o ambiente de trabalho prolonga-se até sua moradia, tendo em vista a presença da empresa em toda Vila Operária.

A Vila Operária da Próspera surgiu em meados da década de 1930, em torno do processo de extração do carvão. Enquadrou-se dentro dos modelos capitalistas de controle do trabalhador fora do ambiente de trabalho, por meio de uma “pedagogia paternalista”. Para tanto, a empresa oferecia ao mineiro alguns “benefícios”, ou como coloca Maria Auxiliadora Decca,<sup>90</sup> “vantagens”, “facilidades”, pois além do emprego, a empresa oferecia a casa, a água “potável”, o armazém, a farmácia, o açougue, o ambiente de lazer, entre outras. Estas “concessões” enquadram-se dentro de uma das práticas empreendidas pelos patrões para o controle dos operários que é o “paternalismo”. Margareth Rago evidencia esta prática no Brasil, em seu trabalho de pesquisa, nos anos de 1890 a 1930 e reflete que a partir do surgimento de alguns movimentos e organização dos trabalhadores em São Paulo e Rio de Janeiro, alguns patrões passam a defender a idéia de que não poderiam apenas reprimir, excluir e punir a força de trabalho, mas garantir sua coesão e unidade na produção. A autora diz: *Por isso mesmo, a auto - imagem paternalista que alguns industriais constróem, e que a historiografia incorpora sem questionar sua dimensão ideológica, visa reforçar sua autoridade, simbolizada na figura do pai, e assegurar a integração do trabalhador ao aparato produtivo.*<sup>91</sup>

<sup>90</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Decca. A vida Fora das Fábricas: Cotidiano fora das Fábricas em São Paulo (1920/1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>91</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 32,33,34.

A questão da habitação, no Brasil, nas cidades que se industrializavam desde o final do século XIX, criou uma série de problemas sociais, pois a grande demanda de pessoas para os centros que ofereciam emprego causou um grande aglomeramento de casas sem estrutura adequada para uma vida de conforto e higiene. Foi assim com os cortiços e as casas populares na Europa do século passado, e também com o Rio de Janeiro e São Paulo no final do século XIX.

Michele Perrot descreve a moradia, na França, como um lugar minúsculo e atulhado. As pessoas passavam mais tempo na rua que em casa. A casa era então, mais um ponto de encontro do que um lugar de repouso.<sup>92</sup>

Os médicos e sanitaristas, observando o alastramento das epidemias no século XIX, na Europa, e as condições de higiene e conforto nas habitações operárias, chamaram atenção sobre as condições de moradia que prejudicavam o desempenho do trabalhador nas fábricas.

No Brasil, Marisa Varanda Carpintéro coloca que *Inúmeros artigos publicados no boletim do Ministério do Trabalho, no decorrer da década de 1930, salientaram a importância dos financiamentos da construção popular como um elemento eficaz, no que se refere ao controle e à disciplinarização do trabalhador fora da fábrica.*<sup>93</sup>

Nesse momento, conforto e higiene estão associados ao desempenho produtivo do trabalhador, enquanto forma de, não apenas garantir sua produtividade, mas de aumentá-la.

---

<sup>92</sup> PERROT, Michele. *Os Excluídos da História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

<sup>93</sup> CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. *Op. cit.* p. 12.

Em Criciúma, o médico Francisco de Paula Boa Nova Júnior escreveu alguns artigos sobre as condições de moradia na região carbonífera, no boletim número 95, “Problemas Médicos Sociais da Indústria Carbonífera Sul Catarinense” de 1952, e diz que *o fator que merece evidentemente ser mencionado na determinação da fadiga física e que deve afetar também o rendimento ocupacional é a higiene dos lares operários(...)*. Para compreender seu discurso, é importante colocar que o mesmo veio para Criciúma a convite do DNPM — Departamento Nacional de Produção Mineral,<sup>94</sup> e realizou, desde 1945, uma pesquisa sobre as condições de moradia e saúde da população. Naquela época, o interesse do governo no carvão catarinense era muito grande devido as dificuldades de importação causadas pela guerra.<sup>95</sup>

Segue então, descrição da construção e das estruturas das casas operárias realizadas pela mineradora Carbonífera Próspera

### ***As casas operárias da Carbonífera Próspera***

As casas operárias na Vila da Próspera foram construídas inicialmente na gestão dos diretores Júlio Gaidinziski e Jorge da Cunha Carneiro, na década de 1930. Para tanto, estas construções foram realizadas por meio de empreitadas.

---

<sup>94</sup> O Departamento Nacional de Produção Mineral existe desde o início do século. Com a Constituição de 1934 e criação do código de minas, assumiu mais funções e se desmembrou em vários departamentos, um deles o assistencial. Criciúma era um município recém-criado e a prefeitura não conseguia atender as exigências sociais causadas pela mineração, por exemplo, o problema da água e a acomodação dos trabalhadores das minas de carvão. O DNPM então, por meio do departamento de assistência social, ficou responsável pelo abastecimento de água na cidade, pela saúde da população, entre outros.

<sup>95</sup> Dados obtidos em entrevista com o historiador Mário Beloli, em 1998.

alguns registros são encontrados no Livro Diário da Sociedade Carbonífera S. A., aberto em 09/12/1938 e encerrado em 12/06/ 1940.<sup>96</sup>

Além da casa, eram construídos o fogão e a “patente”.<sup>97</sup> No mesmo livro encontra-se: *Pago a Teófilo Anacleto, pela construção de casas por empreitadas, Idem, Idem por 14 patentes.*<sup>98</sup> As primeiras casas possuíam três cômodos: um quarto, uma sala e uma cozinha. D. Zenaide descreve como eram as casas:

*A casa tinha três peças, quarto, sala e cozinha. Tinha casa que tinha dois quartinhos, conforme as pessoas que trabalhavam na mina e tinham um cargo melhor, por exemplo, um fiscal, um encarregado, então pegava uma casa maior... a casa não era forrada. Quando estragava, a Companhia vinha arrumar a casa, quando tinha um barrote podre, a gente ia lá e pedia. Marcava o nome, dava o nome da rua e eles vinham arrumar.*<sup>99</sup>

Para conseguir uma casa, o mineiro inscrevia-se e esperava ser chamado. A empresa construía novas casas conforme o número de empregados que ia contratando e cobrava uma taxa de aluguel, que era descontada no contra- cheque.

O olhar do médico sanitário Francisco Boa Nova assim percebe os lares ocupados pelos trabalhadores das minas: *As habitações anti-higiênicas da maioria do operariado de Criciúma constituem, a nosso ver, um fator evidentemente importante na ocorrência da fadiga muscular, afetando a produtividade do*

<sup>96</sup> “Pago a Eduardo Tiskoski, por construção por empreitada das seguintes casas: casa 47, com fogão de ferro. Idem 46,49,50,51,53,54,55, com fogão. Idem 52 com fogão de ferro...Pago pelo conserto, das casas 43, 44 e 45...”

<sup>97</sup> Casinha localizada geralmente no fundo do quintal, para atender às necessidades fisiológicas.

<sup>98</sup> Livro Diário da Sociedade Carbonífera Próspera S.A. em 16/05/1940. p. 231.

<sup>99</sup> Zenaide Vieira Zeferino nasceu em 13/06/1940; filha de Josina Maria da Conceição. Veio para a Próspera com 3 anos de idade. Entrevista realizada em 1996.

*trabalhador*. Para enfatizar como estes locais prejudicavam a saúde dos trabalhadores, coloca que:

*Casas, (ou melhor dizendo "rancho") velhissimas toscas de madeira empenada e pobre, com cobertura de cacos de telhas, cheias de buracos enormes por onde a chuva se escoia aos borbotões, com assoalhos e paredes repletos de largas frestas, por onde o vento sul, no inverno rigoroso, penetra impiedosamente, fustigando não só o próprio mineiro, mal agasalhado, como também sua mulher e seus infelizes filhos, cobertos com farrapos, constituem as habitações dos mineiros. São em geral também de reduzidíssimas dimensões, para certas famílias numerosas de operários.<sup>100</sup>*

Estes discursos a respeito do “conforto” e da higiene dos lares operários desembocarão em medidas de saneamento que a Vila viverá a partir da chegada da CSN-Companhia Siderúrgica Nacional. Nota-se que este boletim médico é do ano de 1952 e a CSN chegou à Próspera em 1953. O boletim faz uma avaliação dos lares operários a partir do conhecimento médico-higienista. Esta descrição foi utilizada para o desenvolvimento de projetos de “assistência social” que a Vila vivenciou a partir da instalação da Estatal, projetos que buscaram o desenvolvimento de medidas que atingiram as mulheres e, principalmente, os filhos dos mineiros.

Além das casas, a empresa oferecia aos empregados formas de subsistir sem sair da Vila: açougue, armazém, escola e água potável da chamada “carioca”<sup>101</sup>, a caixa de socorro, que atendia auxílios funerais e acidentes de trabalho, entre outros.

<sup>100</sup> BOA NOVA JÚNIOR, Francisco de Paula. *Problemas Médicos sociais da Indústria Carbonífera Sul Catarinense*. DNPM- Boletim n.95- Arquivo particular de Mário Beloli.

<sup>101</sup> Caixa de água potável construída pela carbonífera.

A configuração da Vila, a todo momento, lembrava a existência da mineradora. O operário morava em casas que, ao olhar pela janela, avistava sempre seu trabalho. Se saísse à rua, então, era envolvido por imagens de caminhões, rejeito de carvão, e construções pertencentes à empresa. Esta ramificava-se da mina e entrava nos lares operários.

Quando a CSN assumiu o controle acionário da empresa, em 1953, toda estrutura da Vila Operária já existia, desde as estruturas de assistência ao trabalhador até a política paternalista de relação de trabalho. Mesmo assim, muitas mudanças vieram a ocorrer.

### **Uma empresa estatal em Criciúma**

Em 1953, a CSN passou a liderar as ações da Carbonífera. A Empresa Estatal CSN, com sede em Volta Redonda, foi criada em 9 de abril de 1941<sup>102</sup> e chegou a Santa Catarina no ano de 1942, instalando-se, primeiramente, no município de Siderópolis. A chegada da CSN à Próspera marca um momento em que os interesses dos governantes era inserir o país entre as maiores potências mundiais, apoiados na idéia do nacional desenvolvimento, por meio da industrialização comandada pelo Estado, por capitais nacionais, não significando, contudo, uma aversão ao capital estrangeiro.<sup>103</sup> Essa política atingiu a mineração em Santa Catarina. Os incentivos para o carvão e a encampação da Estrada de Ferro, pelo Estado, geraram a eclosão de várias mineradoras na cidade. Os

---

<sup>102</sup> Companhia Vale do Rio Doce MEMÓRIA. *A Mineração no Brasil e a companhia Vale Rio Doce*. Rio de Janeiro, 1992.

<sup>103</sup> RODRIGUES, Marly. *A década de 50 (Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil)*. Ática: São Paulo, 1994.

incentivos à industrialização causaram muitos problemas sociais, gerando aglomerações de pessoas nos centros urbanos. Os planos governamentais de Getúlio Vargas envolveram medidas e projetos que deveriam ir ao encontro do desenvolvimento nacional, como por exemplo, medidas de saúde, higiene, projetos culturais e habitacionais.<sup>104</sup>

Nesse sentido, algumas autarquias que já haviam sido criadas na metade da década de 1940 passaram a atuar de modo a cumprir o papel de inserir o país entre os países desenvolvidos do mundo, isto é, adequando a vida da população às novas exigências da industrialização.

Portanto, a imagem das casas e do cotidiano da Vila modificou-se com a entrada de novos elementos e personagens: a compra das ações da Carbonifera pela empresa estatal CSN; a criação da CEPCAN; a instalação do SESI na cidade e o trabalho das freiras da Congregação da Divina Providência, que representavam a Igreja Católica nas Vilas Operárias.<sup>105</sup>

A Vila Operária da Próspera, por volta dos anos 50, era um lugar repleto de casas operárias, cercadas com varas de eucaliptos, com seus varais de roupas secando ao sol e roupas de cama nas janelas, separadas por ruas cobertas pelo

---

<sup>104</sup> Getúlio Vargas foi presidente do Brasil entre 1930 e 1945 (Era Vargas) e entre 1951 e 1954. Tais medidas atendiam um projeto social, que envolvia uma série de políticas compensatórias para regular muitos problemas sociais, causados pela emergência da industrialização. Neste sentido estas políticas deveriam conter a pressão popular. Então foram criadas autarquias e instituições, como por exemplo, o Instituto de Previdência Social e o Ministério de Educação e Saúde.

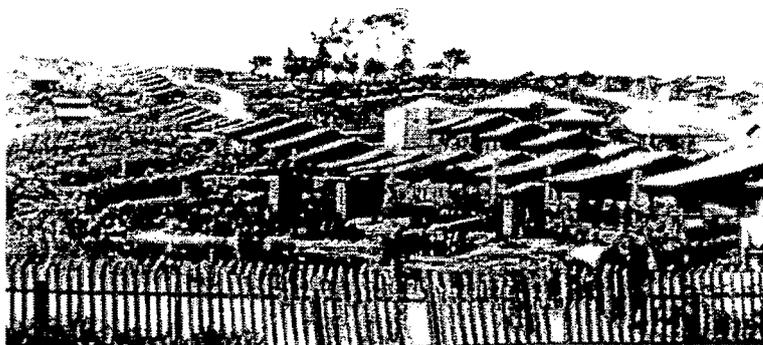
<sup>105</sup> A Congregação das Irmãs da Divina Providência foi fundada em 3/11/1842 em Muenster-Westfalia, Alemanha, pelo Padre Eduardo Michelis. Chegaram no Brasil em 5/04/1895, e se fixaram em um primeiro momento no município de Tubarão, SC. Em 1897 assumiram o serviço de enfermagem do Hospital de Caridade de Florianópolis. Na mesma cidade abriram o Colégio Coração de Jesus em 15/01/ 1898. Em Criciúma dedicaram-se no trabalho com as famílias operárias, desde 1954, e abriram o colégio Michel inaugurado na década de 1950.

rejeito do carvão, por onde circulavam os cabritos que, ao anoitecer, recolhiam-se embaixo dos assoalhos das casas. Em cada esquina havia uma bica d'água, local em que as mulheres colocavam seus tanques de lavar roupas, de modo a não precisar carregar a água até suas casas. Perto da caixa de embarque, havia a enorme "Ponta de Pedra", onde brincavam os meninos, nus ou vestidos apenas com uma camisa; espalhadas pelas ruas, as "vendas", que concorriam com o armazém da Carbonífera, situado próximo ao escritório; a sede, onde os homens se encontravam para jogar dominó, cartas de baralho e, no final de semana, local de bailes; o chuveiro próximo à usina ( reivindicação das freiras), a princípio, era utilizado para banhar as crianças, mas os adultos acabaram utilizando-o também. A usina possuía uma chaminé, cuja lembrança ficou fortemente marcada no imaginário dos moradores, que ao se referirem ao seu apito o chamam de "bode", e ao motor de "burrinho".<sup>106</sup>

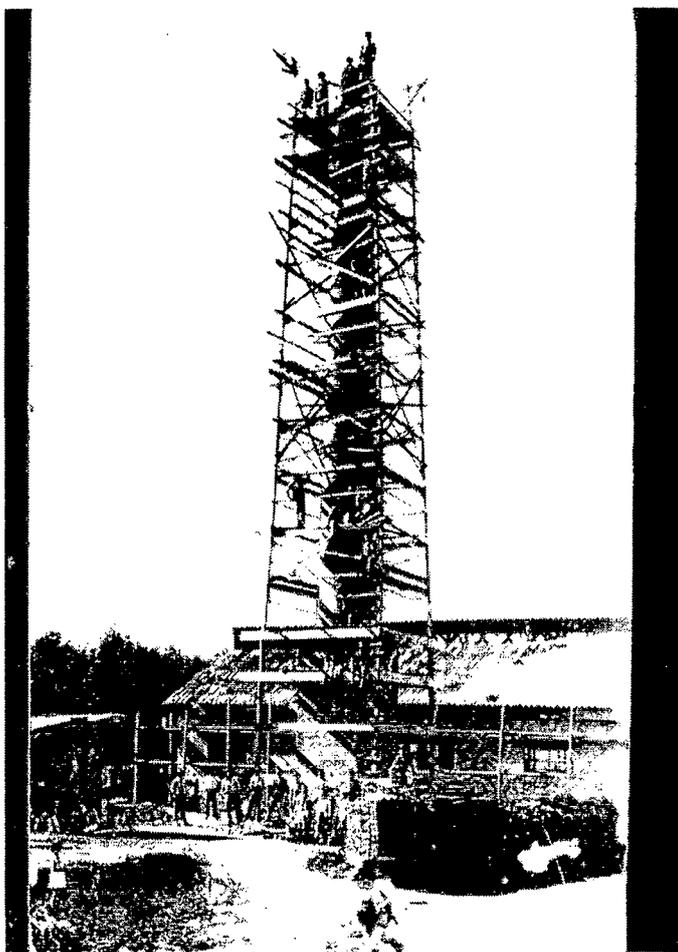
Na Vila havia algumas árvores próximas à capela, embaixo das quais os casais de namorados sentavam para conversar; a linha do trem que atravessava toda sua extensão e para a qual as crianças corriam durante sua passagem, abanando as mãos aos passageiros, apanhando bilhetes e encomendas que os parentes mandavam do litoral; a farmácia, o armazém, açougue, escola; poucas árvores, muita gente, pouco verde, um ambiente escuro revestido pela pirita e o pó do carvão.

---

<sup>106</sup> A Usina foi inaugurada no dia Primeiro de Maio de 1943. Sua energia era apenas para a manutenção da Carbonífera. As casas dos operários não possuíam rede elétrica, utilizavam lâmpião com querosene ou gás Carbureto.



Vista da Vila da Próspera em 1955. Foto revelada do filme realizado pela CSN.



Construção da chaminé da Usina Elétrica. Próspera, 1938.

## CAPÍTULO II

### VILA OPERÁRIA: PARA ALÉM DA HABITAÇÃO, UM ESPAÇO DE DISCIPLINA.

*(...) a vila operária é um dos bens em que o capital privado investe para tornar possível armazenar a força de trabalho livre necessária a produção.*

*(Eva Alterman Blay, 1985)*

Para compreender por que as famílias das vilas operárias de Criciúma e, especialmente, da Vila Operária Próspera, foram submetidas a um projeto de higienização e moralização é necessário conhecer a entrada de alguns órgãos responsáveis pela modernização dos aparatos produtivos, bem como a assistência social na cidade, que tentava remediar os problemas sociais causados por uma exploração desenfreada do subsolo, sem projetos de proteção ao ambiente.

Em 1953 foi criado a Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional-CEPCAN, um departamento dentro da autarquia Departamento de Produção Mineral- DNPM. A CEPCAN previa um plano de assistência social às famílias

mineiras dos três estados da região sul do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em Criciúma foi criada uma comissão para desenvolver projetos de assistência social, que seriam encaminhados à CEPCAN para análise e viabilização. As pessoas que ficaram encarregadas de estudar os projetos foram os senhores Sesóstris de Rezende Corrêa, Osvaldo Hulse e Jorge Fridberg. Dentre estas pessoas, Sesóstris de Rezende Corrêa representava a CSN. Essas medidas de assistência social previam hospitais, postos de puericultura, atendimento odontológico, serviço de pré-natal, construção de escolas, cine-teatros, escolas profissionais, agremiações esportivas, criação de entidades hospitalares e educacionais, instalação de obras de saneamento, abastecimento de água, construção de vilas operárias, iluminação e outras.<sup>107</sup> Esta entidade dispunha de recursos financeiros para viabilizar tais projetos. Segundo Carlos Renato Carola, em sua dissertação de Mestrado, em 1953, quando foi criada a CEPCAN, esta dispunha de quinze milhões de cruzeiros para as obras assistenciais.<sup>108</sup> O autor, analisando a proposta do plano, percebeu a preocupação de implantar uma política “racional” para formar a família adequada para a sociedade industrial. Para tanto, muitos comportamentos e hábitos precisavam ser modificados. Essa modificação de hábitos, adequando-os à moral e à higiene, ligava-se à necessidade de controle do trabalhador fora do local de produção.

---

<sup>107</sup> Tribuna Criciumense: Edição especial e histórica dos 30 anos de jornal. Criciúma: 1996. p.11.

<sup>108</sup> CAROLA, Carlos Renato. Dos Subterrâneos da História: As trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1997. p.171.

Anos antes, em 1948, segundo o historiador Mário Beloli, o SESI - Serviço Social da Indústria,<sup>109</sup> chegou à cidade pela iniciativa do prefeito Addo Faraco e de um dos diretores da Carbonífera Metropolitana. A primeira ação do SESI na cidade foi a instalação de um armazém para atender a população. Armazém, farmácia, creches, até os dias atuais, constituem formas de atendimento à população. Em 1955, o SESI estava desenvolvendo projetos de auxílio à população da periferia da cidade, ou melhor, das Vilas Operárias, com projetos de higienização das famílias, implantação de farmácia, organização dos armazéns das empresas, criação de jardim de infância e atividades recreativas para as crianças. Para tanto, as Irmãs da Congregação da Divina Providência atuaram nestes empreendimentos.<sup>110</sup> A CSN e a Vila Operária da Próspera também receberam o atendimento do SESI.

Além destas entidades e das freiras, a presença de Sesóstris de Rezende Corrêa, como representante da CSN na Carbonífera,<sup>111</sup> contribuiu para a mudança do aspecto da Vila. D. Rosária recorda que Sesóstris Corrêa morava em uma das casas destinadas aos “funcionários” — morar neste local não era comum entre os diretores; geralmente eles moravam na Vila dos Engenheiros, local de moradia dos diretores e engenheiros das minas — e todos os dias circulava pelas ruas

---

<sup>109</sup> Serviço Social da Indústria, fundado em 1942, no Brasil, e reconhecido oficialmente pelo decreto nº 9403 de 25/06/1946. Tinha como objetivo melhorar as condições de vida do setor secundário da economia, assistindo os empresários nas áreas sociais. Dados coletados do Jornal da Manhã. Coluna JM Memória. Crciúma:17/10/1997.

<sup>110</sup> Em outubro de 1954 o Bispo Frederico Hobot, autorizou a fundação de mais uma casa das Pequenas Irmãs da Divina Providência na mineração da Próspera. As Irmãs que vieram para a Vila eram: Lorensini, Cláudia e Alberta. As freiras permaneceram na Vila até a criação da paróquia em 1961.

<sup>111</sup> A CSN não possuía a totalidade das ações e havia outros diretores que representavam os sócios locais.

observando as pessoas, seus hábitos, seu jeito de viver. O fato de Sesóstris ter essa postura de aproximação da vida dos operários evidencia a relação paternalista fortalecida com a implantação da Estatal.<sup>112</sup> O patrão é aqui representado por este diretor. Para modificar o aspecto da Vila foram tomadas algumas medidas, tais como: fornecimento de cestas básicas, presentes de natal para os filhos e filhas dos mineiros, construção da sede recreativa, subsídios, incentivos para o time de futebol, banda de música, viabilização dos chuveiros públicos, construção das casas de alvenaria e a vinda das freiras para efetuar uma reeducação das famílias e ocupar o tempo livre das crianças, entre outras. Neste sentido, encontro as palavras de Margareth Rago, referindo-se às vilas-cidadelas, com todo um aparato para satisfazer as mais elementares necessidades dos moradores: *“O poder disciplinar cria dispositivos estratégicos de estreitamento dos vínculos que unem os membros das famílias, mas também entre esta e o patrão, numa mescla de sentimentos que incluem gratidão e cumplicidade.”*<sup>113</sup>

Um exemplo claro das reflexões de Margareth Rago encontra-se na atitude dos trabalhadores da Próspera frente à saída de Sesóstris Corrêa do cargo que ocupava na CSN, em Criciúma. Em 1958, Sesóstris Corrêa não aceitou a reeleição para permanecer como “Diretor Comercial”<sup>114</sup> da empresa e voltou para o Rio de Janeiro.<sup>115</sup> Os motivos para tal atitude não foram encontrados nesta pesquisa. O interessante, no entanto, é perceber que os operários da Próspera não gostaram

---

<sup>112</sup> Segundo D. Rosária, Sesóstris havia trabalhado em uma empresa da CSN em Minas Gerais, neste local a empresa havia implantado um modelo de Vila Operária, com casas de alvenaria para os trabalhadores.

<sup>113</sup> RAGO, Margareth. Op. cit. p.179.

<sup>114</sup> Função que ocupava na Empresa. Sesóstris Corrêa era responsável pelos projetos sociais da mesma.

<sup>115</sup> Local da sede da CSN.

deste afastamento. Pareceu-me que estavam felizes com as medidas sociais que a CSN, por meio de Sesóstris Corrêa, havia implantado, pois, encaminharam um abaixo assinado que pedindo seu retorno, o qual foi publicado pelo Jornal Tribuna Criciumense<sup>116</sup> em 05/06/1958:

*A pedido*

*Pleiteiam os operários da Próspera a volta do senhor Sesóstris de Rezende Corrêa.*

*Os trabalhadores da sociedade carbonífera Próspera S.A, ao tomarem conhecimento de que o Sr. Sesóstris Rezende Corrêa não aceitara a reeleição para diretor comercial daquela empresa, tendo após a eleição realizada em data de 24 de 04 último, viajado para a capital da República, endereçaram ao Gal. Edmundo Macedo Soares e Silva, presidente da Sociedade Carbonífera Próspera, o seguinte apelo:*

*Exmo. Sr. Presidente da Sociedade Próspera.*

*Nós, abaixo-assinados, operários da Sociedade Carbonífera Próspera S.A citar a V.S., que dirige os destinos desta conceituada empresa, a volta do nosso grande amigo, Sr. Sesóstris de R. C. homem de bem e de respeito, que soube neste período de convivência entre nós, ensinar-nos direitos e obrigações, atendendo sempre as justas reivindicações dos seus subordinados, criando enfim, na empresa onde temos a honra de prestar serviços, um ambiente amigável, de ordem, de disciplina e de progresso e sobretudo de justiça.*

*Criciúma, 26/04/1958*

*Segue 508 assinaturas*

Mesmo com o empenho por parte dos operários, o diretor não mais retornou à cidade e quem passou a responder pelos assuntos de assistência social aos trabalhadores foi Mário Balsini.<sup>117</sup> O projeto de ampliação das casas operárias

<sup>116</sup> Fundado em 1955

<sup>117</sup> Diretor técnico, representante dos sócios criciumenses na mineradora.

foi modificado e as casas de alvenaria foram substituídas por casas de madeira com 3 quartos, sala, cozinha, e uma “dispensa”.<sup>118</sup>

### **Facilidades**

Além da casa, a empresa, neste momento, conveniada com outras entidades, continuava oferecendo aos empregados outros benefícios: abastecimento de água potável<sup>119</sup> e a “Carioca”; o açougue; o armazém, que na década de 1950, passou aos cuidados do SESI; a farmácia que o SESI administrava por meio das freiras que entregavam os remédios; as compras dos alimentos e dos remédios que eram descontadas em folhas de pagamento. As pessoas enfrentavam as filas de espera para comprar no armazém e no açougue, e também para pegar água quando esta faltava na “Carioca”.

A realidade das filas, para a compra dos alimentos necessários à sobrevivência das famílias, parece ser uma constante nas minas de carvão, em geral, como relata Moema Viezzer, no livro “Se me Deixam Falar”, a partir da fala de Domitila, uma moradora de uma vilas operárias mineira da Bolívia: *isto porque os afazeres domésticos são tantos que até as criancinhas fazemos trabalhar, como por exemplo esperar pela carne, pela água. Por vezes, fazem filas tão grandes que as pessoas se apertam e se maltratam*. Domitila se queixa também de estarem sempre em dívida com a Companhia, pois tudo era descontado

---

<sup>118</sup> Quarto bem pequeno, onde se guardava alimentos e também muitas vezes servia de local para o banho.

<sup>119</sup> “O serviço de abastecimento de água na cidade de Criciúma foi implantado pelo Departamento Nacional da Produção Mineral- DNPM na década de 40.” Tribuna Criciumense. Edição Especial do aniversário de 30 anos do Jornal. Criciúma, 1985.

<sup>120</sup> VIEZZER, Moema. *Se Me deixam Falar*. 6ª ed. São Paulo: global, 1982.

na folha do pagamento e quando o mineiro recebia o salário, não sobrava quase nada.

As famílias mineiras da Próspera também estavam sempre em dívida com a empresa, pois, do salário do operário, descontava-se armazém, casa, farmácia, açougue, etc, de maneira que a Carbonífera conseguia manter um vínculo de dependência dos empregados à empresa. Porém, essa dependência não respondia às necessidades que a mineradora tinha para manter uma certa disciplina do trabalho. Era necessário modificar seus hábitos. Um exemplo disso é o depoimento de d. Lurdes, uma das moradoras, que conta como tudo era descontado da folha de pagamento: alimentação, casa, farmácia. As mulheres dos mineiros e seus filhos não passavam fome; em compensação, o mineiro gastava o que lhe sobrava do salário na zona de prostituição, nos bares e em outras transgressões.<sup>121</sup> Desta forma, era necessário também modificar os hábitos e estabelecer regras de conduta.



Farmácia do SESI. Ir. Cláudia e Elisa entregando remédios.

Álbun de família de Elisa Martins.(déc. de 1950)

---

<sup>121</sup> Esta prática dos mineiros será retomada no próximo capítulo.

### Tentativa de moralização das famílias mineiras

A Carbonífera iniciou os primeiros passos para a higienização e moralização das famílias quando começou a construção das casas com um número maior de cômodos. Isso permitia que se dividissem os quartos de acordo com o sexo dos filhos e que o casal tivesse um quarto só para si, procurando adequar os modos de vida das famílias operárias aos padrões de higiene pessoal e de vida disseminados pelos médicos sanitaristas, *impondo-lhes, desta forma, novos regimes sensitivos e uma outra disciplina corporal*.<sup>122</sup> Para a construção dessas casas, foi necessário retirar as antigas do local da Vila. Para tanto, estas foram colocadas à venda, conforme nota no Jornal Tribuna Criciumense, de 13/06/1955.<sup>123</sup> Quem as comprava eram os mineiros aposentados, sendo que a Cia vendeu e doou alguns lotes. Aposentados e viúvas foram deslocados para uma outra parte do bairro, atualmente, Bairro Brasília. As novas casas eram designadas para os operários que estavam em atividade, na produção, separando assim os corpos produtivos dos que não mais produziam. Muitas pessoas, porém, não aceitaram essas trocas, como o caso do Sr. Prudêncio<sup>124</sup> e da família de D. Rosária. O pai desta última faleceu e a direção argumentou que não havia mais ninguém daquela casa trabalhando na empresa, por isso tentou, então, trocar o local de moradia da viúva. A família não aceitou, não se retirou e a direção da

---

<sup>122</sup> RAGO, Margareth. Op. cit. p. 165.

<sup>123</sup> A partir da próxima 4ª feira, dia 1º de junho, estarão a venda 32 casas de madeira da vila Operária da extinta sociedade Cresciuma Ltda. As casas serão vendidas no local, com o compromisso do comprador desmontá-las dentro de 30 dias. O pagamento será a vista. As listas de preços básicos poderão ser procuradas no Escritório da Sociedade Carbonífera Próspera, a partir de 1-6-55.

<sup>124</sup> A experiência do Sr. Prudêncio será relatada e discutida no próximo capítulo por encontrar-se dentro das discussões que seguirão.

empresa acabou aceitando que ficasse na casa enquanto corria um processo de compra da moradia, movido pela família.<sup>125</sup>

As primeiras casas de alvenaria foram designadas aos capatazes e as outras por sorteio. A participação no sorteio dependia da efetiva eficiência do trabalhador na empresa.

Apesar de passarem a morar em casas com mais cômodos, onde as crianças poderiam dormir separadas dos pais, os meninos separados das meninas, e as pessoas pudessem passar um tempo maior dentro de casa,<sup>126</sup> os hábitos da vida na Vila não se modificavam. Era preciso organizar, ensinar o povo a viver adequadamente, respeitando certas normas de higiene, saúde, bons costumes.

As freiras da Congregação das Irmãs da Divina Providência foram então convidadas para realizarem um trabalho de reeducação das famílias operárias. Para tanto, deveriam manter um contato direto com a população. As irmãs moravam na Vila, em uma casa da Carbonífera e recebiam todo o apoio necessário do SESI. Seu trabalho consistia em visitar as famílias, no intuito de ensinar às mulheres economia doméstica, regras de higiene, algumas noções sanitárias e, até mesmo, aconselhar no relacionamento do casal. Realizaram ainda, juntamente com o SESI, cursos de saúde pública.

Por meio das freiras, a mineradora deu continuidade ao projeto de

---

<sup>125</sup> Sua casa situava-se no centro da Vila. A família entrou com pedido de compra após a morte do pai, o que foi negado, porque um dos diretores desejava comprar o local; a família não desistiu e procurou seus direitos. Esse processo rolou anos, mas a casa acabou ficando como propriedade das pessoas que nela moravam.

<sup>126</sup> Lembrando que as casas antigas eram muito pequenas para o número de pessoas em cada família.

moralização e de disciplinarização das famílias. Autorizadas pelo discurso médico e legitimadas pela autoridade religiosa, foram entrando e implantando outras formas de viver. Desta forma, estabeleceu-se uma vigilância aos lares operários. Quando as Irmãs chegaram à Vila, o modo de vida das famílias lhes chamou a atenção: *A promiscuidade foi uma coisa que assustou a gente quando nós chegamos.*<sup>127</sup> A promiscuidade foi o primeiro comportamento que tentaram “combater”. *Para tanto, diz a Irmã, apelamos para a carbonífera construir “mais cômodos nas casas”.* Para a população, como recorda D. Elisa, dormir juntos, pais, filhos e irmãos, era “comum na Próspera”; as pessoas não olhavam para isto como um problema. Porém, para as Irmãs, que traziam consigo outros saberes, isto significava “promiscuidade”, fator de transmissão de doenças, que necessitava ser acabado. As Irmãs, parece-me, ajudaram a acelerar as construções das casas com maior número de cômodos, pois, segundo elas, *era muito raro o dia que a gente não ia ao escritório.* A ida ao escritório sempre se dava para reivindicar melhorias sociais para a Vila. *A associação entre pobreza, saúde, promiscuidade, subversão e os lares operários, discutida em 1931 no 1º Congresso de Habitação, segundo Margareth Rago, tem um objetivo econômico, pois um trabalhador degenerado e corrompido não é capaz de produzir para o progresso nacional.*<sup>128</sup>

### ***Pedagogia da normatização***

Nos cursos de economia doméstica, as freiras ensinavam o aproveitamento

---

<sup>127</sup> Maria Vicentina de Freitas nasceu em Pitangui, Minas Gerais em 1926. Tornou-se religiosa em 1951, recebendo o nome religioso: Cláudia. Entrevista concedida em 1996.

<sup>128</sup> RAGO, Margareth. Op. cit. p.190.

dos alimentos. As freiras foram levadas para a Vila sem, no entanto, estarem preparadas para o que iriam realizar. Segundo Ir. Cláudia, agiam mais na intuição. Ensinavam a cozinhar sem saber fazê-lo, e de alguma forma foram trocando informações:

*Até aconteceu uma coisa muito engraçada, eu não sabia cozinhar, mas a gente foi vendo também que elas jogavam muita coisa fora, não faziam aproveitamento de alimentos. Então tivemos a idéia de dar um curso de arte-culinária, mais no sentido de aproveitamento, ensinar como é que aproveita a comida, porque também não tinha geladeira...mas também não era o caso de jogar fora... Eu me pus a ensinar arte culinária sem saber cozinhar direito.... E as donas vinham, e era muito engraçado porque elas acreditavam tanto na gente que mesmo eu dando as minhas gafes, elas confiavam e todo mundo que vinha estava acostumada a cozinhar todo dia. Então, sabiam muito mais que eu... E era assim, a gente fazia e comia lá mesmo, a gente comia lá. Se sobrava alguma coisa, cada um levava um tantinho para casa.<sup>129</sup>*

E o que se comia em casa? Comia-se o que tinha, como fala D.

Rosária: *se era bucho assado, era bucho assado.*<sup>130</sup> Como esperar que as mulheres dos mineiros encarregadas da nutrição da família, elaborassem pratos variados? Elas cozinham o que podiam comprar no armazém ou “fiado” nas vendas. Raramente tinham dinheiro em mãos para comprar frutas e verduras dos colonos. Compravam a comida que podiam comprar com os tais vales. Era impossível fazer uma horta sobre a pirita. As irmãs tentaram elaborar projetos de horta e necessitaram de terra, que foi pedida junto à empresa. A elas restava somente ensinar a arte culinária no sentido do aproveitamento das sobras, pois era muito

<sup>129</sup> Lembrança de Irmã Cláudia. Entrevista de 1996.

<sup>130</sup> Lembrança de Rosária Meis. Entrevista de 1998.

difícil aprender pratos novos sem os ingredientes necessários.

A autoridade religiosa era vista com tanta consideração que, mesmo com toda a experiência em cozinha, as mulheres não questionavam o conhecimento das freiras. O fato de as mulheres freqüentarem o curso mostra que elas se preocupavam em aprender algo mais a respeito das lidas domésticas. Outra coisa a considerar, neste depoimento, é a necessidade da participação em grupo e a troca que se estabeleceu naquele momento, reportando-me às palavras de Luce Giard:<sup>131</sup> *comer não só para manter a máquina biológica do nosso corpo, mas também para concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo. A arte de nutrir não se encontra apenas na digestão dos alimentos, mas em seu preparo e nos encontros deste preparo. O curso de arte-culinária oferecido pelas freiras, com o objetivo de normatizar a cozinha das mulheres dos mineiros, foi apropriado como um local de encontro, troca, estabelecimento de relações, espaço de sociabilidade para as mulheres.*

Quanto ao relacionamento do casal, as irmãs faziam um trabalho através de “aconselhamentos”. Chamavam primeiro um e ouviam as queixas, depois chamavam o outro. O marido se queixava do relaxamento com a casa, de as crianças não serem cuidadas adequadamente, de a comida não estar pronta na hora certa.<sup>132</sup> As mulheres, por sua vez, queixavam-se de maus tratos, bebedeira e freqüência na zona do meretrício. O que as freiras faziam com as queixas? As

---

<sup>131</sup> GIARD Luce, Artes de Nutrir. In: CERTEAU, Michel &. *A Invenção do Cotidiano*: 2. Morar, Cozinhar. Petrópolis, SP: Vozes, 1997.

<sup>132</sup> Estas queixas dos homens, vão ao encontro de um papel construído pela sociedade para a mulher. Papel este que é tão bem cantado na canção “Amélia”. Cujos versos colocam as mulheres perfeitas, como aquelas que são boas donas de casa.

freiras “aconselhavam”. A Irmã, ao narrar esses problemas, coloca-se na posição de quem procurava aconselhar. Segundo ela, ouvia um cônjuge de cada vez, chamava um, chamava outro. Ouvia as queixas. Diz a Irmã que estas coisas aconteciam também porque não havia espaço de lazer. *Os espaços eram para beber e jogar*. Então, fez-se necessário ultrapassar a intimidade dos lares e alcançar os espaços de divertimento, criando outras alternativas para o lazer.

Uma das grandes interferências das freiras na vida das famílias, no meu entender, foi com relação às “fugas” dos casais de namorados a fim de casarem.<sup>133</sup> As Irmãs ficaram surpresas ao perceberem que as fugas eram uma encenação. Na maioria das vezes não havia proibição por parte dos pais. Era uma arte de “fingir”, em que participava toda a família. Todos sabiam da futura “fuga”, mas fingiam desconhecer. E quando acontecia, a mãe chorava e lamentava. As Irmãs procuraram modificar aquele costume. As pessoas argumentavam que não casavam porque não tinham dinheiro para oferecer uma festa. As Irmãs, então, realizaram uma experiência e usaram uma parte do dinheiro fornecido pelo SESI para a festa: *O SESI dava para a gente 50 cruzeiros, na época era muito dinheiro. Então a gente começou a usar este dinheiro para fazer o bolo. A gente fazia a festinha.*<sup>134</sup> As Irmãs fizeram o vestido de noiva, festa com bolo, guaraná, biscoitinhos e concretizaram o casamento com a benção do padre. *A moça, coloca a Irmã, casou bonitinha*, mas seis meses depois veio avisar que nascera o neném. As Irmãs ficaram bravas, tentaram mais uma ou duas vezes com outras moças,

<sup>133</sup> Esta prática acontece em vários lugares do Brasil. Antônio Cândido fala das fugas para casarem, nas famílias dos agricultores do Rio Bonito, interior de São Paulo (1948/1954), porque os pais proibiam os casamentos. CÂNDIDO, Antônio. Op. cit. p. 232.

<sup>134</sup> Lembrança de Irmã Cláudia.

mas não deu certo, a freira reclamou dizendo que fizeram “papel de bobas”. Se as Irmãs tentaram estabelecer regras para iniciar a vida conjugal, as pessoas também resistiram a estas normas. Elas mesmas tinham elaborado uma forma particular de casamento, que eram as “fugas”. A tentativa de impor uma outra maneira de matrimônio não foi aceita e as freiras desistiram: *Depois vimos que não era o caso. Que não era o caso mesmo porque a fuga continuava e era uma coisa cultural ali.*<sup>135</sup>

Com relação à saúde e à higiene, a partir de 1955, a dinâmica se efetuou desde os cursos de Noções Sanitárias, onde as pessoas eram ensinadas a cavar valos para a água da louça e enterrar o lixo, além de lavar a casa e banhar as crianças diariamente, até os cursos de noções básicas de saúde para algumas lideranças da comunidade. Nestes cursos, aprendiam a aplicar injeção, medir febre, entregar receituário. O SESI mantinha uma farmácia que ficava aos cuidados das freiras. A preocupação com a saúde atingia principalmente as crianças, pois em toda a cidade e região estava presente uma grande mortalidade infantil.

### **Saúde e disciplina das crianças**

*...e não há dúvidas de que a quase totalidade desse enorme contingente de crianças que nada tivessem para a defesa de sua sobrevivência proveio de mineiros de carvão...( Dr. Manif Zacharias. 1957)*

---

<sup>135</sup> Idem.

Até a década de 1950, os relatórios médicos e as visitas das freiras colocam que nas Vilas Operárias de Criciúma, os cuidados com as crianças não obedeciam a certas regras de higiene e saúde difundidas pelo saber médico. Banhavam-se as crianças em bacias de alumínio, lavando apenas determinadas partes do corpo, como pés, as partes genitais, rosto e mãos. Nos finais de semana, alguns, então, tomavam o “banho geral”. As enfermidades eram tratadas em casa com chás e simpatias, poucos iam ao médico que atendia no centro da cidade, muitos iam às benzedadeiras.

Outro dia, ao procurar a história do “Clube dos Negros”, para conhecer os espaços de entretenimento, que havia na Vila, no prédio do respectivo clube, foram chegando e sentando-se em volta de uma mesa algumas pessoas que cresceram na Vila. Entre uma lembrança e outra, um deles colocou: *Você lembra daqueles valos com água e pirita? Quantas vezes se tomava banho lá quando se estava com sarna.* Esta recordação evidencia uma das práticas contra a sarna, através da qual, em contrapartida, acabavam adquirindo outros problemas de saúde, principalmente, verminoses.<sup>136</sup>

As crianças, geralmente, sofriam com as epidemias de sarampo, coqueluche, varíola e outras, muitas não suportavam as crises de desidratação, devido aos problemas com a poluição da água e falta de saneamento básico. As crianças defecavam em qualquer lugar, além de ficarem muito tempo expostas ao sol, em atividades nas ruas. Segundo os médicos, o baixo valor nutritivo dos

---

<sup>136</sup> Estes locais eram repletos de dejetos.

alimentos ingeridos pelas crianças filhas e filhos dos mineiros, em toda a cidade, era uma das causas das doenças.

A mortalidade infantil era muito grande. D. Elisa descreve os enterrinhos: *meu Deus do céu! Era uma cachãozada, não era um, nem dois...meu pai trabalhava na carpintaria, tinha dia dele fazer seis, sete caxãozinho para crianças...*<sup>137</sup> José da Silva recorda que, certa vez, morreram três crianças em uma só rua.

A assistência médica era feita no Centro da cidade e para atender toda a região de Criciúma existiam, em 1944, apenas sete médicos. Estes atendiam no Hospital São José, inaugurado em 1936. A partir de 1955, veio o Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência - SAMDU. O jipe do SAMDU fazia visita às famílias através de programas de vacina e medicina preventiva. O SESI, por meio das freiras, organizou cursos de saúde pública.

A preocupação com a saúde e sobrevivência das crianças, filhos e filhas de operários, ocupou boa parte do espaço dos jornais deste período (1950), em colunas escritas por médicos. Na “Tribuna Criciumense”, em 1957, o médico Manif Zacharias discute continuamente a mortalidade infantil em várias edições do jornal e coloca a mortalidade infantil em Criciúma como “um problema médico social de caráter profilático e preventivo”. A função médica de caráter preventivo redefine sua relação com o Estado, no intuito de normalização da sociedade, pelos projetos dos médicos sanitaristas desde o final do século XIX.<sup>138</sup>

---

<sup>137</sup> Lembrança de Elisa Martins. Entrevista concedida em 1996.

<sup>138</sup> RAGO. Margareth. Op. cit. p.134.

Manif Zacharias afirma:

*A ignorância conduzindo as infelizes e pequenas vítimas às benzeduras e aos “chás” das comadres, às “garráfadas” dos curandeiros e as “drogas” “milagreiras” dos boticários com pretensões a doutores. (...)*

*Esta mesma miséria que priva a criança pobre, o LACTENTE ( a expressão significa- que ainda mama) de seu alimento essencial, o leite, substituindo em inúmeros casos constatados na clínica diária, pelo pirão ou mingau de farinha e água. A ignorância e a miséria de mãos dadas, gerando a promiscuidade entre crianças e adultos doentes ou animais, o uso cotidiano de água poluída e alimento de baixo valor nutritivo tanto pela qualidade, a falta de roupas e agasalhos adequados a cada época do ano e tantas coisas mais, hoje em dia em nossa terra, privilégio das famílias ricas e da classe remediada.<sup>139</sup>*

Manif Zacharias analisou que, de 1946 a 1956, 59% das crianças que morreram com menos de um ano de idade, faleceram em virtude da falta de assistência médica na cidade. Ele distribuiu percentualmente os diagnósticos dos óbitos infantis: distúrbios nutritivos agudos (dispepsia e toxicoses), 17%; as afecções bronco-pulmonares (pneumonias, broncopneumonias, bronquites capilares, etc), 11%; natimortos 4%; e 9%, outras causas.

Segundo o médico, os grandes responsáveis por este problema era a ignorância e as péssimas condições de vida da população pobre, principalmente mineiros.

Idéias sobre a temática saúde e desenvolvimento infantil também aparecem circulando nos jornais estaduais, como o “O Estado”, de Santa Catarina, em 1957, destacando que *o progresso de uma nação depende intimamente do seu*

---

<sup>139</sup> Tribuna Criciunense, 27 maio 1957.

*capital humano. Da quantidade e da qualidade da população.*<sup>140</sup> A quantidade e qualidade da população estava ligada à idéia de desenvolvimento da nação brasileira, ou seja, para a entrada do Brasil entre os países desenvolvidos do mundo. Estas questões, segundo as reportagens do jornal, foram temas de conferências de economistas e médicos. E entre as medidas necessárias para o alcance do Brasil entre as potências do mundo, encontrava-se, segundo o economista norte americano, Roy Nash, na luta contra a mortalidade infantil.<sup>141</sup>

Tanto no Jornal “O Estado” de Florianópolis, 1945, quanto no Jornal “Tribuna Criciumense”, na década de 1950, encontram-se inúmeras reportagens que tratam da temática criança, principalmente, na passagem do dia dedicado a elas, 12 de outubro, referindo-se à educação, higiene e aos demais cuidados que deveriam envolvê-las. *A preocupação médica com a preservação da infância, no Brasil, esteve presente desde meados do século XIX e intensificou-se nas primeiras décadas do século XX, momento de constituição do mercado de trabalho livre.*<sup>142</sup> O problema da mortalidade infantil é considerado um problema médico- social e por isso a medicina social empenha-se na tentativa de resolvê-lo. Para tanto, a família é o principal alvo dos higienistas, no sentido de uma reeducação dos hábitos morais e de saúde, pois, já no século XVIII, na Europa, esta política de intervenção coloca a família como uma teia de relações inscrita no estatuto social, que deveria garantir a transmissão de valores, cuidar e favorecer o desenvolvimento do corpo infantil.<sup>143</sup>

---

<sup>140</sup> O Estado, 8 fev. 1945.

<sup>141</sup> Idem.

<sup>142</sup> RAGO, Margareth. Op. cit. p.118.

<sup>143</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal,1996. P.199.

As mineradoras iniciaram algumas campanhas de vacinação. A Carbonífera Próspera é um dos exemplos:

*A campanha desencadeada teve ajuda da CSN, que despendeu grande soma para importar a vacina Salk, que combate o mal. Os filhos de empregados que variam de 6 meses a 7 anos de idade serão vacinados gratuitamente.(...)<sup>144</sup>*

*Ao mesmo tempo apelar para as autoridades de todas as cidades vizinhas que, porventura nos ouçam neste momento, para que também procurem seguir o exemplo da CSN.<sup>145</sup>*

Além de investir em campanhas contra determinadas epidemias, foram realizados projetos de medicina preventiva, por meio das freiras, que atendiam principalmente as crianças. O empenho maior das freiras, no entanto, deu-se na efetiva reeducação das crianças, procurando ocupar o seu tempo livre. *A gente queria uma reeducação. Agora é de notar o seguinte, que a reeducação que a gente buscava era nos padrões da época.<sup>146</sup>*

O padrão da época, representado e aplicado pelas freiras, compunha-se de disciplinar e normatizar a vida dos operários por meio de uma autoridade que representava o discurso religioso, médico e higienista. Para alcançar a vida das crianças, as freiras entraram em suas casas, na escola e tentaram retirá-las das ruas.

### ***A Divina Providência vai até as casas...***

<sup>144</sup> Vacina contra a poliomielite, realizada por meio de injeção muscular.

<sup>145</sup> PIACENTINI, Alvaro Luiz. *Tribuna Criciumense*, 5 ago. 1957.

<sup>146</sup> Ir Claudia. Entrevista concedida em novembro de 1996.

Ao visitar as famílias, as freiras iam sempre aos pares. Uma ficava brincando com as crianças fora da casa e a outra conversava com os pais. Ir. Claudia conta que agiam desta forma porque as mães costumavam falar de tudo na frente das crianças e elas acreditavam que havia coisas do mundo adulto que as crianças não deveriam conhecer. Iniciavam, deste modo, uma separação entre o que pertence aos adultos e o que pertence às crianças. Philippe Ariés coloca que a tendência em separar o mundo da criança do mundo dos adultos vem do final do século XIX,<sup>147</sup> e se instaura na tentativa de preservação de uma certa “pureza” do mundo infantil. As evidências indicam que as freiras, na Próspera, seguiam esta visão, pois seu projeto educacional mostra-se pela prática diante das crianças e de suas mães.

Nas conversas com as mães, incentivavam o banho nas crianças. As irmãs conseguiram, junto à Empresa, a construção de chuveiros coletivos. Aos sábados reuniam as crianças para ensiná-las a tomar banho. Havia um chuveiro para as meninas e um para os meninos. As crianças desciam o morro aos sábados e aguardavam em filas a sua vez de tomar banho. Uma das dificuldades que as freiras encontraram foi com relação à troca da roupa suja por roupa limpa, algumas mães não enviavam roupas limpas para os filhos colocarem após o banho. Depois de algum tempo, as freiras observaram que muitas crianças não iam mais aos chuveiros. Preocupadas, foram saber o “porquê” e surpreenderam-se ao constatarem que elas já estavam tomando banho em casa.

---

<sup>147</sup> ARIÉS Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Tradução: Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro; editora LTC, 1981. p.56.

Ao entrarem nas casas das famílias, com a autoridade legitimada pela religião, que para aquelas pessoas representava o próprio “Deus”, as freiras buscaram modificar a alimentação, os cuidados com a casa, a roupa e a higiene do corpo. Elas tinham experiência de trabalho em hospitais, e sua ida para as Vilas Operárias fazia parte de um projeto médico social, cujas reportagens em jornais da época apontam para a preocupação com a saúde, desenvolvimento e sobrevivência das crianças. A CSN abre este tipo de trabalho juntamente com o SESI, que buscou nas religiosas uma maneira de inserir nas camadas mais pobres um saber que se constitui como verdadeiro, o saber médico científico. Com a chegada deste conhecimento, o saber popular foi conduzido ao campo da ignorância, pois as benzeduras, simpatias e chás das comadres foram combatidas nos jornais e apontadas como responsáveis pela mortalidade infantil, na época, muito grande em Criciúma.

Ao se inserirem na intimidade dos lares, interferiram na vida dos casais, no trato com as crianças. As famílias recordam das freiras e ao se referirem a elas dizem, “no tempo das freiras”. Embora para muitas pessoas elas pudessem representar o que é correto, outras, as viam com desconfiança e com medo. *As freiras vinham e aconselhavam, depois retornavam para verificar se a “dona” estava fazendo como elas haviam dito, então muitas mulheres se escondiam de medo delas, pois caso não estivessem cuidando da casa como haviam ensinado elas ralhavam com a dona.*<sup>148</sup>

---

<sup>148</sup> Josina Maria da Conceição nasceu em 18/01/1908 na Urussanga Velha. Veio para a Próspera em 1943. Entrevista de 1998.

Na História Oral, é preciso estar atento ao tom de voz e aos gestos, não apenas às palavras. Percebi em alguns relatos um certo ar de desconfiança, que não se materializou em palavras, mas se tornou visível pelo olhar e pelo sorriso irônico. Ir. Cláudia colocou que *foi muito difícil*.<sup>149</sup> Este “muito difícil”, possivelmente, refere-se à resistência encontrada na realização de seus objetivos. Por exemplo, uma das imagens que muito impressionou Ir. Cláudia, quando chegou em Criciúma, foi a das crianças seminuas ou nuas, brincando sobre a “Ponta da Pedra”. Imediatamente procurou as mães na tentativa de modificar tal hábito. Ao perguntar a uma delas o “porquê” de o filho estar assim, obteve como resposta que eles se sujavam muito e desta forma ela não precisaria lavar tantas “calcinhas”<sup>150</sup>, e também: *só se a senhora lavar as calças para mim*.<sup>151</sup>

As freiras cuidavam da farmácia e vendiam remédios aos moradores. Nem todos confiavam “nos remédios das freiras”, como dizem, pois havia farmacêuticos na cidade que eram muito bem aceitos e preferidos pela população. D. Irene recorda uma gripe forte, situação em que procurou a farmácia das Irmãs, que lhe venderam um xarope e garantiram-lhe que ficaria curada. *As Irmãs disseram que era bom, bom nada*. D. Irene sarou, diz ela, foi com um xarope que seu pai já havia tomado.<sup>152</sup>

### *A escola e a catequese*

<sup>149</sup> Fala de Irmã Cláudia, entrevista de 1996.

<sup>150</sup> Termo utilizado pela freira para referir-se às vestes dos meninos e meninas que cobriam a parte genital.

<sup>151</sup> Lembrança de Irmã Cláudia, entrevista realizada em 1996.

<sup>152</sup> Lembrança de D. Irene. Entrevista de 1998.

As freiras também davam catequese e para isso utilizavam-se do espaço e do tempo da escola. Como eram muito ocupadas, chegavam na sala, pediam licença à professora e davam catequese. A escola as recebia bem e a professora parava a atividade que estava fazendo com os alunos, deixando-os à disposição das Irmãs. Percebe-se que elas não tinham uma hora marcada para realizarem a catequese.

A entrada em classe, durante as aulas, pôde oferecer oportunidade para que as irmãs observassem o funcionamento da escola e a interferência das professoras na aprendizagem dos alunos. Irmã Cláudia lembra da linguagem, da conjugação dos verbos:

*E eu me lembro que achei engraçado, por causa da conjugação dos verbos. Eu entrei logo no primeiro dia, fui dar catequese e contei uma estorinha, quando terminei, perguntei:- vocês gostaram? E todo mundo assim:- "gostemo"! E eu fiquei esperando a professora corrigir. E ela não corrigiu e então eu não corriji também, fiquei quietinha, sem graça de corrigir. Mas aquilo doeu no meu ouvido: Gostemo.<sup>153</sup>*

A Irmã continua a narrativa colocando que tentaram corrigir conversando com a professora, mas desistiram quando esta colocou que as crianças falavam desta forma porque todos as pessoas com quem conviviam falavam assim. Ela, professora, tentou corrigir, mas percebeu que era algo tão forte que resolveu desistir. Isto era cultural. Em reunião com a Superiora, as Irmãs colocaram o

---

<sup>153</sup> Lembrança de Ir. Cláudia. Entrevista de 1996.

problema e esta afirmou que elas teriam muito trabalho, pois até mesmo uma professora conceituada na cidade falava daquela forma. A fala popular foi encarada como algo errado e não como algo diferente. A preocupação em corrigir o “errado” se fez presente.

Embora muitas crianças frequentassem a escola e a catequese, a rua continuou sendo o local onde mais frequentado e o trabalho maior das freiras constituiu em retirá-las da rua, ocupando o tempo livre das crianças, filhas e filhos de mineiros, com atividades dirigidas. Desta forma as conduziram para uma adaptação à ordem do trabalho.

#### *Alcança as crianças nas ruas da Vila*

Maria Auxiliadora Decca<sup>154</sup> aponta para as atividades criadas pelo poder público ou pela fábrica, no sentido de ocupar o tempo livre dos operários como forma de disciplinar e moralizar hábitos considerados perniciosos e improdutivos, capazes de criar focos de agitação e revolta. Estas medidas atingiam também as crianças, filhos de operários: *A disciplina do lazer, em função de uma maior adequação ao trabalho e à vida em um centro urbano que se industrializava e expandia de maneira crescente, foi buscada pelos poderes públicos de forma “idealizada” nos cuidados formativos com a criança, principalmente a dos meios operários.*<sup>155</sup>

---

<sup>154</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. Op. cit. p.88

<sup>155</sup> Idem, p. 91

Assim como em São Paulo, em Criciúma as autoridades buscaram adequar o ambiente das crianças pobres, dentro das pretensões higiênicas de saúde e moral. A moral impõe comportamentos previamente estabelecidos como corretos; o direito de escolher não é respeitado quando existe uma imposição, imposição esta que pode apresentar-se muitas vezes, de forma atrativa. Quem julgou hábitos como “certos” ou “errados”, não foram, neste caso, as crianças que os vivenciavam, mas aqueles que se preocupavam em ocupar o seu tempo livre, tempo vivido nas ruas, onde para as autoridades poderiam criar maus hábitos, vícios e criminalidade.

Em São Paulo, foram criados parques infantis para a realização da recreação dos filhos dos operários.<sup>156</sup> Na Próspera, o espaço de recreação era o quintal da casa das freiras. Neste espaço, elas buscaram modificar os hábitos considerados ruins para a formação do caráter principalmente do menino, do filho de mineiro. Um desses hábitos encontrados pelas Irmãs foi a questão do furto. Vejamos como a Irmã contou o fato e tentou resolver o costume:

*E as crianças, os meninos roubavam muito. Então nós começamos a fazer um trabalho com os meninos, aí é que entro. Isto foi logo que nós chegamos. Vimos que as crianças roubavam. Furtavam, não era roubo, era furto. Então era assim, passava um caminhão de peixe e eles tiravam, e levavam para casa. Mas então nós começamos um trabalho com os meninos. Começamos com o futebol justamente.... O Valter era um menino mais crescidinho, ele devia ter uns treze anos, entre 13 e 14 anos, talvez 12, por aí, mas ele era desenvolvido, era uma liderança e falava assim: - Hoje passou um caminhão de peixe irmã. E eu dizia: - E daí? - Bom a senhora sabe, a gente buscou alguns né. - Buscou? Buscou uns como? - A gente trepou, conversou e tudo, joga um pra cá e esse*

---

<sup>156</sup> Id. Ibem. p. 90.

*aqui quanto é? É tanto. E a gente, não esse aqui não, e com a outra mão a gente joga pra lá né. Contava direitinho como é que roubavam os peixes. Eu falei... nem me lembrava de fazer perguntas só ficava, não falava nada. -Ô gente, mas vocês ficam tranquilos? - Ô irmã, a gente não tem né. Passava o caminhão de peixe.- Oh! Irmã hoje passou o caminhão de peixe.- E daí? – Bom e daí a gente pegou. Todo dia a mesma coisa. Quando um dia eu perguntei para eles assim:- Eu quero saber de uma coisa, como é que vocês fazem para chegar com esses peixes em casa? O que a mãe de vocês fala? Ai o Valter falou: - Ué, a minha mãe fala assim , “esse não vai dar para hoje, tem que buscar mais.”<sup>157</sup>*

Neste depoimento, percebe-se que, para as crianças, não havia roubo, havia um buscar; elas “buscavam” porque acreditavam que os donos tinham bastante e elas não tinham. As mães julgavam da mesma forma, considerando que não estavam fazendo algo errado. O trabalho das Irmãs não foi apenas de condenar isto ou aquilo, mas de mudar toda a forma de ver as coisas, de construir novos hábitos, de estabelecer regras de conduta.

Diante desses acontecimentos, as Irmãs procuraram as mães, entenderam que para educar a criança era necessário trabalhar com quem devia passar mais tempo com elas, já que os homens trabalhavam nas minas. A Irmã, ao procurar a mãe de Valter, ficou surpresa, pois a mesma considerava natural o que as crianças faziam : *mas irmã, não têm problema não, eles tem muito, não faz falta não.*<sup>158</sup>

O trabalho das freiras concentrou-se, então, em criar alternativas para as crianças saírem das ruas. Criaram os times de futebol. Baseado em regras, o futebol ajudaria a criar uma certa disciplina. Os jogos criam valores como a

<sup>157</sup> Lembrança de Ir. Cláudia. Entrevista concedida em 1996.

<sup>158</sup> Lembrança de Ir. Cláudia em diálogo com a mãe de Valter. Entrevista concedida em 1996.

obediência às regras e a cooperação no grupo. Outra atividade foi a formação do coral infantil. Este também era utilizado pela empresa para animar as festas de 1º de maio ou de inaugurações. José da Silva recorda: *...inclusive eu fui cantar, na época eu era do coralzinho infantil e nós fomos cantar na inauguração das quatro ou seis primeiras casas.*<sup>159</sup>

Time de futebol, coral infantil, banda de música foram atividades às quais as Irmãs envolveram as crianças enquanto permaneceram na Vila. Como estas participaram destas atividades e lidaram com o espaço construído pela mineradora será a discussão do último capítulo.



Algumas freiras realizando visita às famílias, em 1952.

Arquivo particular de Mário Belolli.

---

<sup>159</sup> Lembrança de José da Silva, entrevista concedida em 1996.

Penso que as experiências vividas pela classe operária são comuns por estarem submetidas a um determinado modo de produção. Não apenas ao modo de produção, mas também, às exigências culturais de cada momento. A construção das vilas operárias está relacionada aos saberes médicos da época, que por sua vez, apóia as exigências de higiene para a melhoria da produtividade. A higiene ultrapassa as condições de limpeza e alcança comportamentos, moralidade, uma espécie de limpeza espiritual, que para existir necessita de mecanismos de disciplina e controle. No entanto, as diferentes pessoas, tantas vezes submetidas às mesmas condições, relacionam-se de formas diferentes com o próprio ambiente e entre si.

Como os moradores da Vila Operária da Próspera irão “fazer uso” do ambiente em que vivem, construído pela necessidade dos mineradores em explorar o carvão e como irão se relacionar com as pessoas que habitavam o mesmo espaço, é o que segue nos próximos capítulos.



Crianças no quintal das freiras. Década de 1950. Álbum de Elisa.

### CAPÍTULO III

#### RETALHOS DOS “USOS”: APROPRIANDO, ADAPTANDO, CONSTRUINDO E RECONSTRUINDO A VILA

*Quem escuta uma história está em companhia do narrador, mesmo quem a lê partilha dessa companhia.*

(Walter Benjamin)

Podemos caminhar por um determinado espaço e perceber diferentes aspectos deste lugar mediante o foco de nosso olhar, que se desloca em direção daquilo que nos é significativo. Como lembra Eclea Bosi, *a memória das pessoas depende de um longo e amplo processo ao qual fica o que significa.*<sup>1</sup>

Nos capítulos anteriores, o trilhar pela Vila enfocou a constituição desta a partir da chegada dos operários com suas respectivas famílias para o trabalho nas minas, e os projetos de higienização e organização que envolveram estas famílias. Neste momento, a trilha que pretendo percorrer diz respeito às relações desses moradores com este espaço, no sentido de tentar perceber, assim como Pierre Mayol percebeu, ao escrever sobre os espaços denominados de “bairros”, uma

---

<sup>1</sup> BOSI, Eclea. Op. cit. p.27

“rede de sinais sociais”, que se compõem da relação das pessoas.<sup>2</sup> No meu caso, escrevo sobre o ambiente imposto pela mineradora, identificando as “manipulações”, as “utilizações”, bem como as relações de vizinhança. Estes sinais encontram-se visíveis no cotidiano, *aquilo que nós é dado a cada dia*,<sup>3</sup> e podem marcar nossa existência como uma “pertença indelével”.

Um apreciador das coisas da natureza toma sua mochila com alguns viveres e sai a caminhar por caminhos pouco percorridos. Fica atento às flores, às árvores, às borboletas com suas cores, aos pássaros, enfim, a tudo que lhe chama atenção. Com certeza, enfrenta as irregularidades do caminho. Quando retorna à cidade, traz consigo a imagem de tudo que encontrou; às vezes traz angústias, pois seguir caminhos desconhecidos é expor-se ao inesperado. Um historiador que se propõe a abrir picadas e caminhar por entre as construções culturais no cotidiano de determinada sociedade, neste caso, uma “Vila Operária”, encontrará festas, bailes, exemplos de solidariedade, conflitos, brincadeiras, encontrará um espaço repleto de particularidades deixadas por quem por ali passou. A trilha pode ser difícil, encontrará recusas, críticas, poderá sair com alguns “arranhões”, mas com certeza, trará consigo a alegria de poder conhecer e construir junto às pessoas que habitaram a Vila, sua história: História construída a partir do encontro com a memória daqueles, que com paciência, narram suas vidas, e desta forma permitem ao historiador entrar na intimidade dos lares, caminhar e encontrar a rua, chegar aos bares e aos bailes; alcançar uma missa e uma festa na igreja, ir a enterros;

---

<sup>2</sup> MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel & . *A Invenção do Cotidiano 2: Morar, Cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.p.43.

<sup>3</sup> CERTEAU, Michel. Anais do cotidiano . In: CERTEAU, Michel & . *A invenção do Cotidiano 2, Morar, Cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p.31

perceber os ruídos e os odores. Assim, os espaços de vida íntima e de sociabilidade, as interligações de uma cotidianidade que se constituem de práticas diárias como circular, morar, cozinhar, falar, vestir constituem as questões que terão visibilidade neste texto.

### **No espaço de habitação**

Inspirada nas palavras de Pierre Mayol, quando discorre sobre os limites entre a vida pública e privada de um bairro, *o público e o privado não são remetidos um de costas para o outro, como dois elementos exógenos, embora coexistentes; são muito mais, são sempre interdependentes um do outro, porque no bairro, um não tem nenhuma significação sem o outro,*<sup>4</sup> procurarei evidenciar “as maneiras de fazer” do espaço de moradia que compuseram o cotidiano das famílias operárias dentro de seus lares, evidenciando também às atividades externas que contribuíram para a vida doméstica.

Antes de iniciar a narrativa a respeito da vida dentro das casas, faz-se necessário situar o leitor novamente às condições das moradias. Na década de 50, havia na Vila três tipos de casas construídas pela empresa. As casas com três, e com cinco cômodos de madeira; e as de alvenaria com banheiros. O processo de mudança de uma casa menor para uma maior e com mais “conforto” deu-se lentamente e, muitos do que hoje falam da experiência na Vila, viveram grande parte de suas vidas nas pequenas casas. Nestas experiências, “morar” apresenta

---

<sup>4</sup> MAYOL, Pierre. Op. cit. p. 43.

uma utilização do espaço, uma reconstrução peculiar, singular da casa operária, revelada no cotidiano. O “dia a dia” mostra estas diferenças nos modos de viver. Nele acontecem as relações entre pessoas, objetos, culturas que circulam em um determinado tempo e espaço.

### *A apropriação da moradia*

O espaço invocado neste momento é o espaço da casa. A casa com seus ruídos, seus aromas, sua divisão em aposentos íntimos e públicos. A disposição deste espaço e a flexibilidade que o mesmo tem em uma casa com poucos cômodos é o que encontraríamos se entrássemos em uma das casas dos operários mineiros da Próspera.

Na cozinha, o fogão de quatro pés, com a chapa de duas bocas e a mesa com quatro cadeiras de palha e o jirau na janela;<sup>5</sup> na parede, prateleiras improvisadas com tábuas de caixotes, como recorda D. Lurdes:

*Sabe como é que elas faziam as prateleirinhas delas para colocar os talheres, os pratos, xícaras, não tem aqueles caixões que vinha sabão antigamente? Elas usavam aqueles caixotes, botavam nas paredes as coisas, quase todo operariado aí, era as prateleiras delas (rindo) de caixote de madeira de sabão. Aquelas mais caprichozinhas, ainda faziam uma cortininha e botavam na frente<sup>6</sup>*

---

<sup>5</sup> Na janela da cozinha das casas operárias eram colocadas uma tábua, chamada de jirau, com uma bacia de madeira ou de alumínio onde lavava-se a louça.

<sup>6</sup> Fala de Lurdes Pizzetti Machado, entrevista de 1998.

No quarto havia a cama do casal e a do filho menor. A organização das roupas dependia da criatividade de cada morador: *no quarto era um guarda-roupinha, quem tinha, porque nós naquela época nem tinha. Nós botava era um arame em um cordão e pendurava as roupas.*<sup>7</sup> Alguns traziam o velho baú com algumas peças do enxoval e a mala para guardar as roupas das crianças.<sup>8</sup> Havia casas com mais de um quarto. Dependendo do número de filhos, em algumas casas, as crianças dormiam separadas dos pais e em outras, meninos e meninas dormiam em quartos separados. Esta relação com o espaço está vinculada à “moralização” das famílias. A ordem dos aposentos revela o estabelecimento da funcionalidade dos mesmos.

A sala era o local mais flexível da casa. Durante o dia fazia o papel de sala, com uma pequena mesa de verniz e suas quatro cadeiras e à noite transformava-se em quarto para as crianças ou para pensionistas.<sup>9</sup> As Irmãs Antunina e Zulma recordam a “esteirada” espalhada pelo chão da sala, na hora de dormir.<sup>10</sup> Porém, em muitas casas havia camas na sala. As famílias numerosas, as casas com apenas um quarto, as crianças dormiam tanto na sala quanto na cozinha, freqüentemente, mais na sala. Com tantas pessoas ao redor, dificilmente era possível esconder algo dos familiares, desde uma mudança no humor ou mesmo no corpo. D. Zenaide recorda que dormiu na mesma cama que seu irmão até os 14 anos. E, foi nesta

---

<sup>7</sup> Lembrança de D. Zenaide. Entrevista concedida em 1996.

<sup>8</sup> Caixa de madeira onde eram guardadas as roupas.

<sup>9</sup> Os pensionistas eram parentes ou conhecidos da família, geralmente solteiros, que vinham trabalhar nas minas e não possuindo casa pagavam pensão para alimentar-se e ter um espaço onde dormir.

<sup>10</sup> Antônia Martins Cunha nasceu em 1930 e Zulma Martins Crispim nasceu em 1933, filhas do mineiro conhecido na Próspera como “Tio Zé”; vieram de Jaguaruna para Criciúma na década de 1940.

idade que casou, passando da companhia do irmão, que era dois anos mais novo, para a do marido. Recorda que, na casa em que morava, a sala era ocupada por um de seus irmãos e a esposa. O quarto acomodava além da cama de sua mãe, uma outra, ocupada por D. Zenaide e seu marido. As duas camas eram separadas apenas por um corredorzinho. Nesse quarto, concebeu e pariu sua primeira filha.

As condições das moradias operárias, cômodos minúsculos que abrigavam muitas pessoas, vêm desde a emergência da industrialização no mundo, mas as reivindicações por melhorias na habitação não aconteceram de imediato. Se no século XIX “os operários atribuem maior valor à cidade que a moradia”, suas preocupações giram mais em torno do aumento dos aluguéis que do conforto da casa. As campanhas contra os cortiços neste período não são de origem operária e sim dos sanitaristas. No início do século XX, o inverso acontece. Reivindicações por espaço e conforto começam a fazer parte das organizações operárias na Europa,<sup>11</sup> o que “respinga” nos anos 50, na Próspera. Mesmo que a empresa não fornecesse casas com espaços adequados para o número de familiares, os moradores intervinham na arquitetura da casa, modificando-a de acordo com as necessidades da família.

A empresa alugava as casas e se as mesmas necessitassem de alguma reforma, deveria ser solicitado à Carbonífera: *Os pedidos, tinha um homem chamado Zé Martinho que atendia os consertos da casa, ele era o responsável, então a gente fazia os pedidos daí eles iam lá ver, tinha pedreiro, carpinteiro.*<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> PERROT, Michele. Op. cit. p.101/102.

<sup>12</sup> Lembrança de Zenaide. Entrevista de 1996.

As reformas que a Companhia realizava diziam respeito apenas a consertos, não se referiam ao aumento da moradia. Nem todas as pessoas esperavam as reformas ou consertos da mineradora; muitos ajeitavam suas casas de acordo com suas necessidades. O Sr. Prudêncio recorda que quando nasceu seu primeiro filho, ele fechou uma “varandinha” e fez um quarto. Esta maneira de adequar o espaço da casa foge à imposição das habitações construídas especialmente para os operários e evidenciam as *“manipulações” de espaços impostos, táticas relativas à situações particulares, abre-se a possibilidade de analisar um imenso campo de uma arte de fazer.*<sup>13</sup>

Embora fossem construídas em série, e num primeiro olhar, aparentassem ser todas iguais, um olhar mais cuidadoso perceberia as diferenças. Dentro e fora de cada casa, as marcas da singularidade de cada morador se evidenciava. Para isso, diferentes formas de embelezar o ambiente podiam ser encontradas, desde as cortinas nas prateleiras de caixotes, lembradas por D. Lurdes, como as figuras de santos na casa de D. Zulma e Antunina, assim como nos panos de parede bordados: *Então, botava aqueles panos dependurados com bordados de pensamentos bonitos tipo assim “a higiene prolonga a vida”. Não sei mais o quê. Quem tinha mais panos de parede era mais bonito, era competição. E os biquinhos de prateleiras, tudo bordadinho também.*<sup>14</sup>

A maneira como cada família dispunha de seu ambiente doméstico, os diversos ‘usos’ que faziam de um determinado móvel, objeto, ou mesmo dos

---

<sup>13</sup> CERTEAU, Michel. Op. cit. p.86.

<sup>14</sup> Lembrança de Elisa. Entrevista de 1996.

cômodos da casa, extrapolando a função para a qual foram construídos, remetemos às palavras de Jean Baudrillard que escreve sobre a função abstraída dos objetos: *todo objeto tem duas funções, uma que é a de ser utilizado, a outra que é a de ser possuído*.<sup>15</sup> A posse sobre determinado objeto permite ao usuário fazer dele o uso que lhe for apropriado. Desta forma, caixas de sabão são reaproveitadas e transformadas em prateleiras; camas não são apenas camas, mas local para as visitas sentarem; as figuras de santo transformam-se em quadros decorativos. Estas práticas marcam uma particularidade, um modo de viver, que extrapolavam o ambiente da casa, modificavam o ambiente construído pela mineradora e alcançavam também o quintal, a rua.

No quintal, encontrariamos um córrego formado pela água da louça lavada nos “jirais”, a “patente” ao fundo, o arame farpado para pendurar as roupas lavadas e as cercas de varas de eucalipto que separavam uma casa da outra.<sup>16</sup> Também circulavam os animais de criação: galinhas, porcos, cabritos, tudo misturado. Irmã Cláudia recorda que tirou “retrato” das crianças brincando com os porcos.<sup>17</sup> D. Rosária reflete que, se hoje alguém no bairro criasse um desses animais, sentiria o cheiro, mas naquele tempo não, o cheiro das fezes e dos animais fazia parte do ambiente doméstico.<sup>18</sup>

Apesar do terreno piritoso, muitos moradores buscavam terra fértil ou brigavam junto à Mineradora para obter uma casa com terra boa para plantarem

---

<sup>15</sup> BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: ed. Perspectiva S. A., 1997.

<sup>16</sup> As cercas eram construídas por alguns moradores.

<sup>17</sup> Entrevista concedida em 1996.

<sup>18</sup> Entrevista de 1998.

suas hortaliças. *O Sr. Vai me desculpar, mas uma casa em cima da pirita eu não quero. O Sr. não gosta de plantar tomate lá na sua casa quando vem do serviço?*<sup>19</sup>

Se a Vila como um todo exibía uma paisagem lunar, sem vegetação, apesar da terra danificada pelo carvão, as pessoas buscavam embelezá-la, plantando flores, como no quintal da casa de D. Elisa.<sup>20</sup>

Michel de Certeau, estudando a cultura popular no Brasil, percebeu nas “artes de fazer” da cultura popular o aproveitamento da sucata, as táticas, jogos de astúcia que driblam uma “ordem estabelecida”.<sup>21</sup> Algumas experiências dos habitantes da Vila tornam visíveis as palavras de Michel de Certeau quando este fala que *o território onde se desdobram e se repetem dia a dia os gestos elementares das “artes de fazer” é antes de tudo o espaço doméstico, a casa da gente.*<sup>22</sup> Estas práticas mostram como foi organizado o espaço de moradia oferecido pela empresa de forma que pudesse abrigar as famílias com mais conforto.

Como vimos acima, as regras que proibiam mexer nas casas não eram obedecidas; ao contrário, as pessoas ajeitavam o ambiente, faziam “puxados” como lhes convinha e quando saíam da casa, porque se aposentavam, ou porque mudavam de emprego, vendiam as BENFEITORIAS. Esta prática funcionava da seguinte forma: Como a casa era alugada, vendia-se, com o desconhecimento da

---

<sup>19</sup> Prudêncio Constantino da Silva. Nasceu em 1915 e faleceu em 1997. Veio para a Próspera em 1945. Entrevista concedida em 1996.

<sup>20</sup> Ver página 92.

<sup>21</sup> CERTEAU, Michel. Op. cit. p. 76- 82.

<sup>22</sup> CERTEAU, Michel e GIARD, Luce. *Espaços Privados*. In: *Invenção do Cotidiano 2, Morar, Cozinhar*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1997. p. 203.

Companhia o “direito” de nela morar e incluía-se nesta venda os melhoramentos que o antigo proprietário fizera na casa. Caso o “comprador” não quisesse as tais “benfeitorias”, o vendedor as retirava. Nota-se que o “direito” poderia ser vendido apenas para as pessoas que trabalhavam na mineradora. Se estas não quisessem as benfeitorias, o antigo morador as tirava. Muitas vezes, isso acontecia escondido da Empresa. Minha mãe recorda que um de meus tios quis vender o “direito” de sua casa para meu pai, mas este, temendo ser descoberto pela empresa, não quis. Uma outra pessoa acabou comprando e tempos mais tarde legalizou a compra junto à Carbonífera. Isto evidencia que embora as casas não lhes pertencessem, os usuários da casa alugada inventavam uma maneira de se tornarem seus proprietários ou de parte delas.



Quintal da casa de D. Elisa. Década de 1940. Álbum de família de D. Elisa

*Todo espaço é construído*, coloca Lisabete Coradini.<sup>23</sup> A construção depende da relação social e do uso que os moradores irão fazer dele; os “usos” encontram-se no cotidiano. Para perceber os “fazeres” no espaço de moradia, que refletia em toda Vila, recortarei um dia da rotina das famílias da Vila Operária Próspera.

### *O despertar*

A família despertava, ao amanhecer, com o canto dos galos e com o apito da usina. A usina berrava como um bode.<sup>24</sup> O bode “*Apitava 6h, 12 h, 15 h, 5h:30min e 6h da manhã, depois 11h, 11 h e 30 min, 12h e 13h para a “pegada” do serviço, agora, hoje não se vê mais nada.*”<sup>25</sup> Os horários das famílias eram organizados pelo apito da usina ou pela hora em que o trem passava. A presença do apito como regulador dos horários era um dos estímulos metálicos, que funcionava como sinal para a disciplina dos operários no trabalho. A maioria dos operários não possuía relógio. Com o apito, a Empresa regulava suas horas e os disciplinava para o “tempo de trabalho”.

E.P Thompson coloca que nas mudanças da sociedade no nascente capitalismo industrial da Europa, século XVIII, a imposição da mecânica na medida do tempo atua como meio de exploração do operário.<sup>26</sup> A presença na Vila

<sup>23</sup> CORADINI, Lisabete. *Praça XV: Espaço e Sociabilidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995

<sup>24</sup> A usina já foi referida no 1º capítulo. Os moradores apelidaram de bode, porque o som que emitia era parecido com o dos cabritos que circulavam em grande número pela Vila.

<sup>25</sup> Lembrança do Sr. Prudêncio. Entrevista concedida em 1996. Esta lembrança remete a um diálogo entre o Sr. Prudêncio e um dos diretores da Carbonífera, Mário Balsini.

<sup>26</sup> THOMPSON, E. P. *Tiempo e Disciplina de Trabajo y Capitalismo Industrial*. In: *Tradicion, Revuelta y Consciência de Classe*. Barcelona: Crítica, 1984.

de um “marcador de horas coletivo”, o apito da usina, fazia com que todos os moradores se enquadrassem nos horários da empresa. Esta regulava a vida das pessoas pela hora da produção da mina. Este é mais um exemplo de como a mineradora alcançava a vida dos trabalhadores fora do local da produção.

No bule, o café emanava o aroma tão conhecido, esperando ser absorvido sem leite, pela maioria das famílias, pois apenas algumas o recebiam em casa, que era trazido pelos filhos e filhas dos “colonos”: *O pessoal da Vila vinha pegar o leite ali, aí outros não podiam vir pegar, minha mãe botava em uma bolsinha as garrafas e nós íamos entregar casa por casa de manhã cedo. Nós íamos até lá em cima, lá na Vila dos Engenheiros, lá pra cima do escritório entregar leite, levar leite de manhã cedo.*<sup>27</sup>

Percebe-se na fala de D. Lurdes que a clientela principal era aquela que morava no espaço do bairro situado acima do escritório; logo, não eram os mineiros peões e sim os engenheiros e trabalhadores do setor administrativo da Empresa. Muitas pessoas da Vila aproveitavam o leite das cabras, pois existiam muitos cabritos na Vila que não tinham donos, e que andavam soltos, como contam os moradores. O café, com ou sem leite, era bebido acompanhado de roscas, pão ou bolo de milho, que os meninos vendiam em cestas.

### *As lidas domésticas*

---

<sup>27</sup> Lembrança de Lurdes Pizzetti. Entrevista concedida em 1998.

As mulheres, sempre às voltas com as lidas domésticas;<sup>28</sup> os homens, ocupados com o trabalho na mina — situação que demarca a divisão sexual do trabalho na organização das famílias, acentuado no século XIX, onde “cada sexo tem sua função, seus papéis. Suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados.<sup>29</sup> As crianças, por sua vez, circulavam por todo o espaço, brincando, ajudando as mães nas lidas e algumas estudando. Os trabalhos que atendiam às necessidades dos moradores consistiam no preparo da comida, lavação de roupas e o cuidados com as crianças pequenas.<sup>30</sup>

### A nutrição

Para preparar o almoço, muitas vezes, as mulheres tinham que suportar as filas do armazém, do açougue e da água. Elas, então, procuravam administrar as tarefas domésticas, buscando inventar maneiras de organizar o tempo disponível para conseguir realizar seu trabalho.

*Para comprar no armazém era necessário buscar uma “ordem”, em determinado dia do mês no escritório da empresa. “Ordem” era uma espécie de vale para as compras, que no final de cada mês era descontado do salário dos mineiros. Com a tal “ordem” nas mãos, as mulheres se dirigiam ao local das compras, por ordem de chegada recebiam uma ficha, esta era colocada uma sobre a outra e o funcionário do armazém, então, chamava pelo nome quem tinha chegado primeiro. Toda essa espera proporcionava tempo de*

---

<sup>28</sup> Algumas mulheres solteiras trabalhavam na escolha até casarem. Os mineiros não permitiam que as mulheres trabalhassem fora. Mesmo assim muitas faziam bicos como lavar roupas para fora, costurar, ou bordar para ajudar nas despesas da família. Mas as atividades domésticas sempre eram da responsabilidade das mulheres.

<sup>29</sup> PERROT, Michele. Op. cit. p.178.

<sup>30</sup> Geralmente os irmãos mais velhos cuidavam dos menores. As crianças geralmente com 4,5,6 anos em diante brincavam muito nas ruas e ficavam em casa apenas os menores.

*voltarem para casa, e fazerem suas atividades domésticas e olharem os filhos.*<sup>31</sup>

Realizavam o que pode ser chamado de “drible” da espera, visto que as mulheres dos mineiros, às 10h da manhã já estavam com o almoço de seus maridos prontos, pois os “almoceiros”<sup>32</sup> ou elas próprias, saíam de casa 10h e 30 min para levar o almoço até a “boca da mina.”<sup>33</sup>

No açougue, a fila iniciava na madrugada, sendo que os lugares eram marcados com pratos e tijolos. Quem chegasse primeiro pegava os melhores produtos. As mulheres criaram uma forma de se fazerem representar nas filas sem estarem presentes. Levantavam cedo, marcavam seus lugares e voltavam para casa. Esta regra era combinada entre elas, mas nem sempre todas respeitavam, o que gerava muitas brigas e discussões.

Essa rotina também se encontra em outros lugares e o exemplo vem das minas da Bolívia. Domitila, personagem do livro “Se Me Deixam Falar”, conta como era o dia-a-dia na Vila que morava: *Meu dia começa às 4 da manhã (...) É necessário ir ao armazém e trazer os artigos de primeira necessidade. No armazém fazem-se filas imensas e fica-se até às 11 para se abastecer de*

---

<sup>31</sup> COSTA, Marli de Oliveira. A Casa Operária na Vila da Próspera (Criciúma – 1938/1948). Tubarão, UNISUL, 1996.

<sup>32</sup> As crianças que levavam almoço para os mineiros eram chamadas de almoceiros.

<sup>33</sup> A mineração abria novas minas e estas se localizavam cada vez mais longe da Vila Operária. O trajeto até a boca da mina era longo. Os almoceiros geralmente levavam almoço para vários mineiros e passavam de casa em casa para pegá-los. Por isso, para que o mineiro recebesse o almoço às 12h, era necessário que o mesmo estivesse pronto cedo.

*alimentos. Fila para carne, para a verdura, para o óleo. Para tudo é preciso fila*<sup>34</sup>.

Tanto na Bolívia quanto na Próspera, uma das alternativas encontradas pelas mães também era a de deixarem as crianças marcando os lugares nas filas.

O feijão cozido, a carne frita, um arroz e pouca salada eram os principais alimentos das famílias. No açougue da Empresa nunca faltava carne. Como não existia geladeira, as mulheres pegavam os vales para todo o mês, e todos os dias iam pegar carne fresca. Algumas mulheres salgavam estas carnes para que não precisassem ir todos os dias ao açougue. A tarefa de nutrir a família foi entregue às mulheres e estas buscaram maneiras de realizá-la de acordo com as condições concretas que dispunham. A panela de alumínio barato fervia no fogão à lenha de quatro pés, cozinhando o feijão com a água contaminada de carvão, trazida das bicas.

Depois do almoço, a louça era lavada no “jirau” e a água jogada no quintal, *se lavava louça em um “aguidal”, gamela, virava aquilo ali e ficava a lodeira, a nojeira.*<sup>35</sup>

### O uso da água

*¶lata d'água na cabeça  
lá vai Maria, lá vai Maria.. ¶*<sup>36</sup>

<sup>34</sup> VIEZZER, Moema. Op. cit. p.35.

<sup>35</sup> Lembrança de Elisa. Estas práticas foram acusadas, pelo saber médico, de ignorância dos valores nutritivos dos alimentos e noções básicas de higiene. A cozinha das mulheres operárias sofreu, então, intervenção sanitária, sendo este um dos objetivos do trabalho das “freiras”.

<sup>36</sup> Lata d'água. Samba de Luiz Antônio e Jota Júnior. 1952.

O problema da falta de água, segundo as lembranças de D. Rosária, agravou-se na década de 50: *Esse problema de fila, de racionamento de água, isso daí já é uma coisa mais recente de 1955, 56 para cá, foi quando a Próspera começou a crescer muito, se desenvolver muito.* A Empresa buscou algumas formas de tentar amenizar o problema e uma delas foi a colocação de Carros-Pipa para o abastecimento de água. As famílias armazenavam a água do Carro-Pipa em latões de óleo vazio que a mineradora doava. Os mesmos eram lavados e as pessoas colocavam pó de serra, pintando-os depois para poderem encher de água. Outra medida foi a colocação de torneiras, bicas nas esquinas das ruas e a “Carioca”.

A mineradora colocou, em algumas esquinas das ruas, torneiras com água. As pessoas se deslocavam de suas casas para pegar água nessas bicas. Para facilitar o trabalho, as mulheres colocavam seus tanques de lavar roupas junto a essas torneiras e, no local, passavam horas e horas lavando a roupa da família e lavando roupas para fora, a fim de ajudar nas despesas do lar. Embora, em algumas famílias, o mineiro entregasse o salário do mês para a mulher administrar, na maioria das vezes, as mulheres somente tinham contato com dinheiro quando realizavam tarefas extras.

Nem todas as mulheres puderam colocar seus tanques junto a estas torneiras porque seus maridos não permitiam; portanto, tinham de carregar água em baldes até suas casas. D. Zenaide diz que era por ciúmes, outras dizem que seus maridos achavam que ali era lugar de fofocas. De fato, este espaço para lavar “roupas sujas” podia ser entendido também com relação aos esclarecimentos e brigas,

pois, freqüentemente, o inspetor de quarteirão, o Sr. Júlio Gomes, era chamado para separar briga de mulheres.

Quando voltava da entrega do leite e parava para brincar na Ponta da Pedra, D. Lurdes presenciou algumas brigas entre as mulheres e estas utilizavam como instrumento de agressão a tábua de lavar roupas: *Então ali elas botavam na Ponta da Pedra do lado de cá, nas beiradas das casas, elas encarreiraram os coxos tudo ali, tudo ali, elas vinham lavar roupas ali. Cada uma tinha o seu coxo. Lavavam tudo ali e era uma fofoqueando da outra, tinha vez que dava briga de tábua de lavar roupa ali de monte*<sup>37</sup>.

Os açudes também serviam para a lavação de roupas. O principal açude era localizado onde hoje é a praça da chaminé e nele, as mulheres também colocavam seus tanques de madeira. Estes espaços estavam permeados de trocas; por meio deles era possível saber da vida de quase todos os moradores da Vila, quem nasceu, morreu ou adoeceu. Trocava-se informações sobre ervas medicinais, benzeduras. Michele Perrot, ao referir-se sobre os lavadouros, coloca que, para as mulheres o local de lavar roupas é muito mais que um lugar funcional. *É um centro de encontros, onde se trocam as novidades do bairro, receitas e remédios, informações de todos os tipos*<sup>38</sup>.

Na Próspera, o local de lavar roupas era também o local dos “acertos de contas” que, geralmente, referiam-se a um falar “mal”. “Fulana falou mal de uma tia minha, cicrana da minha mãe”. O falar mal referia-se, às vezes, aos namoros,

---

<sup>37</sup> Lembrança de Lurdes Pizzetti. Entrevista de 1998.

<sup>38</sup> PERROT, Michele. Op. cit. p.202.

relaxamento com a casa e outras coisas — Espaço de conflitos. O interessante em espaços como este é perceber que, embora as pessoas se desentendessem, quando por algum motivo necessitavam um do outro, atribuíam outros significados as relações e uniam-se. Esqueciam as diferenças e juntavam-se para rezar pela saúde de alguma delas, ajudar a mulher que fora abandonada pelo marido, ver remédio para criança doente, ou ainda, organizar o movimento de mulheres, como por exemplo o movimento para ajudar os mineiros na greve de 1956, quando levaram seus filhos e deitaram-se na frente dos caminhões para impedir o funcionamento da Carbonífera.<sup>39</sup>

Além da água e das compras no armazém e no açougue, a lenha era um elemento indispensável na vida doméstica; dela dependia o cozimento dos alimentos e a água morna para o banho.

### O uso da “lenha

Os afazeres domésticos ocupavam o dia todo, pois as facilidades do conforto das maquinarias ainda não havia chegado aos lares operários. A lenha para alimentar o fogo também vinha de fora. A empresa vendia eucaliptos aos mineiros, mas como forma de economia, as pessoas buscavam lenha nas capoeiras. Esta tarefa, geralmente, era designada às crianças: *e a lenha, cujo preço é elevadíssimo em Criciúma, é constituída de alguns poucos gravetos aviamente catados pelas crianças nos matos adjacentes.*<sup>40</sup> Às vezes, caminhavam

---

<sup>39</sup> COIMBRA, David. *Atravessando a Escuridão*. (Memórias de um comunista casual). Criciúma: UNESC, 1996.

<sup>40</sup> Boletim médico. Op. cit.

quilômetros para achar gravetos, como nos conta o Sr. José da Silva: <sup>41</sup> *O que o pai ganhava não dava para comprar lenha, a gente buscava lenha lá onde agora é aquela área verde, na Corda Bamba...Naquele tempo quase não tinha lenha para comprar, só toco de eucalipto da mina. A Mineradora vendia, era difícil de pegar, muita gente queria.* <sup>42</sup>

Em outra ocasião, José da Silva contou que para buscar lenha, nunca iam sozinhos, sempre iam acompanhados da mãe ou de vizinhos.<sup>43</sup> O que me leva a pensar na busca do trabalho em grupo para aliviar as dificuldades encontradas no dia- a- dia. Com certeza, buscar lenha nestes lugares, era uma tarefa difícil para uma criança efetuar sozinha, primeiro, porque poderia haver perigo nos matos; segundo, porque este trabalho envolvia esforço físico, por isso, o trabalho em grupo, era uma forma que inventaram para aliviar o peso. Uma das imagens dos quintais eram as “arapucas”, construídas com as toras das lenhas, colocadas umas sobre outras, em forma de quadrado ou retangular, para secar. A construção de arapucas , era motivo de distração das crianças.

### ***Repousar***

O dia findava e quando chegava à “noitinha”, era hora do banho. Durante a semana era o chamado “banho checo”. Mulheres e crianças lavavam os pés, as partes genitais, as axilas, rosto e mãos. A banheira de alumínio pendurada pelo lado de fora da casa, em dias de vento, fazia muito barulho. Escolhia-se um dos

---

<sup>41</sup> Lembrança de José da Silva. Entrevista concedida em 1997.

<sup>42</sup> Lembrança de José da Silva. Entrevista concedida em 1997.

<sup>43</sup> Lembrança de José da Silva. Entrevista de 1996.

quartos ou a cozinha, esquentava-se a água no fogo e banhavam-se crianças e adultos.

O banho do mineiro era o mais demorado, pois o mesmo chegava com o pó incrustado no corpo; a mulher e os filhos lavavam suas costas e o restante o mineiro fazia. A necessidade de privacidade, durante a hora do banho, levou alguns moradores a ajeitarem um espaço específico na casa para este fim: *no tempo em que meu marido trabalhava na mina, tinha a cozinha, eles repartiram e fizeram uma dispensinha para o banho.*<sup>44</sup>

À noite, a casa era iluminada pelo lampião a gás de carbureto, vendido pela mineradora. Este gás era o mesmo utilizado pelos mineiros no trabalho nas minas. Então, sempre que podiam, levavam um pouco da pedra do carbureto para casa, a fim de iluminar a morada. A energia elétrica era de responsabilidade do morador da casa e quando este saía podia vendê-la como Benfeitoria.

A rotina do dia nas vidas das famílias operárias mineiras terminava, muitas vezes, com a hora do repouso. As camas e as cobertas eram divididas entre os pais, os filhos menores ou entre os irmãos. O sono podia ser interrompido com o barulho dos cabritos embaixo do assoalho ou com as brigas de casais, muitas vezes causadas pelo alcoolismo do marido.<sup>45</sup> Como as casas eram muito próximas umas das outras, brigas, conversas e choros eram ouvidos pelos vizinhos.

---

<sup>44</sup> Lembrança de Zenaide. Entrevista de 1996.

<sup>45</sup> D. Rosária recorda que a construção das casas, deixava uma parte abaixo do assoalho mais alta, ali os cabritos da Vila procuravam abrigo a noite. Entrevista de 1998.

### **Relações de vizinhança: solidariedade, conflitos, controle e diferenças**

A vida dos “praieiros”,<sup>46</sup> na Vila, iniciava com a chegada e acomodação em uma das casas da Empresa. Ao chegarem à Vila sobre caminhões, ou no trem de carga, as famílias traziam algumas coisas que possuíam para o início da nova vida. *Os operários eram tudo pobre, miserável, aquelas mulheres vinham de mudança e não traziam nada, só a roupa do couro e um caixotinho com umas roupas e os cobertores, aqueles de acolchoados velhos, tudo rasgado*, como lembra D. Lurdes.<sup>47</sup> Geralmente, abrigavam-se com outras famílias até conseguirem uma “casinha” da empresa.

#### ***“Intimidade impossível”***

Quem estava “colocado” na mina trazia seus amigos e parentes que estavam sem emprego para morarem juntos, até estes conseguirem uma casinha. Era no espaço destas casas que, muitas vezes, abrigavam-se até três famílias.

Dividiam o fogão, como nos conta D. Elisa: *Quando nós chegamos moramos com outra família, o fogão era um só, todo mundo dormia no mesmo quarto, isso era comum na Próspera, tudo no chão, esteirada, cobertas, travesseiros.*<sup>48</sup> Dividiam também a cama ou faziam camas no chão para todos. Estas experiências aproximam-se de outras experiências de vida íntima em outros espaços e tempos. Nestas condições, as pessoas repartiam de tal forma o lugar do

---

<sup>46</sup> O termo “praieiro” era utilizado pelos descendentes de imigrantes para referir-se as famílias que vieram do litoral para trabalhar nas minas em Criciúma.

<sup>47</sup> Lembrança de Lurdes Pizzetti Machado, entrevista de 1998.

<sup>48</sup> Lembrança de Elisa Martins. Entrevista de 1997.

repouso que sua intimidade ficava transparente àqueles que dividiam estes locais. No Livro “Germinal”, a cama era ocupada de acordo com o turno de trabalho na mina. “Zacarias” levantava de madrugada para ir trabalhar, quando então, o avô, ocupava a mesma cama depois que chegava da mina, encontrando-a ainda quente.<sup>49</sup> No filme Daens, os suspiros na hora do amor entre o casal eram ouvidos por todos os filhos.<sup>50</sup> Desta forma, a vida íntima das pessoas esbarrava em todos os momentos com a de seus familiares ou com as pessoas que moravam na mesma casa. Antoine Prost, ao falar sobre o espaço do indivíduo na História da vida Privada, nas camadas populares, coloca : *a menor indisposição é imediatamente identificada, e qualquer tentativa de se isolar chama logo atenção.*<sup>51</sup>

Observei, pelas narrativas, uma certa intimidade entre as famílias, que, muitas vezes, ultrapassava o núcleo familiar consanguíneo. Rosária Meis recorda que se estavam brincando com os colegas e era hora de almoço, um almoçava na casa do outro:

*A minha visão da Próspera é a visão da Próspera que eu cresci, onde as pessoas eram uma família só. Tu entrava por uma porta e saía pela outra, na casa de qualquer vizinho, na casa de qualquer conhecido, passava na cozinha, se tinha pão, aí gritava assim: ó vou pegar um pedaço de pão. Almoçava na casa deles, trazia os colegas para almoçar na casa da gente. Quem estivesse brincando por ali, na hora do almoço, todo mundo comia junto. Não tinha esse negócio, ó vai para tua casa almoçar porque está na hora. Não. E a gente comia o que tinha. Não tinha essa coisa de cada um na sua casa.*<sup>52</sup>

<sup>49</sup> ZOLA, Emile. *Germinal*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

<sup>50</sup> CONINX Stijn Dir. *Daens: Um jeito de justiça*. Bélgica: 1994. – O filme narra a história das condições de vida dos trabalhadores nas tecelagens ao norte da Bélgica, no final do século XIX.

<sup>51</sup> PROST, Antoine. Fronteiras e Espaços do Privado. In: *História da Vida Privada: Da Primeira guerra aos nossos dias*. (Org. Antoine Prost e Gérard Vicent). v. 5. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>52</sup> Lembrança de Rosária Meis. Entrevista de 1998.

Ao lidar com história oral e lembranças estamos lidando com interpretações presentes. D. Rosária chama esta relação de vizinhança de “uma família só”. Em outros momentos, a Empresa apresenta-se como a mãe desta grande família, por isso, em sua fala pode estar presente incorporações do discurso que a própria empresa apregoava. O fato de a empresa aparecer como mantenedora das famílias, dava-lhe a alcunha de mãe e toda Vila de uma grande família. Margareth Rago diz que esta relação está vinculada a uma “pedagogia paternalista”: *A imagem da família, utilizada para pensar a fábrica, cumpre a função explícita de negar a existência do conflito capital/ trabalho, sugerindo a idéia de uma harmoniosa cooperação entre pessoas identificadas.*<sup>53</sup> Esta imagem era fortalecida pelos ‘benefícios’ que a empresa colocava à disposição dos operários: armazém, farmácia, escola, etc...

Por outro lado, é evidente que nas relações de vizinhança, certos costumes e hábitos individualistas, que apregoam a restrição ao núcleo familiar, não eram vividos pelos moradores da Vila; ao contrário, a forma de viver em comunidade, onde as famílias ultrapassavam os laços de sangue, podia ser razão pela qual a vida íntima das famílias ultrapassasse as paredes do lar e também mantivesse uma forte rede de solidariedade.

### ***Momentos de solidariedade***

A rede de solidariedade entre os moradores, entre os vizinhos e compadres não se concretizava apenas em abrigar os amigos e parentes sob o mesmo teto.

---

<sup>53</sup> RAGO, Margareth. Op. cit. p.34.

Mas, também, em outros momentos. Como ser fiador para obtenção de crédito na venda,<sup>54</sup> o socorro na hora dos partos, da morte, das doenças e nas brigas entre os casais.

A morte chegava à Vila, principalmente por acidentes na mina e por epidemias. Os acidentes matavam os homens e havia pessoas na comunidade responsabilizadas para avisar a família sobre o fato sucedido. Avelino e Elisa recordam como era difícil este momento: <sup>55</sup> *Eu ainda tinha a triste missão de avisar as famílias daqueles que morriam nas minas, eu e o Avelino... depois que as Irmãs foram embora, então, aquela turma do escritório ia me buscar para avisar quando morria alguém. Nós chegávamos lá e o almoço estava sobre a mesa...*

Elisa continua recordando como era trágico para a família receber a notícia de que o homem daquela casa havia falecido. Para a família, a morte do marido significava trabalho em dobro para a mulher e a saída da casa pertencente à Empresa. D. Zulma e D. Antunina, após a morte dos maridos, passaram a lavar roupas para fora a fim de poderem criar os filhos.<sup>56</sup> O direito de morar em uma das casas da empresa era concedido àqueles que se encontravam no exercício da produção. Viúvas e aposentados foram os primeiros a serem deslocados da Vila para a periferia do bairro, quando iniciou-se a construção das casas maiores. A empresa vendia a casinha velha e as pessoas a retiravam do local e a levavam para

---

<sup>54</sup> Havia várias vendas de particulares na Vila, as mais comentadas durante as entrevistas foram a do Zé Dodô e Robertinho, e do Mané Dionísio.

<sup>55</sup> Lembrança de Elisa e Avelino. Entrevista de 1996.

<sup>56</sup> Estas mulheres ficaram viúvas aos 30 anos de idade. O marido de D. Zulma morreu de pneumoconiose e o de D. Antônia foi vítima de um acidente na mina.

um lado da Vila considerado uma espécie de favela, onde hoje é o bairro Brasília.

As epidemias levavam adultos, mas a maioria eram crianças, que se esvaíam em febres, sarampo, catapora e desidratações. Nestas ocasiões a troca de informações a respeito de ervas medicinais, ou a disposição de uma vizinha em cuidar ou olhar os outros filhos, para que a mãe da criança doente pudesse levá-la ao médico, eram relações de ajuda mútua presentes no dia-a-dia da Vila.

Nas narrativas que ouvi a respeito das relações de vizinhança, encontram-se também as desobediências de “jeitos de viver” considerados corretos perante os habitantes do lugar.

### *Transgressões*

Algumas transgressões dizem respeito aos desentendimentos entre os casais. As falas enfocam sempre as relações fora de suas famílias, pois entrar na intimidade dos lares, por meio de lembranças, é encontrar uma narrativa que passa pela “censura”. Nem tudo é revelado; a maioria das transgressões é silenciada ou reveladas em partes. Embora as famílias mantivessem entre si fortes relações de vizinhança, que muitas vezes confundiam-se com o núcleo familiar, principalmente porque convidavam os vizinhos para padrinhos dos filhos tornando-se então, compadres e comadres. As brigas de casais, os pais alcoólatras, os infortúnios, fracassos ou traições entre esposos, são sempre remetidos, nas falas, aos “outros”. Quando um casal brigava, algum vizinho socorria os filhos, levava para casa, dava comida: *Quando o marido vinha almoçar, dava aquela*

*brigaçada, uma vez deu um ataque nela e foi para o hospital. Aí veio uma moça, juntou as três crianças que não andavam, colocou dentro de um balaio e levou para a casa os pequeninos.*<sup>57</sup>

Os vizinhos conheciam a vida uns dos outros, os momentos íntimos da vida dos casais ou das famílias, suas alegrias ou desentendimentos. A participação os “outros” nem sempre era para ajudar; muitas vezes era para julgar ou condenar determinados comportamentos.

Os casais brigavam por vários motivos. Um deles era a frequência do marido na “maracangalha”.

¶ *“Eu vou pra Maracangalha eu vou...”* ¶<sup>58</sup>

“Maracangalha”— assim era chamada a zona do meretrício. Alguns moradores contam que muitas famílias de mineiros não morreram de fome porque a empresa fornecia vales para o armazém e açougue. Os mineiros iam para a zona na sexta-feira e só retornavam na segunda-feira.

*Então elas iam lá e pegavam as ordens naquele armazém, compravam o rancho para o mês e já pegavam as ordens para o mês da carne. É onde elas comiam e criaram os filhos. Porque tinha homem que só recebia o pagamento ia para a maracangalha direto. No dia do pagamento não vinham nem em casa, tomavam banho lá, que a Cia tinha os banheiros, levavam as roupas e de lá iam. Só vinham na segunda-feira de manhã para trabalhar na mina, porque geralmente recebiam o pagamento era em uma sexta, sábado e domingo era maracangalha direto.... Aquela maracangalha cresceu, ficou uma cidade foi com os bobos dos*

<sup>57</sup> Lembrança de Luzia, irmã de José da Silva.

<sup>58</sup> Maracangalha. Samba de Dorival Caymmi, 1955.

*mineiros. Olha no fim do ano que sai aquele sobrelucro, elas botavam uma faixa lá. "Salve o sobrelucro dos mineiros da Próspera".*<sup>59</sup>

As mulheres dos mineiros apelaram para a autoridade do padre para poder controlar o comportamento dos maridos. Estes, quando voltavam para casa, batiam nelas e nos filhos. Isto levou o padre, durante as missas, a fazer pregações<sup>59</sup> condenando tais atitudes dos mineiros. Jacques Donzelot, no livro "Policia das Famílias", destaca o papel do padre na gerência da sexualidade, sob o ângulo da moralidade familiar, por meio dos conselhos, controlando-as com a distribuição dos sacramentos.<sup>60</sup> Ao padre ou à autoridade eclesial juntou-se o médico, e, no final do século XIX e início do século XX, as famílias, principalmente as pobres, sofreram a intervenção dos médicos em *uma campanha de higienização da sexualidade, que é parte de um dispositivo geral de prevenção das doenças sociais (doenças venéreas, alcoolismo, tuberculose)*.<sup>61</sup> Além do controle das autoridades sobre o comportamento desta classe social, os habitantes do mesmo espaço também sentiam-se com "direito" sobre a vida uns dos outros. Keith Thomas,<sup>62</sup> encontra algumas destas práticas na sociedade medieval rural. Estes comportamentos encontram-se presentes nas relações vizinhança que circulam no correr do tempo e alcançam espaços com modos de vida semelhantes. O autor coloca que os membros de uma comunidade tinham direito de saber tudo

<sup>59</sup> Lembrança de Lurdes Pizzetti. Entrevista de 1998.

<sup>60</sup> DONZELOT, Jacques. *Policia das Famílias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

<sup>61</sup> Idem. p.157.

<sup>62</sup> THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia: Crenças Populares na Inglaterra Séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 426.

de todos e que *nem se contestava a noção de que os assuntos mais íntimos de uma pessoa eram uma preocupação legítima de toda comunidade.*

### **Controle**

As pessoas na Vila se olhavam, se espiavam, desconfiavam, comparavam suas vidas e seus hábitos frente àqueles que habitavam o mesmo espaço, pois *a prática do bairro é uma convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível, por todos os usuários através dos códigos da linguagem e do comportamento.*<sup>63</sup> Todos sabem da vida de todos. Julgam como certo e errado as atitudes que não se encontram estabelecidas dentro desses códigos, podendo, inclusive, excluir aqueles que transgridem, de alguma forma, comportamentos esperados.

Algumas manifestações da vida das famílias operárias denunciavam os cuidados com os olhares dos vizinhos e as maneiras de exercer o controle sobre suas vidas.

D. Flor, minha mãe, é uma pessoa que expressa a vida muitas vezes por meio de figuras de linguagem.<sup>64</sup> A fala da cultura popular, referida por Michel de Certeau, como “arte de dizer”, contém muitos ditados e provérbios para se referirem a problemas, sentimentos, regras de conduta, etc. Quando se reuniam familiares lá em casa e iniciavam-se discussões, geralmente problemas de família, minha mãe sempre intervinha: *Falem baixo, as paredes têm ouvidos.*

---

<sup>63</sup> MAYOL, Pierre. Op. cit. p. 47.

<sup>64</sup> Florentina Bittencourt de Oliveira, 65 anos.

Ao encontrar as casas na Vila Operária, lembrei-me muitas vezes da fala de minha mãe. As casas eram muito próximas umas das outras, e sua arquitetura proporcionava um grande controle das vidas das famílias, era muito difícil guardar segredos. As pessoas se viam pelas frestas das paredes, e muitas frases até hoje ouvidas, referem-se àqueles momentos: “Não faça isso homem, o que os vizinhos irão dizer”? Posso então afirmar que o controle sobre a vida cotidiana, não se encontrava apenas por parte da empresa em relação aos seus empregados. Nas relações de vizinhança, o controle se efetua de forma direta e sem reservas. Margareth Rago, ao referir-se sobre o controle entre os vizinhos, nas vilas operárias, diz que:

*As preocupações se deslocam para aspectos mais corriqueiros do dia-a-dia e instala-se a concorrência mesquinha entre os moradores das casas vizinhas: quem tem o jardim mais transado, qual a casa é a mais limpa, com quem conversam as esposas, quais os problemas dos casais, quem tem o filho mais bem comportado na escola, quem casa ou “se perde” com quem.<sup>65</sup>*

D. Elisa recorda orgulhosa que as freiras achavam a casa de sua família muito “limpinha”. Outras falas referem-se às mulheres operárias como: *umas eram mais caprichozinhas e colocavam cortinas nas prateleiras, mas tinha mulher que não dava comida para as crianças, tinha homem que não saía da maracangalha.*

As brigas que aconteciam nas filas, com certeza, mostravam como eram

---

<sup>65</sup> RAGO, Margareth. Op. cit.p.183.

resolvidas as diferenças, o falar mal. A fofoca apresenta-se também como forma de controle ou tentativa de enquadrar todos num determinado modelo de vida, o que gerava muitos conflitos, visto que as pessoas não admitiam comentários a seu respeito ou de suas famílias. D. Zulma recorda que levou uma suspensão do trabalho porque bateu em uma colega que havia falado mal de sua tia.

### *Controle da sexualidade e de outros comportamentos*

Uma preocupação, principalmente das famílias, era com relação ao comportamento sexual das meninas. Uma moça que tivesse “transado” com um moço e este não casasse com ela, ficava falada. D. Zenaide recorda que aceitou fugir com o namorado porque a irmã do namorado, sua “futura” cunhada, disse-lhe: *Estão comentando na Vila que você e meu irmão já “transaram”*. Embora não fosse verdade, o medo de ficar “falada”, na Vila, fez com que ela fugisse sem saber direito o que isto significava. *Aí peguei e saí. Eu era tão ingênua naquela época que pensei: Ah, eu vou, se eu não gostar, eu volto para casa.*<sup>66</sup> Antoine Prost coloca: *A Vila é um espaço de conhecimento mútuo, as particularidades da vida privada das pessoas são conhecidas e comentadas por pessoas que não são parentes ou amigas, mas que têm proximidade, os vizinhos*<sup>67</sup>. A intimidade de um namoro, muitas vezes, era colocada em público pelo próprio rapaz, pois para os moços era “glória” o número de moças com as quais tivessem se relacionado sexualmente. Essas moças, então, não poderiam sair mais de casa nem conversar

---

<sup>66</sup>Fala de Zenaide. Entrevista de 1996.

<sup>67</sup> PROST Antoine. Fronteiras e Espaços do Privado. In: DUBY, Georges e AIRÉS Philippe. (Org.) *História da Vida Privada: primeira guerra aos nossos dias*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

com as “moças direitas”, isto é “virgens”. Ficavam enclausuradas e quando saíam às ruas, as pessoas cochichavam a seu respeito. A moça “falada” perdia a “honra” diante da comunidade e isto significava uma “vergonha” para a família.

Para proteger a “honra” de suas filhas, as mães, principalmente, assustavam as meninas. D. Elisa recorda que sua mãe não a deixava ir sozinha lavar roupas no açude próximo ao campo, porque havia vagabundos que atacavam as moças. Mas D. Elisa lembra que quando passava pelo “acampamento”, os moços olhavam suas pernas.<sup>68</sup> A educação das meninas, principalmente enquanto se constituíam mulheres, era a de procurar restringi-las ao espaço da casa e quando estas saíam, levavam os irmãos menores, como D. Luzia, que aparece nas lembranças de José da Silva, seu irmão, quando coloca: *Eu sempre ia com minha irmã.*<sup>69</sup>

Para o controle dos comportamentos das pessoas, foram criadas muitas maneiras, desde os falatórios, os sermões na igreja, os conselhos das freiras até as “Décimas”, ou “pasquins”. José da Silva recorda que, na Próspera, antigamente, costumava-se fazer o que chamavam de “Décimas”, rimas, quadrinhas, que tinham por objetivo denunciar comportamentos das pessoas.<sup>70</sup> Contavam “causos” em forma de rimas e estas eram colocadas nas portas das casas e nos locais onde os mineiros batiam o ponto — a apontadoria. Muitas vezes eram levadas para a escola e a professora trabalhava a moral daquela história. Quem construía as “Décimas” eram os próprios moradores; nelas apareciam as traições de maridos

---

<sup>68</sup> O “acampamento” era um local que se localizava próximo ao açude. Ali ficavam os mineiros solteiros e sem casa.

<sup>69</sup> Lembrança de José da Silva.

<sup>70</sup> Lembrança de José da Silva. Entrevista de 1996.

ou esposas, furtos e outros casos morais. As pessoas, então, cuidavam-se para que seu nome não aparecesse na Décima. São “artes de dizer”, compreensíveis para aqueles que, vivendo em um mesmo espaço, estabelecem normas, regras de convívio. Na Idade Média, os “charivaris” representavam a realidade, satirizando as autoridades e acontecimentos sem no entanto revelar a identidade dos atores.<sup>71</sup> As Décimas também eram anônimas e ninguém revelava ou sabia quem as escrevia.

As relações de vizinhança não restringiam-se apenas ao núcleo formado pelas casas construídas pela mineradora e habitadas pela mão-de-obra vinda de fora da cidade. Os colonos também moravam próximos à Vila Operária, trabalhavam nas minas, freqüentavam os bares, compravam no armazém, iam à missa. As relações entre colonos e “praieiros” foram permeadas de diferenças.

### *Outros olhares...*

Um olhar desconfiado, pelo canto dos olhos, observa e descreve o diferente...

A extração do carvão em Criciúma atraiu um grande contingente de mão-de-obra para trabalhar nas minas. Os imigrantes europeus e seus filhos também trabalharam, mas eram em número insuficiente às exigências da extração. Criciúma, nas décadas de 40 e 50, era um município jovem, havia se emancipado do município de Araranguá em 1925, sendo que os primeiros imigrantes europeus

---

<sup>71</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade cultural no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

chegaram em 1880. Em 1950, contava com 50. 854 habitantes e em 1958 o número aumentou para 63. 623 habitantes.<sup>72</sup> O aumento demográfico deu-se, principalmente, em virtude da mineração. Portanto, torna-se necessário recordar que a cidade foi colonizada, principalmente, por imigrantes italianos, no intuito de percebermos como se deu o encontro entre a mão- de- obra vinda de fora e os que já moravam na cidade.

As pessoas que vieram trabalhar na Carbonífera Próspera, em sua maioria, eram do litoral. No livro de registro de casamentos, dos matrimônios realizados entre moradores da Próspera, encontrei os seguintes dados: das 189 pessoas que contraíram enlace matrimonial de 1945 a 1958, cujos nomes ficaram registrados na paróquia São José de Criciúma, 126 pessoas eram da região litorânea próxima, a saber, Jaguaruna, Imaruí, Laguna, Tubarão, Araranguá, etc...<sup>73</sup>

Na Próspera dos anos 50, havia algumas famílias de imigrantes italianos e poloneses, seus filhos e netos. Foram elas que as famílias dos trabalhadores das minas encontraram ao chegar. Logo de chegada, receberam a alcunha de “praieiros”.

O encontro entre os dois modos de vida causou muitos estranhamentos. D. Lurdes assim percebeu essas famílias: *Eles eram miseráveis e pobres, tinha praieiro que só tinha a roupa do couro. E os filhos, os filhos tudo amarelinho, “mafeiento”, barrigudo.*<sup>74</sup>

---

<sup>72</sup> Dados coletados no IBGE ( Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

<sup>73</sup> Livros de casamento números 5,6,7,8. Parochia de Cresciuma. Anos de 1941-1958.

<sup>74</sup> Lembrança de Lurdes Pizzetti. Entrevista concedida em 1998.

O fato de D. Lurdes e outros descendentes de imigrantes europeus, que moravam na cidade, olharem as famílias mineiras como miseráveis não é algo que se percebe apenas entre aqueles que passaram a habitar a Vila Operária e/ou em sua volta. As autoridades políticas e médicas fortalecem e disseminam esta visão. Café Filho, vice-presidente da República, no ano de 1951, ao visitar a Região Carbonífera, mostrou-se impressionado com a situação dos mineiros e são suas as palavras que foram impressas no jornal "A Imprensa", de Tubarão: *Os infelizes mineiros também não recebem qualquer assistência médica, ficam entregues a sua própria sorte como se fossem animais inferiores.[...] é profundamente lamentável, que a população de uma região tão rica se ache na mais negra das misérias*<sup>75</sup>. Bem como, no discurso do médico Francisco de Paula Boa Nova Jr., essa forma de interpretar e representar as famílias dos operários também se fez presente: *No inverno rigoroso, penetra impiedosamente, fustigando não só o próprio mineiro, mal agasalhado, como também sua mulher e seus infelizes filhos, cobertos com farrapos.*<sup>76</sup>

O saber médico, neste momento, é associado aos interesses da produtividade dos trabalhadores. Segundo Foucault, o capitalismo do final do século XVIII e início do século XIX desenvolveu uma medicina que tinha por objeto o corpo enquanto força de produção, de trabalho.<sup>77</sup> Para tanto, os médicos passaram a atuar não apenas sobre as doenças, mas também como "pedagogos", *ensinar aos indivíduos as regras fundamentais de higiene que estes devem*

<sup>75</sup> A Imprensa. 21/07/1951. Tubarão. Santa Catarina.

<sup>76</sup> BOA NOVA JÚNIOR, Francisco de Paula. *Problemas Médicos Sociais da Indústria Carbonífera Sul Catarinense*. DPPM: Boletim no 95. 1953. Arquivo particular Mário Beloli.

<sup>77</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996. p.80.

*respeitar em benefício de sua própria saúde e da saúde dos outros: higiene da alimentação e do habitat.*<sup>78</sup> Assim, certos modos de vida, tanto quanto certas condições de trabalho, foram classificadas como insalubres para a saúde. Os médicos disseminaram saberes que, apropriados por uma parte da população, legitimaram sua autoridade. Muitas pessoas foram classificadas de acordo com estes conhecimentos.

Pobres, miseráveis, infelizes, maltrapilhos, sujos, é a imagem construída e divulgada daqueles que trabalham nas minas, ou mesmo, de suas famílias. Penso, então, no trabalho da mina, nos mineiros rastejando pelos buracos escuros, saindo com o pó incrustado no corpo ao final do expediente, habitando casas construídas sobre a pirita; seus filhos pequenos brincando sobre os rejeitos do carvão, sujando-se com a poeira; a água contaminada e a proliferação de muitas doenças. Essa realidade era definida, por aqueles que detinham o poder, como miserável e como responsável por doenças, no intuito de classificar comportamentos e modos de vida. Uma das justificativas para o olhar dos imigrantes sobre os operários pode ser devido ao grande contingente de pessoas que a cidade recebeu sem estrutura adequada para abrigá-las. Isso me faz lembrar do “medo urbano”, mencionado por Foucault,<sup>79</sup> quando se refere ao amontoamento da população, das epidemias das grandes cidades da Europa, no século XVIII, principalmente de Paris.

Por outro lado, as famílias dos mineiros olham para os imigrantes europeus

---

<sup>78</sup> Idem. p.202.

<sup>79</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

com olhares curiosos e irônicos:

*Eu lembro muito que a “polacada” ia à missa e era muito engraçado. Era uma procissão de aranha,<sup>80</sup> aquelas aranha de cavalo. Vinha a “polacada”, a “italianada”, e as italianas usavam, dava uma agonia na gente, elas iam para a igreja tudo de avental, preso assim, conforme a roupa delas, dava uma agonia. Por que ir para a igreja de avental? Mas era o estilo delas. Era a roupa de gala delas, aquela tradição da Itália.<sup>81</sup>*

D. Elisa recorda, abafando um “risinho” por entre as mãos enquanto fala, deixando visível o estranhamento ao encontrar outros modos de vida como o dos imigrantes poloneses e italianos que habitavam a região e freqüentavam alguns lugares comuns, como a igreja.<sup>82</sup> *Eu achei muito engraçado quando a gente chegou aqui, porque eram estilo dos italianos e nós de beira mar, eram as italianas de pano na cabeça, na missa, na igreja e de avental.* D. Elisa compara os estilos de vida e percebe a diferença, “nós de beira mar”. Nessas palavras, deixa marcada a fronteira de quem morava em um outro espaço, repleto de costumes e atitudes diferentes dos encontrados no novo espaço de habitação, estabelecendo uma fronteira cultural entre quem já morava na Vila e quem veio de fora. Percebo que por trás da ironia, ao referirem-se aos imigrantes, existe uma dificuldade em aceitar o modo de vida do outro. Um deles foi a própria língua.

D. Elisa lembra que quando era catequista, recusou-se a aprender a escrever o nome dos filhos dos poloneses: *Um fato que lembro quando eu dava*

<sup>80</sup> Transporte puxado por cavalos para locomover pessoas.

<sup>81</sup> Lembrança de Elisa Martins. Entrevista de 1997.

<sup>82</sup> Idem.

*catequese é que eu não sabia escrever nome de polaco. Ah! Sei lá, polaco atrapalhado, não sei escrever e muito menos ler. Ai ele escrevia, (o padre) era tudo Chimbiski, Kubaski, Ciseski, Staroski, imagina se eu sabia, fiz mal o primarinho lá da Pescaria, ia saber escrever esses nomes de polacos.*

A outra cultura é vista como algo difícil de ser apreendido, começando pelos nomes, então riem. O riso do jeito de vestir, do jeito de falar, de sentar na missa. Os imigrantes também riem dos mineiros, um riso que se manifesta amparado pelos olhares das autoridades sobre a miséria. Ambas as famílias, mineiras e imigrantes europeus, olhavam-se baseadas em seu próprio estilo de vida e comparavam-se.

Não posso deixar passar despercebido que, para os descendentes de imigrantes europeus, a mineração pode ter representado uma invasão ao espaço que dispunham. As terras distribuídas no período de colonização da cidade foram repartidas por unidades familiares, mas, devido às dificuldades econômicas destes colonos para a exploração do carvão em grande escala, estas passaram para as mãos de grupos econômicos que vieram de fora.<sup>83</sup>

As famílias dos colonos mantinham e apresentavam aspectos das famílias rurais, pois o trabalho rural evidencia a unidade econômica que a família estabelece. Divide-se a casa e os meios de produção. Embora muitos tenham vendido as terras para os empresários mineradores e tenham ido trabalhar nas minas, mantiveram partes destas para o cultivo necessário ao abastecimento de

---

<sup>83</sup> TEIXEIRA, José Paulo. Op. cit. p. 56. Citação registrada no primeiro capítulo desta dissertação.

suas famílias. Estabeleceram, desta forma, hábitos que se diferenciavam das outras famílias que eram apenas operárias mineiras.

O número de famílias imigrantes na Próspera, porém, era muito pouco em relação a outros lugares da cidade, como pôde-se perceber, no primeiro capítulo, na fala de D. Irene, que recorda, uma por uma, as famílias que moravam na Próspera, ao todo seis famílias. Os imigrantes concentraram-se mais do centro para o oeste de Criciúma. Desta forma, a Próspera viveu uma experiência diferente do resto da cidade. As famílias “estrangeiras” eram em maior número. Em alguns momentos, as famílias de imigrantes europeus misturaram-se rapidamente aos “praieiros”; em outros, mantiveram-se fechadas, estabelecendo o que Pierre Mayol poderia chamar de “arte de conviver”, uma espécie de pacto entre os habitantes de um mesmo espaço para garantir uma convivência.<sup>84</sup>

Festas na igreja, trabalho na mina e bailes eram compartilhados, embora D. Elisa afirme lembrar que as italianas tinham um lugar apenas para elas na hora da missa. Mas a preferência nos casamentos, festas íntimas de família e outras era restrita àqueles cujos pais vieram da Europa.

### **Espaços e momentos de sociabilidade**

Se esta rua pudesse falar quanta coisa iria contar! Falaria das gentes que por aqui passaram, levando consigo pensamentos e sentimentos. Se esta rua pudesse falar, contaria dos namoros, contaria das bebedeiras, das greves,

---

<sup>84</sup> MAYOL, Pierre. Op. cit. p.47.

conversas, cochichos, segredos... Se esta rua falasse, não pararia de falar por muito tempo, pois já é velha, tem a idade da Vila. Roberto Da Matta aponta que na cultura popular, a rua, o endereço, adquirem uma forma pessoal, “até mesmo íntima”, uma particularidade, uma marca significativa para quem mora.<sup>85</sup> Na Vila Operária Próspera, cada rua era nomeada por um número, mas ao se perguntar onde ficava tal lugar, a resposta, no momento da entrevista, o espaço adquiriu uma personalidade: “Ah! Fica perto do Zé Dodô.”<sup>86</sup> ou “Lá na Ponta da Pedra”.<sup>87</sup> Viver em um determinado espaço, ocupá-lo, conhecê-lo, dividi-lo com outros é realizar um ato cultural. Pierre Mayol chama atenção para uma das formas de apreensões do bairro. Ele pode ser apreendido como uma porção do espaço público, que pelo uso quase que cotidiano se insinua particularizado, privado,<sup>88</sup> na vida de quem circula por ele. Na memória daqueles que passaram pelas ruas e frequentaram os espaços de sociabilidade, cada acontecimento, cada transformação do ambiente ficou registrado em suas vidas com diferentes significações.

---

<sup>85</sup> DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 26.

<sup>86</sup> Proprietário de uma das “vendas” do lugar.

<sup>87</sup> Montes de rejeito de carvão.

<sup>88</sup> MAYOL, Pierre. *OP. cit.* p.40.



Vista área da Vila Operária Próspera, 1942. Arquivo particular de Fernando Carneiro

### *Circular*

A rua é um ponto de encontro e *andar pelas ruas é uma oportunidade de ver e ser visto, de ver paisagens naturais e construções humanas, de observar as pessoas em geral ou de encontrar-se com alguma pessoa em particular.*<sup>89</sup> A rua principal da Vila Operária era conhecida por “Estrada eram Geral” e hoje chama-se Osvaldo Pinto da Veiga.<sup>90</sup> É no correr desta rua que ainda hoje se situa o comércio da Vila, os bancos, correio, locadora de vídeo, pizzaria, o antigo bar Minister, etc. Nos anos 50, era a rua dos “carretos”, era a rua das “vendas” e dos “botecos”. Na Próspera dos anos 50, não havia praça e a rua era o local de encontro, tanto dos adultos quanto das crianças. Ao invocar este espaço, recordo

<sup>89</sup> CAMARGO, Luiz O . Lima. *O que é Lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

<sup>90</sup> Osvaldo Pinto da Veiga foi um dos presidentes da CSN.

as palavras de Marilena Chauí, a respeito da população da periferia, quando diz que esta *cria um espaço próprio no qual os símbolos, as normas, os valores, as experiências, as vivências, permitem reconhecer as pessoas, estabelecer laços de convivências e de solidariedade.*<sup>91</sup>

A seguir, abordarei os espaços de sociabilidade que as pessoas da Vila freqüentavam. Estes lugares mantiveram um elo com o passado pelas lembranças dos moradores e por algum vestígio que sobreviveu às transformações. Posso então, identificá-los como lugares de memória, monumentos. São eles: os bares, as ruas, o estádio de futebol, a igreja, os clubes recreativos.

A mineradora buscava intervir no tempo livre do operário, criando lugares de entretenimento. Os operários se apropriaram destes espaços e construíram outros. Tentarei dar visibilidade tanto ao lugar em si quanto à relação dos moradores com o mesmo.

Durante a semana, se alguém caminhasse pelas ruas da Vila a partir da igreja, perceberia uma “rede de sinais sociais”, que marcava a configuração do lugar. Ouviria o barulho do trem chegando à caixa de embarque, os rumores das “comportas”<sup>92</sup> que se abriam para depositar o carvão escolhido e selecionado no trem que o levava ao Porto de Imbituba.<sup>93</sup> Sentiria, se fosse de fora, o cheiro forte do enxofre, principalmente, se houvesse chovido recentemente. Talvez escutasse

---

<sup>91</sup> CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência (aspectos da cultura popular no Brasil)*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 70.

<sup>92</sup> Espécie de porta que fechava os vários compartimentos de carvão, na caixa de embarque.

<sup>93</sup> A caixa de embarque era uma caixa com várias repartições. Em cada repartição era colocado um tipo de carvão que vinha das minas de caminhão. O trem encostava embaixo e as portas destas caixas abriam-se; o carvão era então despejado em vagões separados de acordo com a sua qualidade.

ainda as conversas das escolhedeiras no galpão, pois segundo moradores, “elas eram muito alegres e conversadeiras”.

Uma mulher vestida com seu “chambre”<sup>94</sup> atravessaria a rua para ir à “venda”. Uma criança passaria vendendo pão em cestas e outras estariam brincando pelas ruas, algumas nuas ou seminuas; estudantes que se dirigiam à escola; homens com o gasômetro nas mãos, circulando a caminho de casa ou do trabalho;<sup>95</sup> e tantos outros ruídos, odores e visões que se apresentam no dia-a-dia de qualquer lugar. Mas, que na Vila Próspera eram próprios das condições concretas presentes naquele espaço.

Chamaria a atenção de quem por ali passasse a hora em que o trem chegava. O trem na Vila era relógio e correio. Marcador de tempo, “vencedor de distâncias”. O trem apitava longe e as crianças imaginavam em suas mentes o refrão: “café com pão, manteiga não”. Corriam até o trem mocinhas e crianças com lenços na mão, com recados e bilhetes. Os moradores contam que, uma das formas para receber e enviar notícias aos parentes que deixaram no litoral era por meio do trem. Eles enviavam encomendas e cartinhas, que eram jogadas da janela dos vagões de passageiros da “Maria Fumaça”, pois a parada era apenas na estação ferroviária, no centro da cidade. Quando alguém se deslocava de Laguna para Araranguá ou de Araranguá para Laguna, trazia as encomendas e as crianças ficavam esperando no barranco do “Corte”, local onde havia uma subida e no momento em que o trem diminuía a marcha, elas aproveitavam para apanhar estas

---

<sup>94</sup> Segundo D. Rosária, as mulheres costumavam circular dentro e fora de casa vestidas com um roupão feito de pelúcia.

<sup>95</sup> Instrumento utilizado embaixo da mina para iluminar.

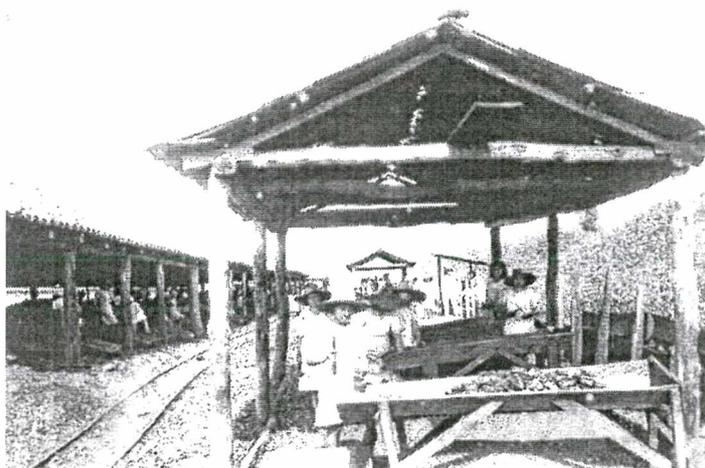
encomendas da janela do trem. D. Elisa, entre risos, recorda: *Era lazer ver o trem, na hora que o trem passava, abanar para os conhecidos, a gente não perdia um trem, era sagrado. Quando abanava ou jogava as coisas assim, nossa! Que alegria! Jogavam doce, uma vez um jogou uma melancia. Essa melancia triplicou. A gente enchia a vida da gente, era cheia assim.*<sup>96</sup>

“A vida da gente era cheia assim” — destaco essa frase de D. Elisa e penso como um determinado momento e lugar pode se desdobrar em vários aspectos. A passagem do trem não significava apenas o ato de ir e vir dos passageiros, mas o trabalho das crianças e mocinhas recebendo e enviando recados e encomendas. Esse ato significava para eles muito mais que o envio de mensagens, era também hora de divertimento. A expectativa da hora do trem, a alegria de acenar, de trocar cartas e bilhetes, de receber doces e encomendas, de matar a saudade com um recado, envolvia a vida dos moradores, construindo, dessa forma, outras funções para o trem.

Além do trem, outros lugares distraíam alguns moradores, como por exemplo, os “botecos” e bares, freqüentados principalmente pelos mineiros no final do expediente do trabalho nas minas.

---

<sup>96</sup> Lembrança de Elisa Martins. Entrevista de 1997.



Arquivo particular de Fernando Carneiro. Década de 1950.

### **Distrair**

¶*Eu sou da turma do funil, todo mundo bebe, mas ninguém dorme no ponto, nós que bebemos e eles que ficam tontos.*¶<sup>97</sup>

Os bares ficavam junto às vendas de particulares.<sup>98</sup> Na Vila existiam várias vendas ou “botecos”, como ainda existem em bairros populares. Além de funcionarem como bares, continham também produtos de consumo de primeira necessidade. Muitas pessoas, para fugirem das filas dos armazéns da mineradora, tinham crédito nas “vendas” onde compravam fiado. Os “botecos”, então, eram locais freqüentados por mulheres durante o dia, e no final do expediente do trabalho nas minas, pelos homens. Desta forma, para os mineiros, eles representavam uma pausa entre a saída do trabalho e a chegada à casa. Enquanto paravam para tomar uma “pinga”, encontravam os amigos. Geralmente tomavam mais de uma “pinga” e quando chegavam em casa já estavam bêbados. *Meu pai*

<sup>97</sup> Turma do funil. Mirabeau Pinheiro, 1956.

<sup>98</sup> Algumas pessoas da vila construíram estabelecimentos de compra e vendiam para as famílias dos mineiros.

*passava na venda, tomava a cachaça dele, chegava em casa, lavava os pés e dormia. Nunca perdeu um dia de serviço por causa da bebida*".<sup>99</sup> O pai de Zulma e Antunina foi um mineiro conhecido na Próspera como "Tio Zé". Se na família do "Tio Zé" não aconteciam brigas, em função das bebidas, em outras isso era diferente, mas os moradores que entrevistei recordam de bebedeiras e brigas sempre na casa dos outros, pois *a memória corrige e "passa a limpo" muitas lembranças*.<sup>100</sup> Contamos o que lembramos com algumas censuras. Como na lembrança de D. Elisa : *Tinha um que chegava bêbado e pegava as panelas e jogava tudo lá fora. O pessoal corria para ver a briga*.<sup>101</sup> Percebi, ao entrevistar as esposas e os filhos dos pais que por acaso bebiam, uma imagem muito negativa dos bares e botecos da Vila. Mas com certeza, os botecos e os bares eram espaços de trocas muito importantes. Nesses locais, conversavam sobre as condições do trabalho, política e mulheres, tudo enquanto bebiam, fumavam e jogavam sinuca. Eram nesses momentos, conta meu pai, Sr. Lourenço, que os homens combinavam a ida para "Maracangalha": *Eles combinavam ali, ia em casa, tomavam banho, depois iam*.<sup>102</sup>

Em 1955 o Sr. Sesóstris Corrêa, diretor comercial da empresa, implantou a construção de uma sede recreativa para os operários e suas famílias. Osny Santiago e Alcides da Silva contaram-me que os negros possuíam uma sede recreativa desde 1940, que funcionava ao lado da igreja e era, ao mesmo tempo, ar

<sup>99</sup> Lembrança das irmãs Zulma e Antunina. Entrevista de 1996.

<sup>100</sup> BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1987. p.332.

<sup>101</sup> Lembrança de Elisa. Entrevista de 1996.

<sup>102</sup> Lembrança de Lourenço Costa, 67 anos. Mineiro aposentado pela Carbonífera Próspera.

e sede da diretoria do time de futebol da Vila, o time Sul do Estado.<sup>103</sup> O terreno pertencia à Carbonífera Próspera sendo que o prédio da sede era uma casa doada por um dos moradores. Tanto a organização da sede quanto do time era realizada apenas pelos negros. A empresa em 1955, construiu duas sedes recreativas para os operários, uma ao lado da outra.<sup>104</sup> A sede dos negros continuava sendo o local de reunião da diretoria do time de futebol, o então, Esporte Clube Próspera, fundado em 1946.

A construção de espaços de lazer, pelas empresas, está ligado à idéia de que os meios operários “eram vistos por instituições e grupos dirigentes como extremamente perniciosos para a “moral e disciplina do trabalho, focos de agitação e revolta social”.<sup>105</sup> O tempo livre do operário e a maneira como estes dirigiam seu tempo de lazer eram vistos como improdutivos. A construção das sedes recreativas na Próspera vão ao encontro da discussão contida no livro de Maria Auxiliadora Decca. Colocando na sede jogos recreativos, bebidas e ficando aberta de manhã à noite, os mineiros estariam ocupados num espaço que pertencia à empresa. Para administrar estes espaços eram organizadas diretorias entre os operários, reforçando a idéia de que a Empresa também lhes pertencia.

Nos finais de semana, esses locais funcionavam como clubes, isto é, local de bailes, tornando-se um ambiente familiar, onde no embalo das danças surgiam os namoros. A empresa fez permanecer e reforçou a separação entre os negros e os brancos, construindo uma sede para cada etnia. Até os dias atuais, os negros do

---

<sup>103</sup> Membros da diretoria do clube dos negros no Bairro Próspera.

<sup>104</sup> Sendo uma para os brancos e outra para os negros.

<sup>105</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. Op. cit. p. 89.

bairro têm um clube próprio. Atualmente, os brancos o freqüentam, mas nos anos 50, em dias de bailes, era proibida a sua entrada, assim como os negros eram proibidos de entrar no clube dos ‘brancos’. Apesar da construção de espaços para divertimento por parte da empresa, os bares particulares da Vila e as salas de particulares, que funcionavam como salão de baile, não foram abandonados.

Quem circulasse pelas ruas da Vila na década de 1950, não encontraria em um determinado mês os mineiros a caminho do trabalho, ou tomando uma “pinga”, com os colegas no boteco, na volta do expediente. Também perceberia que a rotina das mulheres estava mudada, pois, desde a década anterior, os mineiros realizavam movimentos de greves para reivindicar melhorias salariais e no trabalho.

### ***Pausa na rotina***

A rotina dos dias de semana da Vila modificava-se bastante no mês de maio, data de Dissídio Coletivo, quando os mineiros faziam greve, esta às vezes se estendia por meses. Os homens não saíam para trabalhar, e muitos deles concentravam-se próximos à usina.

Nas lembranças de D. Rosária estas cenas são peculiares:

*O pessoal se concentrou entre o escritório da Próspera e a usina, e nós tínhamos um operário aqui que era um grande cantador de terno de reis, chamavam ele de “Tendão”. E a gente vinha da escola, porque as escola não fechava, eles faziam a greve deles mas escola, posto médico, enfermaria eles não fechavam. O negócio era fechar a mina e a mina parou, parou a Companhia. E*

*ele chamava a Usina que apitava de bode, aqui todo mundo sabia que a usina que apitava era o bode. E ali na frente daquela chaminé estava a minerada toda concentrada. O Tendão gritava para o cara que estava lá dentro :- Apita o bode se tu é homem! Eu era criança e me lembro. Ele era pequinininho assim, pretinho, pequinininho deste tamanho, assim. Há, porque se apitasse alguns operários poderiam ir trabalhar, então eles tinham que trancar ali. O pessoal só baixava a mina com apito. Ele era assim, descalço, eu tenho até a imagem dele assim tão nitida, se desse para fotografar a memória da gente.<sup>106</sup>*

A recordação desta cena da greve ficou marcada na lembrança de D. Rosária que afirma: “Se desse para fotografar a memória”. E isso me remete às reflexões de Eclea Bosi quanto à função social da memória, a permanência na memória de cenas e fatos, a sobrevivência do passado, alterados pelas nossas interpretações e representações.<sup>107</sup> Apesar de nossas representações, e, embora tudo tenha se modificado, os espaços mostrarem outro panorama, as pessoas terem falecido ou ficado mais velhas, a lembrança traz de volta um pouco do lugar do passado, o menino ou a menina que o tempo tornou adulto. “Se desse para fotografar a memória”...

Um outro caso que mexeu com a rotina dos dias de semana foi a greve de 1952, notificada no jornal A Imprensa de Tubarão,<sup>108</sup> e a de 1960, quando as mulheres participaram : *impediram o tráfego dos caminhões das mineradoras e bloquearam a rua em frente à igreja do bairro Próspera*, enfrentando os soldados

<sup>106</sup> Lembrança de Rosária Meis. Entrevista de 1998.

<sup>107</sup> BOSI, Eclea. Op. cit. p. 17, 39.

<sup>108</sup> O jornal A Imprensa de Tubarão notificou diversas reportagens a respeito da indignação de toda comunidade Criciumense sobre o espancamento sofrido pelos mineiros em greve, ocorrido no dia 07/11/ 1952.

que haviam dispersado seus maridos anteriormente, as mulheres grávidas na frente, deitaram-se na rua esperando os caminhões e os soldados.<sup>109</sup>

Estes momentos modificavam o dia-a-dia na Vila, pois muitas famílias viajavam para a terra natal, onde o mineiro aguardava a convocação das assembléias.<sup>110</sup> Os homens permaneciam por mais tempo nos bares e as lidas domésticas das mulheres também não eram as mesmas<sup>111</sup>. Muitas pessoas que vivenciaram estes momentos, os registraram em suas lembranças, de forma excepcional, representando em suas falas a figura do mineiro como ‘valente’, “corajoso”, “persistente”.

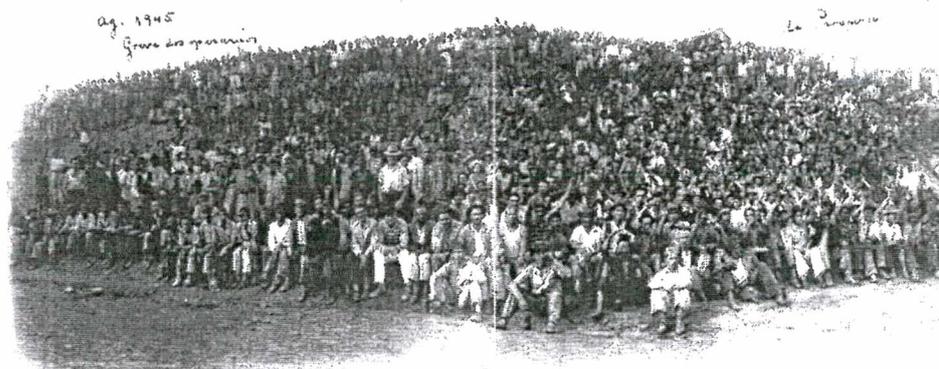


Foto de uma das greves de 1945.

Arquivo particular de Fernando Carneiro.

Continuando então o caminhar pelos espaços de sociabilidade, penso que é importante evidenciar como os mineiros vivenciavam seus dias de folga e mostrar os espaços ocupados nestes dias. Desta forma, torna-se-ão visíveis diversos comportamentos, hábitos e forma de viver os espaços. Ou, como diria José

<sup>109</sup> COIMBRA, David. Atravessando a Escuridão: Memórias de um Comunista Casual. Criciúma: UNESC, 1996.

<sup>110</sup> Quando convocados para as assembléias, ou alguma manifestação reunia-se a ampla maioria.

<sup>111</sup> Não necessitavam preparar os almoços até as 10h, muito menos levá-lo até a boca da mina.

Guilherme Cantor Maganani, em seu trabalho antropológico sobre as práticas culturais de lazer na periferia, “o pedaço”: *é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção- onde se tece, enfim a trama do cotidiano.*<sup>112</sup>

### **Lugares de encontros: espaços de amizades, namoro e manifestação da fé**

Os espaços e o tempo para o entretenimento eram delimitados. A delimitação de espaços, de acordo com sua funcionalidade, está ligada à disciplina do trabalho dentro do capitalismo. A Empresa procurou construir espaços de entretenimento dentro da fronteira da Vila. Margareth Rago coloca: *A internação dentro dos muros das fábricas, no momento de trabalho, ou dentro dos muros da vila, nas horas de lazer, impede toda comunicação com o mundo exterior e as “aberturas de cabeça” que, bem ou mal, possibilitam.*<sup>113</sup>

Por outro lado, os muitos moradores escapavam em muitos momentos destes “muros”, na prática das romarias e procissões, nas idas ao cinema do centro da cidade, nos campeonatos de futebol, e outras. Isso evidencia a impossibilidade de se manter, como prisioneiros a um determinado espaço, todas as pessoas. A intenção, na construção de opções de lazer dentro da Vila, pode estar ligada àquilo que Margareth Rago coloca como um mecanismo sutil de dominação para garantia da produção : *O espaço da vila instaurado com conforto, satisfação e*

---

<sup>112</sup> MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaço, cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998. p. 117.

<sup>113</sup> RAGO, Margareth. Op. cit. p. 182.

*moralidade, de onde o trabalhador não precisa sair nem mesmo para divertir-se.*<sup>114</sup> Isso não significa que estes espaços permaneçam sem alterações. Ao utilizar o local, os moradores também colocam neles seu jeito de viver, adaptando-os aos seus desejos.

Finais de semana e feriados eram tempos roubados tanto das labutas na mineração quanto das atividades cotidianas necessárias à sobrevivência. Denise Bernuzzi Sant'Anna coloca que:

*Principalmente no espaço urbano e industrial o tempo passou a ser concebido e vivenciado segundo uma divisão produzida historicamente, na qual há o tempo de trabalho – que é vendido ao patrão – e o tempo livre – que é comprado pelo trabalhador para a realização de outras atividades não necessariamente ligadas ao trabalho, como o descanso e a diversão.*<sup>115</sup>

Eram tempos em que se inventavam variadas formas de entretenimentos. Tempos divididos em diferentes atividades, como por exemplo, aos sábados os bailes, os encontros e o cinema no centro da cidade, aos domingos, a missa, o almoço especial e, para os jovens o “carreto” e, finalmente, a “domingueira”.

Para o tempo das festas, bailes e namoros, as pessoas modificavam sua forma de se apresentarem em público.

### Vestir

---

<sup>114</sup> Idem. p.178.

<sup>115</sup> SANT' ANNA, Denise Bernuzzi de. *O Prazer Justificado: História e Lazer* ( São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero, 1994.

Quando conversava com D. Luzia e o Seu Zé, viajei no tempo. Ambos lembravam como os jovens se vestiam aos domingos e passeavam em “carretos”, perto da Igreja. Pude, pela narrativa de D. Luzia, visualizar em minha mente a imagem dela com seus cabelos loiros, em forma de coque, presos com laquê, um vestido de seda bem plissado e justo, realçando seu corpo. Ao seu lado caminhando seu ex-marido, o Sr. Alcebiades, vestido de terno e gravata, com o colarinho engomado, de camisa toda branca e com os sapatos bem engraxados. Junto a eles muitos moços e moças, que aos domingos esqueciam as labutas na mina e na escolha, vestiam-se bem e saíam para os espaços de encontro na Vila.

As falas das pessoas entrevistadas identificam a importância da roupa para um reconhecimento, na apresentação em público. Pierre Mayol coloca: <sup>116</sup> *o corpo, na rua, vem sempre acompanhado da representação do corpo, cujo código é mais ou menos, mas suficientemente, conhecido por todos os usuários.* Códigos que modificavam a apresentação do corpo de acordo com o espaço e o tempo. Refiro-me aos espaços das festas e ao espaço do trabalho, ao tempo da labuta e ao tempo da distração.

As pessoas descreveram os vestidos, a moda, o trabalho que dava para preparar a roupa:

*Naquele tempo eles usavam aqueles ternos de linho branquinho e amarelinho ou azulzinho, bem engomadinho, sabe, até os punho eram engomadinhos... Engomava com a maisena, aquilo ali não podia ficar uma preguinha pros bailes deles.[...] As nossas roupas, eram assim, vestido de corpo comprido, bem cinturadinho, e godê ponche, ou senão com babadinho, aqueles babadinhos assim embaixo, ou senão*

<sup>116</sup>MAYOL. Pierre. Op. cit. p.48.

*com godê ponche por cima ou senão tudo pregueadinho. Tudo pregueadinho, passava bem passadinho, ou senão plissado, aquele tempo se usava “prinçado”.*<sup>117</sup>

Michele Perrot, ao referir-se aos trabalhadores da Europa no século XIX, e dialogando com Halbwachs, coloca que a forma de apresentação implica uma relação com o espaço público.<sup>118</sup> Durante os dias da semana era comum ver as mulheres de “chambre”. D. Rosária diz que parecia que elas dormiam e acordavam com aquelas roupas. Eram roupões feitos de pelúcia, com os quais ficavam em casa, iam para o armazém e para o açougue, atravessando toda a Vila, assim vestidas. Porém, nos finais de semana, tudo se modificava e elas exibiam seus trajes de festa. Para as pessoas daquele tempo, existiam dois tipos de vestimentas, o de andar em casa e o de sair, e se para elas, muitas das saídas de casa até as ruas da Vila faziam parte das lidas domésticas, por que trocar de roupa para ir ao armazém?

Em dias de semana, o espaço público tinha um significado doméstico, mas nos finais de semana era diferente. As ruas, os locais de encontro, eram grandes momentos da vida operária; eram momentos em que sua auto-imagem modificava-se, permitindo talvez, uma sensação de dignidade pelas roupas. Por isso a preocupação em andar bem “alinhado”, com os colarinhos “engomados”, os vestidos bem “plissados”.

As distrações consistiam em dançar, freqüentar a missa e as festas

---

<sup>117</sup> Lembrança de Lurdes Pizzetti. Os vestidos plissados constituíam –se de várias pregas nas saias.

<sup>118</sup> PERROT, Michele. Op. cit. p.103.

religiosas, ir ao cinema, namorar, etc. Os espaços utilizados para estes fins foram construídos pela mineradora. Denise Bernuzzi de Sant'Anna, estudando a história do lazer em São Paulo, coloca que durante a década de 30, as preocupações em criar leis e espaços onde o operário pudesse estar em seu tempo livre levaram à criação dos Clubes de Menores Operários.<sup>119</sup> Nesses clubes funcionavam também os parques infantis e eram organizadas programações de recreação para os jovens. As autoridades políticas e as empresas acreditavam que, ocupando o tempo livre dos jovens, estariam ajudando na formação de suas personalidades para o aumento da capacidade produtiva.

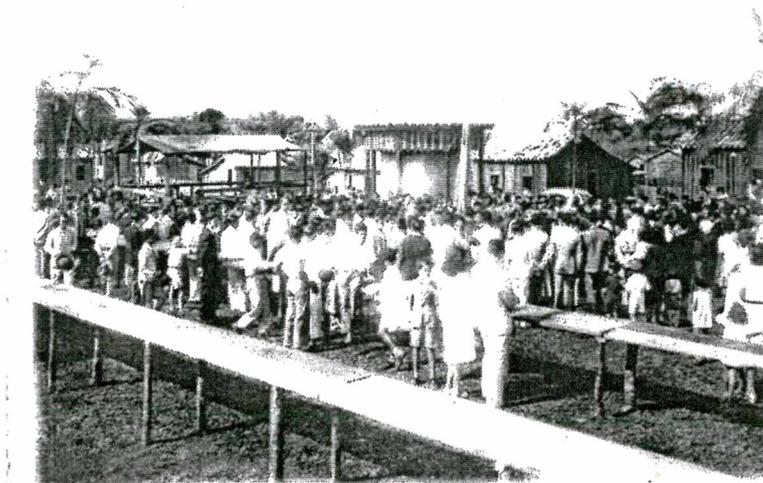


Foto do Primeiro de Maio de 1942. Festa no atual Estádio de futebol.  
Destaque à apresentação em público.  
Arquivo particular de Fernando Carneiro.

### Dançar

---

<sup>119</sup> SANT' ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. cit. p.25.

Os clubes eram locais onde aconteciam os bailes, as domingueiras. Havia três clubes na Próspera, os quais representavam uma divisão social e étnica.

*O Próspera Clube Recreativo*, construído especialmente para receber visitantes, era, segundo o Sr Osni, o *cartão de visitas da Carbonífera*. Foi fundado em 11 de dezembro de 1950, recebendo o apelido de “Engenho” pelos peões.<sup>120</sup> Situava-se ao lado do escritório da carbonífera. Esse clube promovia bailes e o carnaval de rua de Criciúma. Era freqüentado apenas pelos “funcionários”. Funcionário era como se auto designava o pessoal que trabalhava no escritório da empresa. Eles não freqüentavam os mesmos espaços, pois era proibido aos mineiros entrar no clube. Isso marca profundamente a divisão social do trabalho. O trabalho braçal era visto como algo inferior. Percebi como era forte a visão de inferioridade do trabalho dos mineiros do subsolo quando encontrei um poema no jornal “A Tribuna Criciumense”, que comparava o trabalho nas minas com o trabalho “escravo”. Uma escravidão *abençoada*, pois iria garantir o progresso da cidade.<sup>121</sup> O poema é de autoria de Pedro Bernadino, intitulado: **Os Escravos do século XX**. Em uma de suas estrofes, encontra-se o seguinte verso: *Adoro a terra dos mineiros/ que vivem sempre a labutar/ tirando o produto precioso para nossa vida salvar*. Vistos como escravos, não podiam freqüentar os mesmos lugares que os “funcionários”.

A diretoria do clube era composta apenas por pessoas do escritório. Em meados dos anos 70, uma nova diretoria socializou o espaço para toda a

---

<sup>120</sup> A forma da construção lembrava um engenho.

<sup>121</sup> A Tribuna Criciumense, 17 de mar. 1957.

comunidade de trabalhadores da Carbonífera. Os peões “brancos” passaram a frequentar este espaço recreativo que promovia bailes e “bingos dançantes”. Em 1983, a Empresa fez um acordo com a diretoria do órgão recreativo — venderia um terreno próximo ao estádio de futebol por um preço irrisório e o clube deveria mudar de local em cinco anos. Passado este período, o novo espaço ainda não estava concluído, porém, em 1989, mantendo o acordo, a diretoria fechou as portas do clube e continuou realizando suas promoções em outros espaços.<sup>122</sup>

Abaixo da Vila havia mais dois clubes construídos pela mineradora e algumas salas de particulares que funcionavam como salão de baile. *O clube dos negros*, assim designado pelos moradores até hoje, localizado na “Rua Geral”, era o mesmo espaço da “sede”, já mencionado anteriormente como um dos espaços de lazer construído pela empresa. Nos finais de semana, a diretoria promovia os bailes, animados por bandas que vinham de Laguna, Tubarão, etc. Em dias de baile, *branco na sede dos brancos e negros na sede dos negros*.<sup>123</sup> D. Zulma recorda esta divisão étnica: *No nosso tempo nós não íamos no clube dos brancos nem eles vinham no nosso clube, mas no carnaval a gente dançava tudo junto*.

Os mineiros “brancos” tinham como locais dançantes a “sede dos brancos”,<sup>124</sup> e algumas casas de particulares que faziam de suas salas um salão de baile, sendo que o mais famoso e conhecido era o *Clube do Alemão*. Nesse local

---

<sup>122</sup> Aluísio Westrup, atual presidente da diretoria do Próspera Clube Recreativo, colocou que realizaram um convênio com o sindicato dos contabilistas e conseguiram adesão de mais sócios e a nova sede será inaugurada em 22 de abril de 1999. Depoimento coletado em 09/02/1999.

<sup>123</sup> Depoimento de Osni Santiago em 1998.

<sup>124</sup> Esta sede fechou quando o Próspera Clube Recreativo, permitiu oficialmente a entrada em seu recinto também de trabalhadores braçais.

as mães levavam as filhas para dançar e ficavam sentadas nas cadeiras conversando e observando as meninas dançando com os moços.

**Brincar/ jogar/ torcer**

¶*Você pensa que cachaça é água/ cachaça não é água não/ cachaça vem do alambique/ e água vem do Ribeirão.* ¶<sup>125</sup>

As brincadeiras dos adultos apresentavam-se de muitas formas. Uma delas era no período do Carnaval. Este abria um espaço para a desobediência de certas regras que impediam as pessoas de se relacionarem. Com base no pensamento de Júlia Kristeva, que vê o carnaval como momento de ruptura de uma ordem estabelecida e quem dele participa é sujeito e ator, Pierre Mayol reflete que no Carnaval existem manifestações de demolição de valores supostamente coerentes nas relações da vida cotidiana.<sup>126</sup>

Na Vila Operária, o momento do Carnaval contribuiu para que, pouco a pouco, fosse "quebrado" o costume da separação dos clubes. *Era um clube só para negros, tinha um clube para negros e outro só para brancos. Os brancos iam no clube dos negros, mas os negros não iam no clube dos brancos.*<sup>127</sup> Porém, no Carnaval, diz D. Tunina que *podia de tudo*, preto com branco. O Carnaval era exceção em todos os clubes, até mesmo no Próspera, que promovia o Carnaval de rua de Criciúma. As pessoas lembram as fantasias, os jogos de entrudo que

<sup>125</sup> "Cachaça", marcha de carnaval. Lúcio de Castro, Heber Lobato, Marinósio filho e Mirabeau.

<sup>126</sup> MAYOL, Pierre. Op. cit. p. 68.

<sup>127</sup> Lembrança das irmãs Zulma a e Antunina Entrevista de 1996.

antecipava a festa e os namoros que surgiam.

Outra brincadeira bastante vivenciada na Vila era a do *Boi-de-Mamão*. A dança do Boi- de- Mamão veio com o pessoal do litoral. O Boi-de-Mamão era cantado na frente das casas e nos dias de festa da igreja. O dono da casa oferecia umas “pingas, umas concertadas,<sup>128</sup> “umas coisas para servir o pessoal”. E todos cantavam o Boi, dançavam com os “bicharedos”. A criançada era a que mais se divertia com a magia e o encanto dos bonecos. Nessas horas, as famílias se reuniam para brincar. Remeto estas experiências às das rodas de samba e cantoria dos moradores, descritas no livro “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo.<sup>129</sup> Esses momentos de entretenimento e prazer eram realizados com os materiais conseguidos na Vila e eram momentos nos quais homens, mulheres e crianças divertiam-se juntos.

Um outro momento que permitia, aos moradores, risos, choro, raiva e outras emoções, eram os campeonatos de futebol do “time da raça”.

O estádio Mário Balsini, assim designado em homenagem a um dos diretores da Carbonífera, que não perdia uma partida de futebol e que contribuiu para a construção do estádio, era um local não apenas de partidas de futebol, mas também de festas e gincanas. As churrascadas de “1º de Maio” eram ali realizadas. Nesse dia as freiras organizavam brincadeiras e peças teatrais que eram apresentadas pelas crianças e catequistas. O estádio, então, representava um centro esportivo cultural.

---

<sup>128</sup> Mistura de bebidas alcólicas.

<sup>129</sup> AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Ática. 1997.

O “Esporte Clube Próspera” foi fundado em 29 de maio de 1946, batizado com este nome para homenagear a Vila onde se localizava. Também era chamado de “Time da Raça”, “Clube dos Mineiros”, “Equipe dos Compadres”. Os integrantes do time eram todos trabalhadores da carbonífera. Essa prática de incentivo ao esporte não era apenas da Próspera, outras carboníferas da cidade de Criciúma também investiam nos times de futebol formados por seus trabalhadores. José da Silva Jr., ao escrever a “Saga do Metropol”,<sup>130</sup> coloca que três coisas chamavam a atenção de quem sobrevoasse Criciúma nos anos 50 : *as minas de carvão a céu aberto, as vilas de operários e os campos de futebol*,<sup>131</sup> pois, a cada boca de mina aberta, ali se formava um time de futebol. O esporte, segundo Maria Auxiliadora Decca, baseia-se na disciplina, no esforço físico, ligado à idéia da necessidade de um “lazer mais saudável e produtivo” para o operariado, no sentido de torná-lo mais “disciplinado e ordeiro”.<sup>132</sup> O Metropol, por exemplo, era um time humilde como os outros da cidade, mas em 1959, após uma greve dos mineiros que durou mais de um mês, os patrões resolveram investir no futebol, na tentativa de conciliação com os operários. Desse investimento resultou diversas taças do campeonato catarinense para este time.

Denise Bernuzzi Sant’Anna pensa a festa do futebol para além de sua instauração como anestésicos dos problemas sociais,<sup>133</sup> e refere-se ao mesmo como um momento de transgressões, de violação de regras. Nesses momentos, a

---

<sup>130</sup> Time de futebol da Carbonífera Metropolitana.

<sup>131</sup> SILVA, José da Jr. Histórias que a Bola esqueceu: trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida. Florianópolis: CMM Comunicação, 1997.

<sup>132</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. Op. cit. p. 88, 89, 90.

<sup>133</sup> SANT’ ANNA, Denise Bernuzzi. Op. cit. p. 66, 67.

participação não é apenas dos jogadores, mas da torcida que acompanha o time. Uma das lembranças mais significativas do Esporte Clube Próspera era de sua torcida, que, *munida de sombrinhas e outros objetos*, amedrontava os visitantes adversários. Quando o time ia jogar contra um outro time no estádio Heriberto Hulse (centro da cidade), a *Estrada de Ferro D. Teresa Cristina* sofria com a *procissão da torcida*.<sup>134</sup> Composto em sua grande maioria por mulheres, esposas, filhas e vizinhas dos mineiros jogadores, o número de torcedoras dificultava o transporte.

### **Rezar**

A comunidade era muito religiosa e manifestava sua fé em vários momentos, nas missas, festa da padroeira, romarias, novenas. A comunidade podia participar da missa de três formas:

*Ouvindo no rádio*:<sup>135</sup> aglutinadas nas casas dos vizinhos que possuíam rádio, as pessoas se encontravam para ouvir a missa do Pe. Agenor.<sup>136</sup> Esses momentos, além de representarem a manifestação da fé e disciplinarização pela fé, eram também momentos de sociabilidade e de solidariedade entre as pessoas que possuíam e as que não possuíam rádio, sendo que os primeiros aparelhos funcionavam por meio de baterias.

<sup>134</sup> Bolão do Criciúma no 4. Esporte Clube Próspera. Década de 1980.

<sup>135</sup> A primeira Rádio da cidade foi inaugurada dia 07 de novembro de 1948. Era a rádio Eldorado de Criciúma e os proprietários eram os empresários José de Patta, Hercílio Amante e Pedro Milanez.

<sup>136</sup> Padre Agenor Neves trabalha na cidade de Urussanga- SC.

*A missa de caminhão:* Aqueles que desejavam freqüentar a missa todos os domingos tinham de ir até o centro da cidade. Para tanto, a Empresa colocava um caminhão à disposição dos moradores para levá-los e trazê-los do centro.

*A missa na Vila:* acontecia uma vez ao mês, celebrada pelo pároco da matriz São José, do centro da cidade, na capela de madeira situada ao lado da caixa de embarque, construída em 1950, sendo que, em 1956, foi elaborado o ante-projeto da arquitetura da atual igreja da Próspera. O arquiteto Fernando Carneiro elaborou uma planta da igreja, cujas paredes, em forma triangular, representam a Santíssima Trindade.

A construção da igreja iniciou em 1959 e para tanto a Empresa cedeu o terreno, doou todos os eucaliptos para os andaimes, além de 400.000 cruzeiros.<sup>137</sup> Também foram descontadas contribuições financeiras da folha de pagamento dos mineiros e realizadas algumas festas em benefício da construção. A concessão do desconto do salário nas folhas de pagamentos para a construção da igreja comprova a influência da religião Católica sobre os operários.

Todos os anos havia procissões de santos que saíam da casa de um dos moradores, pelas ruas da Vila, culminando com a celebração na Capela. Os mineiros recorriam à benção do poder divino para enfrentarem o medo do trabalho nas minas, pois, freqüentemente, aconteciam acidentes decorrentes da mineração. O trabalho de extração do carvão não garantia segurança aos mineiros: uma pedra que rolava, o pó que pouco a pouco tomava conta de todo o pulmão, além do trauma de muitas vezes verem seus colegas morrerem soterrados.

---

<sup>137</sup> Livro Histórico da Paróquia Nossa Senhora da Salete: 1942/ 1960.

O apelo à religiosidade vai ao encontro das reflexões de Michel de Certeau que, estudando a cultura popular no Brasil, percebe, nas manifestações de fé do povo nordestino, formas de enfrentar a fatalidade da “ordem estabelecida”, de resistir às condições impostas para suas subsistências, às quais chama de táticas, dribles, presentes nos cantos, nas formas metafóricas de dizer, nas maneiras de fazer.<sup>138</sup> Eclea Bosi, ao trabalhar com as lembranças de algumas pessoas idosas em São Paulo, descreve a recordação do Sr. Antônio, nascido com um braço grudado ao corpo e desenganado pelo médico, mas que recebeu uma graça de Santo Antônio, ficando curado da anomalia.<sup>139</sup> Milagres, proteções, apelos feitos aos santos não justificam a desigualdade social e a conseqüente falta de condições de sobrevivência. O que se observa, nos exemplos acima, não são justificativas de aceitação das desigualdades, mas maneiras construídas para tentar enfrentá-las. O apelo à fé diante das dificuldades é algo muito presente em toda população brasileira. Basta ligarmos a televisão no mês de outubro para observarmos os pagadores de promessas à Nossa Senhora Aparecida, por exemplo. A população da Vila Operária Próspera não fugia a este tipo de prática religiosa e organizava suas romarias, festas e procissões aos santos padroeiros do lugar, mas nem sempre as manifestações religiosas estavam ligadas à Igreja Católica institucional.

A Romaria do “Velho Daré” é um exemplo disso.<sup>140</sup> Baseava-se em uma promessa, pois Antônio Daré desejava, ele próprio, construir uma igreja com seus recursos, porque havia se desentendido com os padres da época. Durante oito

---

<sup>138</sup> CERTEAU, Michel. Op. cit. p.75-79.

<sup>139</sup> BOSI, Ecléa. Op. cit. p. 165.

<sup>140</sup> Antônio Daré, filho de imigrantes italianos, se estabeleceu na Próspera e foi um dos únicos colonos a abrir uma mina na Vila.

anos, na década de 50, no mês de maio, as pessoas se deslocavam da Próspera até a localidade de Cocal a pé e voltavam de caminhão. As refeições e a locomoção eram todas por conta do Sr. Daré. Para os moradores, além do momento de penitência e de devoção, a Romaria também representa um momento de festa, uma festa de viagem, realizada entre e com os romeiros participantes, como coloca Carlos Rodrigues Brandão.<sup>141</sup>

Além das procissões e romarias, duas grandes festas aconteciam durante o ano acompanhadas de novenas, terços e procissões.

Em janeiro, a festa de São Sebastião era de responsabilidade dos negros, que arrecadavam as prendas junto às vizinhanças, ao toque de trombetas.

Em setembro, a Festa de Nossa Senhora da Salete era organizada pelos brancos. Esta então, tinha os “festeiros”. O presidente da diretoria da capela, chamado de “fabiheiro”, era o organizador. As duas festas tinham barracas, roletas, sorteavam-se galinhas, cabritos etc. O dinheiro arrecadado era usado na construção da igreja. A divisão étnica das festas aconteceu após a chegada do Pe. Manoel Francisco<sup>142</sup> à Vila. Segundo o Sr. Osni, foi o padre quem separou as festas, que antes eram organizadas pelos moradores que residiam do escritório para baixo. O padre quis evidenciar uma certa “natureza” festeira dos negros e os motivou para a organização da mesma. São Sebastião é o protetor contra a peste, a miséria e a guerra. A festa de São Sebastião aconteceu na Vila até a década de 1970, restando apenas a festa da padroeira do bairro, Nossa Sra. da Salete.

---

<sup>141</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na rua*. Campinas SP: Papiros, 1989.

<sup>142</sup> Pe. Manoel Francisco chegou à Próspera em 1961, quando a capela tornou-se paróquia. Ele também pertence à etnia negra.

Pierre Nora, refletindo a respeito dos lugares de memória, coloca:

*A memória é a vida, sempre transportada pelos grupos vivos, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento e por isso vulnerável às utilizações e manipulações. A História é reconstrução sempre problemática, é uma representação do passado. A memória é afetiva e mágica, alojada no sagrado, nutre-se de lembranças globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todos que sofrem mudanças. Enraiza-se no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto. A História é uma operação intelectual e laica, somente se apega à temporalidade, à evolução e à relação das coisas.<sup>143</sup>*

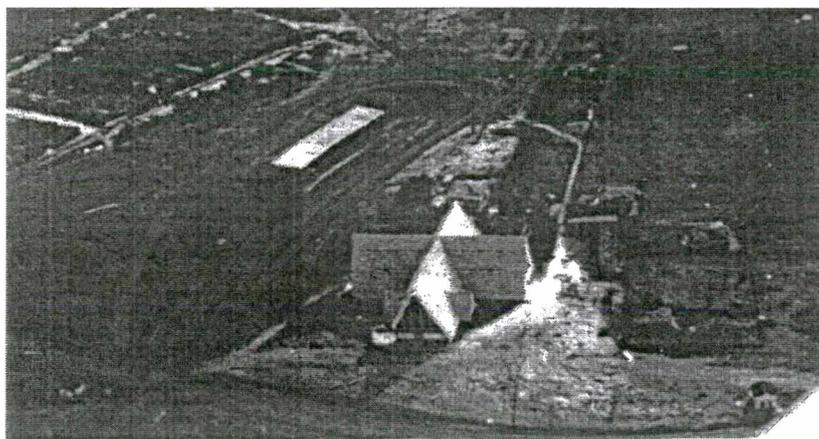
Maria Bernadete Ramos Flores, inspirada na reflexão de Pierre Nora, aproxima suas palavras dos lugares consagrados às festas populares:<sup>144</sup> *ao se falar em lugares de memória, penso que a festa é uma experiência que deixa aí suas placas indicativas, sinalizando várias dimensões da vida social.* Penso então, quanto dos gestos, dos símbolos, permanecem nas festas de santos ao longo dos anos. O quanto da memória das pessoas que organizavam as festas da igreja, na década de 50, ainda estão presentes nas roletas, nas barraquinhas, nos bingos e na própria preparação do evento. A memória, “carregada por grupos vivos”, apresenta modificações nas representações, mas mantém detalhes, sinais que evidenciam momentos da vida de outras gerações.

A preparação para a festa era mais animada que a festa em si. As famílias se organizavam para receber os parentes que vinham do interior. As moças e

<sup>143</sup> NORA, Pierre. *Entre Memória e História: A problemática dos lugares.* (Trad. de Yara Khouri) PROJETO HISTÓRIA/10-PUC/SP, 1993. p. 9

<sup>144</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A Farra do Boi.* Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.

moços faziam roupas novas. Era momento de encontrar possíveis noivos e noivas.



Vista área da Igreja Nossa Senhora da Salete nos anos 60.

Arquivo particular de Íris Mariotti.

### Namorar

O namoro começava muitas vezes com o “carreto” que, para os moradores da vila, era uma espécie de ritual no jogo de sedução da conquista entre casais enamorados. Momento em que moços e moças exibiam suas sensualidades.

D. Lurdes recorda que nas festas da Igreja aconteciam muitos namoros, mas, geralmente, nos dias de domingo, os moços e moças se encontravam em um pasto perto a capela, onde tinha alguns pés de “sinamão”; era o espaço do carreto, caracterizado pelo ritual da paquera.

*Estava uma turma de moço lá, e as moças começavam a rodear, ou senão a turma de moça e o moço começava. Os moços ficavam mais*

*parados geralmente, e as moças é quem rodeavam mais. Ai um se agradava do outro, começavam a se olhar, davam outra volta começavam a se olhar de novo. Ai dizia: Aquele lá é bonitinho, vou olhar para ele, a outra já era com o outro. Na terceira volta já davam sinal um para o outro, faziam o sinal. Quando a gente não queria dar o sinal, mandava a outra do lado, ela dizia para ele vir. Ele vinha e pegava o teu lado e tu já deixava elas e saía conversando com ele, de carroto e conversando. Pegavam uma sombra e iam sentar para conversar e as outras continuavam.<sup>145</sup>*

A imagem destas cenas evidenciam o ritual, que muitas vezes terminava em namoro. Os casais, então, buscavam espaços para namorar e um deles era o cinema. As opções de cinema variavam, podiam ir aos cinemas no centro da cidade ou se distraírem com as opções que a Empresa, por meio do SESI, levava para a Vila.

O Cine Rovaris foi inaugurado em Criciúma, no ano de 1941, no centro da cidade, e fechado em 1971. Durante muito tempo foi um dos principais locais no qual a juventude se distraía. D. Lurdes recorda os filmes que mais gostou. *Nós iam mais era entre colegas, mais moças, sozinhas. Quando tinha um namorado às vezes iam com ele. Eu lembro dos filmes: Joana D'Arc, 7 irmão e 7 Noivas, Robin Wood, Tarzan. Nós não perdíamos um do Tarzan, Jeca Tatu, Mazzarope. O "cinemascope", era um cinema colorido, de amor, aqueles nós não perdíamos.<sup>146</sup>*

Em 1955, uma outra casa cinematográfica foi inaugurada também no centro da cidade. Era o Cine Milanês, pertencente ao empresário Pedro Milanês. Nesta casa, além dos filmes, eram apresentadas peças teatrais e shows musicais. O

---

<sup>145</sup> Lembrança de Lurdes Pizzetti.

<sup>146</sup> Idem.

Cine Milanês fechou suas portas em 1996. Na década de 1950, a população podia, então, freqüentar duas casas de cinema.

Aliadas à idéia de construção de espaços culturais e de lazer para ocupar o tempo livre do trabalhador, o SESI, por meio das freiras, levou para as vilas operárias o cinema ambulante. Na Próspera, o mesmo chegou em 1961. O Sr. João Paes de Medeiros, funcionário da Carbonífera Próspera, era quem operava o projetor.<sup>147</sup> Ele conta que as fitas eram alugadas na “Donald Vídeos” e passadas nos clubes Próspera e dos “Morenos.”<sup>148</sup> A plateia sempre estava lotada para a exibição dos filmes e estes eram passados nos finais de semana, com cobrança de ingressos. João Paes diz que com a chegada dos televisores, aos poucos, as pessoas foram deixando de freqüentar o cinema do bairro.

O fato de a mineradora manter, com as famílias mineiras, um laço de dependência, e de estar presente na vida dos operários, também em seus momentos livres, não é novo na história da classe operária. Maria Auxiliadora Decca, em seu estudo, evidencia como isto foi se constituindo em São Paulo de 1920 a 1934.<sup>149</sup> Em meu entender, a maneira como as famílias mineiras se adaptaram ao espaço oferecido e como lidavam com o controle efetuado pela mineradora marca a particularidade do momento que é trabalhado nesta pesquisa, pois, como coloca José Guilherme Cantor Maganani, é o lugar de moradia, lugar que concentra as pessoas, que permite o estabelecimento de relações mais

---

<sup>147</sup> João Paes de Medeiros, 73 anos. Aposentado da Carbonífera. Dados coletados em 1996.

<sup>148</sup> Ao referirem-se ao clube dos negros, os moradores dizem “morenos”.

<sup>149</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzò. *A vida Fora da Fábrica ( Cotidiano Operário em São Paulo- 1924/1934)* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

personalizadas e duradouras, que constituía a base da particular identidade produzida no "pedaço".<sup>150</sup>

A apropriação deste ambiente, tecida por práticas da cultura popular, permitiu a transformação e marcou um jeito de viver. Um jeito de viver que se difere entre os habitantes, homens, mulheres e crianças.

Portanto, as crianças, nessas relações, constituem-se também sujeitos históricos e na qualidade de usuários deste espaço, utilizam sua criatividade para transformar e adequar o ambiente a suas necessidades. Um pouco da história dessas crianças na Vila é o que segue no próximo e último capítulo.

---

<sup>150</sup> MAGANAIU, José Guilherme Cantor. *Op. cit.* p. 116.

#### CAPÍTULO IV

### Tempo de Infância: Imagens das Crianças da Vila Operária

*Mas quando um moderno poeta diz que para cada homem existe uma imagem em cuja contemplação o mundo inteiro desaparece, para quantas pessoas essa imagem não se levanta de uma velha caixa de brinquedos?"*

(Walter Benjamin)

*Os meninos andavam na rua, as famílias eram muito numerosas e as crianças ficavam pelas ruas. Você podia subir o morro, você chegava no topo do morro e enxergava estrelado de crianças.<sup>1</sup>*

Essa imagem ficou registrada na memória de Irmã Cláudia. As crianças circulando livres pelas ruas da Vila marcam uma particularidade da experiência de ser criança na década de 1950 e viver na Vila Operária da Próspera. Mas as crianças não ficavam apenas nas ruas, elas também frequentavam a escola e a catequese, participavam das atividades coordenadas pelas Irmãs e, à noite ou nos dias de chuva, refugiavam-se no abrigo da casa.

A mineradora se situava no centro do ambiente de moradia e exercia

---

<sup>1</sup> Lembrança de Ir. Cláudia, entrevista de novembro de 1996.

um papel de provedora da vida das famílias. As experiências de vida das crianças, então, fizeram-se em torno dela. Desta forma, reporto as palavras de Luciana Ostetto: *O crescimento e as características que uma criança assume depende do meio social, da sua situação social real e como a autora, percebo a criança como um ser histórico e que sua existência concreta deve ser percebida dentro da totalidade social, pois a maneira de “viver a infância” dependerá das condições objetivas de sua vida, da classe social e do meio cultural da família onde nasce.*<sup>2</sup>

Para tornar visível algumas experiências das crianças da Vila, iniciarei esta narrativa a partir do momento em que iniciavam sua vida neste meio social, discorrendo sobre o nascimento. Depois, percorrerei com elas suas improvisações no espaço que ocupavam e suas relações com aqueles que se colocaram no papel de seus educadores.

### **Nascer...**

Os partos aconteciam em casa. Embora Criciúma possuísse hospital desde 1936, no centro da cidade, os operários não possuíam meios materiais para a locomoção de suas esposas. Quando as mulheres sentiam as primeiras dores do parto, seus maridos ou quem com elas estivessem, iam chamar uma das parteiras da Vila ou de seus arredores. D. Irene citou o nome de algumas

---

<sup>2</sup> OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Imagens da Infância no Brasil: crianças e Infantes no Rio de Janeiro Imperial*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos/ Centro de Educação e Ciências Humanas. 1992. p.34.

parteiras: *Dona Carola Araújo, que morava na Rua Amazonas, D. Angela Martinelli e D. Lúcia Millioli*. Porém, a parteira mais famosa da Próspera foi D. Duzulina Idalêncio. Pedra de Bem entrevistou esta parteira e registrou em seu trabalho de pesquisa que D. Duzulina teria trazido ao mundo “metade dos moradores da Vila”. Penso que a autora diz isso como forma de enfatizar o número de partos que esta parteira realizou, que de fato não deve ter sido pouco.<sup>3</sup> Rosária Meis, por exemplo, afirma que D. Duzulina trouxe ao mundo os 12 filhos de sua cunhada, Alice Meis, esposa de seu irmão Elpídio Meis.

O sucesso dos partos variava de acordo com as condições físicas das mulheres, do ambiente onde era realizado e da experiência das parteiras adquirida durante os anos de prática.

Nas entrevistas que realizei, não encontrei casos onde a mãe morrera ao parir, mas encontrei casos de partos muito difíceis. D. Zenaide, aos 14 anos, perdeu sua primeira criança com 7 meses de gestação. Ela não recebeu assistência médica porque não usufruía do direito a este tipo de assistência, em virtude de não ser legalmente casada com o pai de seu filho. D. Duzulina, então, foi quem retirou do ventre a criança já morta. D. Flor, minha mãe contou-me que pariu um bebê sozinha enquanto meu pai procurava, na Vila, alguém com carro para conduzi-la ao hospital.<sup>4</sup> Minha tia chamou uma parteira e quando esta chegou, cortou o cordão sem desinfetar a tesoura. O bebê morreu sete dias depois, de tétano.

---

<sup>3</sup> DE BEM, Pedra. *Revivendo a História*. Monografia de conclusão da Disciplina de Sociologia. Criciúma: Curso Magistério. Colégio Estadual Heriberto Hulse, 1988.

<sup>4</sup> Florentina Bittencourt de Oliveira.

D. Irene recorda o parto do último filho: *Ele estava sentado, então buscaram uma parteira “que era uma médica”, e ela deu um jeito.* Karen Christine Réchia, em sua dissertação de mestrado,<sup>5</sup> na qual aborda as experiências das parteiras, em Treze de Maio, município vizinho de Criciúma, coloca que as parteiras aprendiam, com a prática, a lidar com as diversas situações que encontravam: *Identificar em que posição estava o bebê, se vinha com o braço ou com a perna e não com a cabecinha, fazia parte do seu “corpo” de saberes.*<sup>6</sup>

D. Irene diz que a parteira que realizou seu parto difícil “era uma médica”. Diz isto para expressar a experiência e a habilidade da parteira. A comparação da parteira com o médico está ligada à disseminação de que o saber médico é científico, verdadeiro e legítimo diante da saúde e da doença. Karen Christine Réchia afirma: *a medicalização do parto está ligada à ciência moderna e a um “corpus” de saberes e procedimentos que foram apropriados e adequados sob uma ótica médica, e a partir do século XVIII, precisamente médico-científica.*<sup>7</sup>

No final do século XIX e início do século XX, nos centros urbanos, a preocupação com a natalidade e com a mortalidade infantil, pouco a pouco, foi conduzindo os nascimentos para os hospitais, que passaram a ser realizados por parteiras “diplomadas” e médicos formados.<sup>8</sup> Na Próspera, as mulheres, em um

---

<sup>5</sup> RÉCHIA, Karen Christine. Lembranças Íntimas de Minha Avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio, SC. Florianópolis: UFSC, 1998.

<sup>6</sup> Idem. p.87.

<sup>7</sup> Id Idem. p. 117.

<sup>8</sup> Mulheres que participaram de cursos e tornaram-se parteiras com diplomas. Trabalhavam nos hospitais.

primeiro momento, não gostavam de parir seus filhos no hospital. Elas colocam que preferiam parir com as parteiras do bairro a serem levadas ao hospital São José para parir com o médico ou com a parteira diplomada. D. Luzia diz que no hospital, ela (a parteira) *deixava a mulher toda rasgada, não dava pontos e geralmente as mulheres do meu tempo têm problema de bexiga baixa...Elas achavam assim: daqui 9 meses vai ganhar outro...*<sup>9</sup> No entanto, com as parteiras da Vila, que aprenderam, por meio de observação, da prática e da experiência, a arte de realizar um parto, as mulheres se sentiam mais tranquilas. Isso acontecia em virtude da relação íntima que se estendia entre os moradores do mesmo lugar, uma relação de vizinhança, com laços de solidariedade nos momentos difíceis.

Depois que nasciam os bebês como eram suas vestes e alimentação?

### **Primeiras vestes e alimentação**

Nem todas as mães preparavam enxovais para os recém-nascidos e, ao nascerem, muitos bebês eram enrolados em alguns panos improvisados. D. Irene recorda que a parteira Lúcia Miliolli usava sempre uma saia comprida e, muitas vezes, após lavar o bebê, arrancava a saia debaixo para vestir as crianças muito pobres. Outras mães preparavam os “cueiros” para enrolar os filhos recém-nascidos.<sup>10</sup> A maioria das crianças eram amamentadas com leite materno, mas aquelas que, por algum motivo, não pudessem recebê-lo,

---

<sup>9</sup> Lembrança de Luzia da Silva. Entrevista realizada em 1996.

<sup>10</sup> Os cueiros eram faixas de pano, geralmente de flanela, utilizados para enrolar a criança recém nascida durante os primeiros dias de vida.

consumiam leite de cabra, pois os cabritos eram abundantes na Vila.<sup>11</sup> Depois de crescerem um pouco, passavam para o mingau de farinha de mandioca até ingerirem alimentos utilizados também por adultos. Depois dos “cueiros”, passavam a usar os casaquinhos de pelúcia, as camisas de algodão, os calções. Os menores de seis anos, provavelmente no verão, andavam nus ou seminus pelas ruas da Vila. *Minha sogra conta que os irmãos de meu marido vestiam uma espécie de camisolão, sem calcinhas, tanto fazia menino ou menina,* recorda Silemar.<sup>12</sup>

Os primeiros momentos da criança e o contato com o contexto social, davam-se no espaço da casa, onde a mesma, ao nascer, já encontrava uma cultura com linguagem, objetos, costumes e leis, como coloca Reinaldo Luiz Damazio.<sup>13</sup> Nascer em uma família, esta procurará conduzi-la dentro da realidade em que vive.

### **A Vida da criança na moradia**

*As crianças usavam muito pedir a bênção. Santo costume, nós não íamos dormir sem pedir a bênção...*<sup>14</sup>

As famílias dos mineiros tinham em média de 6 a 8 filhos e moravam em casas muito pequenas. Nesse espaço, em contato com seus pais e irmãos, a criança nascia e apreendia valores e costumes. O médico higienista, Dr.

---

<sup>11</sup> A maioria dos cabritos circulavam pela vila e segundo alguns moradores não tinham donos.

<sup>12</sup> Silemar Medeiros da Silva. 35 anos. Professora de artes plásticas da E. R. Prof. Moacyr Jardim de Menezes. Conversa realizada em 1998.

<sup>13</sup> DAMAZIO, Reinaldo Luiz. *O que é Criança*. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 26.

<sup>14</sup> Lembrança de Elisa Martins. Entrevista de 1997.

Francisco de Paula Boa Nova Jr., ao falar das habitações dos mineiros, descreve-as como um lugar promíscuo, onde o mineiro e seus filhos não tinham condições de viver adequadamente.<sup>15</sup> Como as casas eram pequenas e os mineiros trabalhavam por turnos, sendo que, muitas vezes, precisavam dormir de dia para a “pegada” à noite,<sup>16</sup> o grande número de crianças alcançava, então, a rua, e nela passavam uma grande parte do dia. Por isso, a maioria das crianças, a partir de determinada idade, média de seis anos, aproximadamente, permanecia dentro de casa apenas na hora das refeições, à noite para dormir e quando chovia. Quando não estavam pelas ruas, poderiam ser vistas nos quintais, brincando com os irmãos e os colegas ou na escola.

À noite, as crianças repartiam com os irmãos a cama e antes de dormir, como conta D. Irene, rezavam: *Então a gente dava a janta para as crianças, lavava bem os pés, mudava eles, ensinava a rezar. Porque eu sempre ensinei eles a rezar quando eram pequenos.*<sup>17</sup>

José da Silva lembra que à noitinha, depois da janta, na beira do fogão à lenha, o pai ensinava, *dava uma desemburrada na gente*, ensinava as letras do alfabeto, cobrava o catecismo e contava os "causos" que aprendera em sua terra, no interior. Recorda também que as crianças obedeciam pelo olhar dos pais, um olhar reprovador e que inibia o comportamento; recorda também que

---

<sup>15</sup> Francisco de Paula Boa Nova Júnior, médico sanitário, trabalhou em Criciúma na década de 50 e escreveu sobre os lares operários no boletim nº 95 dos “Problemas Médicos Sociais da Indústria Carbonífera Sul Catarinense” de 1952.

<sup>16</sup> A mina funciona 24 horas por dia. Os mineiros trabalham 6 horas diárias. A “pegada”, termo utilizado pelos mesmos para referirem-se ao horário que iniciam suas atividades.

<sup>17</sup> Irene Daré Pizzetti. Entrevista concedida em 1998

era comum os filhos dos mineiros serem surrados. Nesse ponto recordo uma palestra de Paulo Freire, em que participei como ouvinte, ocorrida em Tubarão, SC, no ano de 1985, ocasião em que recordava seu trabalho de alfabetização no Nordeste. Recordava que em uma reunião com pais de alunos, um deles colocou mais ou menos estas palavras: *O Sr. chega em casa e seus filhos estão limpinhos e alimentados, cada um tem seu quarto; eu quando chego em casa, cansado do trabalho, meus pequenos estão bagunçando, com fome e quero descansar para pegar outro dia no trabalho e eles não param, o que me resta, brigar, surrá-los*. Isso me faz refletir a respeito das condições de vida na Vila, que com certeza influenciavam no trato das crianças. Nem todos os pais tinham o hábito de ensinar os filhos como o pai do Seu José, mas as lembranças de histórias em volta do fogão à lenha são muito presentes nas narrativas dos tempos de infância. Por meio dessas histórias eram repassados valores, experiências de vida, que contribuíam na formação dos meninos e meninas.

### **Pelas ruas da Vila**

*...as crianças ficavam muito na rua, não tinha outra coisa...*<sup>18</sup>

A rua garantia aos meninos e meninas um universo de múltiplas relações, que iam desde brincadeiras até atividades remuneradas, de contatos com outras crianças e contatos com adultos. No livro "Quando A Rua Vira Casa", os autores, refletindo sobre alguns bairros de periferia do Rio de Janeiro, colocam que nesses lugares a rua e a casa estão dentro da mesma

---

<sup>18</sup> Lembrança de Elisa Martins. Entrevista concedida em 1997.

representação, pertencem a um mesmo conjunto. A rua não é vista como algo perigoso e estranho para a população, por isso, *não há o que temer em as crianças ficarem na rua*.<sup>19</sup> No caso da Vila Operária, a permanência das crianças na rua e seu uso coletivo como extensão da própria casa deu-se devido à impossibilidade de todos ficarem dentro de casa durante o dia. As famílias eram numerosas e os cômodos das casas, pequenos e insuficientes. Embora a rua possa se apresentar à cultura popular com a mesma representação da casa, foi constantemente alvo de vigilância por parte dos que detinham o poder econômico e político da cidade, no intuito de dela retirar as crianças.

O que faziam os meninos e meninas pelas ruas cobertas de carvão?

*Ah! Uma coisa interessante que a gente fazia quando era guri, era carregar o almoço para os mineiros na mina.*<sup>20</sup>

### ***As crianças trabalhavam***

Levavam almoço para os mineiros, meninos e meninas. Quem levava o almoço era chamado de “almoceiro”. *Eu também fui “almoceira”*, diz D. Luzia, e juntamente com o irmão, recorda como alguns faziam para poder levar vários almoços de uma só vez. Penduravam duas panelas em um arame e mais duas em outro. Assim levavam nos ombros quatro panelas de almoço.<sup>21</sup> Outros levavam de carrinho-de-mão a quantidade de almoços, cuja entrega eram responsáveis. Esse trabalho exigia responsabilidade, pois as crianças pegavam

---

<sup>19</sup> Quando a Rua Vira Casa. A apropriação de espaços de Uso coletivo em um Centro de Bairro. Coord. de Carlos Ferreira dos Santos e Arno Vogel. Convênio IBAM/FINEP. 2.ed. ver. e atualizada. Rio de Janeiro. 1981.

<sup>20</sup> Lembrança de José da Silva. Entrevista de 1996.

<sup>21</sup> Luzia da Silva. Entrevista de 1996.

o almoço às 10h e 30min na casa do mineiro, para chegar à boca da mina, no máximo, às 12 hs, horário de seu almoço. As crianças que eram “almoceiras” recebiam uma remuneração mensal do mineiro. Na volta do trabalho, comiam o que sobrava dos almoços.

Outras crianças vendiam, em balaios, alguns alimentos. D. Elisa lembra que seus irmãos Nilo e Avelino criaram-se na rua vendendo pão, rosca, doce...

Um outro trabalho efetuado por crianças era o de encontrar pedras de carvão aproveitável que escapavam da escolha. As “escolhedeiras”, ao escolher o carvão aproveitável, jogavam fora os rejeitos, que foram se acumulando e formando uma montanha, próxima ao galpão da escolha, a “Ponta da Pedra”, como ficou conhecida na lembrança dos moradores.<sup>22</sup> Nesse local, dezenas de crianças e mocinhas buscavam pedras de carvão. Com picaretinhas, batiam na “Ponta da Pedra” em busca de pedras do “ouro negro” para vender e, sendo que a venda era efetuada para a própria Carbonífera.

As adolescentes faziam tarefas como as acima citadas e também lavavam roupas para fora, geralmente para o pessoal que trabalhava no setor administrativo da Empresa. Muitas trabalhavam desde cedo, 14 anos, *minima estabelecida “oficiosamente” pelos mineradores para o trabalho na superfície das minas,*<sup>23</sup> na escolha do carvão.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> “Escolhedeiras” foi o nome que a população deu às mulheres que trabalhavam na escolha do carvão, em Criciúma e região.

<sup>23</sup> CAROLA, Carlos Renato. Op. cit. p. 36.

<sup>24</sup> O carvão saía da mina misturado com outras pedras. A mineradora contratava meninas e mulheres para separar o rejeito do mineral.

Com o dinheiro que recebiam dessas atividades ajudavam nas despesas da casa. O trabalho das crianças se dava, principalmente, em função da ausência do pai, que na maioria das vezes, havia morrido em consequência da mineração.<sup>25</sup>

As crianças com menos de 12 anos, por lei, foram impedidas de trabalhar com remuneração em qualquer estabelecimento, no final da década de 10 e início da década de 20 (Código Sanitário).<sup>26</sup> Mesmo assim, muitas empresas burlavam a lei. Na Próspera, não encontrei crianças contratadas nas minas, porém, os trabalhos sob forma de “biscate” que exerciam repercutiam direta ou indiretamente na mineradora, como foi narrado nos parágrafos anteriores.

Algumas tarefas domésticas eram também de responsabilidade das crianças como buscar lenha nos matagais próximos à vila, enfrentar as filas no armazém e na “Carioca” e tomar conta dos irmãos menores. Entre uma atividade e outra, ou mesmo durante as tarefas, as crianças brincavam.

*Nós brincávamos na rua, no quintal, fazia amarelinho, jogava bolinha de gude, casinha, cozinhadinho...*<sup>27</sup>

### ***As crianças brincavam***

Os brinquedos e as brincadeiras se inserem no longo processo histórico pelo qual passam as crianças. Representam um meio para se chegar ao uso

---

<sup>25</sup> Acidentes nas minas e problemas com as vias respiratórias.

<sup>26</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. Op. cit. p.24.

<sup>27</sup> Lembrança de Zenaide. Entrevista concedida em 1996.

coletivo do mundo dos adultos, pois neles a criança trabalha questões importantes como o medo, a fantasia, o faz-de-conta, além de experimentar relações sociais presentes no grupo social ao qual pertence, como a cooperação ou a competição, o ganhar ou perder, comandar ou subordinar-se.<sup>28</sup>

D. Josina recorda que procurava manter seus filhos perto de seus olhos, no quintal, onde brincavam de bolinhas-de-gude ou desenvolviam outras brincadeiras, e que não deixava seus filhos irem para a rua.<sup>29</sup> Outros pais afirmam o mesmo que D. Josina, mas os relatos de quem foi criança nesse tempo, dão visibilidade às vivências na rua, onde, em contato com outras crianças, deixavam fluir suas trapaças e jogos. Ao ouvir tais experiências, lembrei de Michel de Certeau quando este aponta táticas, jogos de astúcia que driblam uma “ordem estabelecida”.<sup>30</sup> Quanto a estas “ordens”, há diferentes formas de encará-las: entrar nelas, resistir com luta ou driblá-las, fingir aceitar e resistir com “bricolagens”. Uma das formas que as crianças “trapaceavam” os pais ou outros adultos nessas relações é visível nesta fala:

*Uma coisa curiosa das nossas pescarias é que a gente passava lá para a ilhazinha porque lá era melhor, dava para sentar, para ficar pescando, então o pessoal que morava ali na rua, que não lembro o nome, na primeira rua do lado do açude, em geral lavavam roupa no açude, mas tinham umas senhoras que tinham coxo. Coxo é tanque de madeira, só que elas não deixavam em cima de um tripé, elas deixavam no chão, se ajoelhavam ali e lavavam a roupa. O que a gente fazia, quando a dona do tanque não estava por ali. A gente embarcava dentro*

<sup>28</sup> SILVA, Maria Alice Setúbal Souza e. Memória e Brincadeiras na Cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. São Paulo: Cortez: CENPEC. 1989.

<sup>29</sup> Josina Maria da Conceição. Entrevista concedida em 1996.

<sup>30</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano* (Artes de fazer). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

*do tanque, alguém botava a mão ali no furo para não entrar água e usava o coxo como barco para atravessar e ia para o outro lado. Quando a dona chegava para lavar roupa, o coxo estava do outro lado. “Eu vou contar para o teu pai, vou contar para tua mãe”. E aí a gente ficava lá pescando e depois trazia de volta...<sup>31</sup>*

Transformar objetos, inventar brinquedos com o que encontravam na Vila, parecem ter sido atividades com as quais as crianças se ocupavam, e volto então, a lembrar de Michel Certeau<sup>32</sup> e das “artes de fazer” da cultura popular, do aproveitamento de sucatas, do material disponível no ambiente, pois as mesmas tinham pouco acesso aos brinquedos industrializados. Ou como diria Walter Benjamin: *com isso as crianças formam seu próprio mundo de coisas, mundo pequeno inserido em um maior.*<sup>33</sup>

D. Lurdes lembra da utilidade das folhas de coqueiros para escorregar pela Ponta da Pedra: *Nós éramos pequena eu e minha irmã, nós pegávamos essas canoas de coqueiro e aí lá em cima na “Ponta da Pedra” brincar de escorregar... Nós brincávamos o dia inteirinho na Ponta da Pedra, de escorregar com a canoa de coqueiro.*<sup>34</sup>

Individualmente ou em grupo, o brincar faz com que as crianças entrem em contato com experiências passadas por meio das brincadeiras tradicionais, que fazem parte da história da humanidade.<sup>35</sup> Os elementos do passado, relacionados com o momento presente, são apropriados, reelaborados e

<sup>31</sup> Lembrança de Rosária Meis. Entrevista concedida em 1998.

<sup>32</sup> CERTEAU, Michel. Op. cit. p. 75-86.

<sup>33</sup> BENJAMIN, Walter. Reflexões: *A Criança. O Brinquedo, A educação*. São Paulo: Summus, 1984.

<sup>34</sup> Lembrança de Lurdes Machado. Entrevista realizada em maio de 1998.

<sup>35</sup> SILVA, Maria Alicé Setúbal e. Op. cit. p. 14.

inseridos no cotidiano das crianças, que inventam, criam e transformam o ambiente em que vivem.

Depois de transcrever uma entrevista em que a “narradora” descrevia com detalhes a “arte de brincar”, visualizei em minha mente os meninos e algumas meninas procurando, entre os morros, barro para fabricarem suas “pelotas”, cozinhando-as ao sol ou no fogão de rua de uma das mães, para alcançar as matas dos arredores e caçar passarinhos com suas “fundas”.<sup>36</sup> Nesses lugares havia vertentes de água, que emergiam de buracos de mina abandonados, locais que as crianças transformavam em rios para se banharem. Muitas crianças morreram afogadas nesses lugares cheios de paus que serviam para segurar as minas e galhos de árvores que prendiam o corpo das crianças que iam em busca de aventuras. Atualmente ainda acontecem acidentes desse tipo.

Ao procurar as experiências do mundo infantil da Próspera dos anos 50, algumas imagens ficaram bastante marcadas em minha mente. A de José da Silva, sentado no sofá de sua casa, com uma vontade grande de recordar os tempos de sua meninice, contou-me as brincadeiras, cada uma em sua época — o tempo do peão, o tempo da bolinha-de-gude, o da pandorga, o do ioiô e do biloquê, e de D. Josina, a se queixar das confusões que um de seus filhos arrumou por ser um grande ganhador de bolas-de-gude. Apareceram também nas entrevistas, tanto dos homens quanto das mulheres, os famosos

---

<sup>36</sup> As crianças filhas dos operários brincavam com os filhos e filhas dos colonos. Alguns colonos tinham na rua um fogão para cozinhar roscas e pão.

“cozinhadinhos”, batizados de boneca, brincadeiras de roda e a “pelada” com uma bola feita de restos de vassoura ou de pano, além dos carrinhos de carretel. As pessoas rememoravam seus brinquedos, seus jogos e destacavam a importância do “tempo de brincar” em suas vidas.

No Natal, ou “no tempo do menino Jesus”, como recorda D. Zulma, os pais compravam na venda do Zé Dodô e do Robertinho, as bonecas de papelão com olhos arregalados, gaitas e flautas de plástico. “No tempo da CSN”, a Empresa se encarregava de dar brinquedos aos filhos dos mineiros na passagem do Natal: bonecas de plástico para as meninas e bolas coloridas para os meninos.

Na rua, convivendo com outras crianças, brincando em grupos, por entre brinquedos e brincadeiras, trapaças e jogos, iam ganhando alguns trocados para ajudar nas despesas da família e formando suas personalidades.

Bastava um olhar sobre as crianças na Vila e logo se percebia-se que a maioria estava sem escola.

## **A Escola**

*“...ali tinha aula de manhã e de tarde, a gente fazia até o terceiro ano primário...”<sup>37</sup>*

A Escola Reunida José Martinelli foi inaugurada em 1947. Antes, para

---

<sup>37</sup> Lembrança de José da Silva. Entrevista concedida em 1997.

estudar, as crianças deslocavam-se a pé até o centro da cidade de Criciúma ou estudavam na escola da D. Margarida: *D. Margarida, ela era uma senhora preta, que tinha sido professora, ela tinha uma escola em casa. Numa sala ela tinha uma mesa grande de madeira, e uns bancos e eu passava ali e eu via as crianças, porque até então não tinha escola na Próspera, e as crianças iam ali para a escola para estudar com a D. Margarida.*<sup>38</sup>

Entre os próprios moradores havia organização, mas a escola da D. Margarida não atendia todas as crianças e não era oficial, os pais lhe pagavam uma taxa mensal para que ensinasse seus filhos a ler e escrever.

A necessidade de escola para os filhos e filhas dos trabalhadores mineiros levou a Empresa a contratar D. Maria Corrêa, esposa de um dos funcionários da Carbonífera, para fazer um levantamento das crianças em idade escolar fora da escola.<sup>39</sup> O número foi bastante grande, mas a prioridade foi dada aos meninos mais velhos, como lembra D. Rosária: *D. Maria começou sozinha, inicialmente ela dava aula de manhã e à tarde. Eu acredito que eram uns 45 alunos por turma, como tinha garotos de 14, 15 anos analfabetos, eles selecionaram primeiro os mais velhos, que eram o pessoal que iam entrar como mão de obra na Empresa e eu então fiquei para a segunda turma.*<sup>40</sup>

A mineração da Carbonífera se expandia consideravelmente e os filhos dos mineiros eram os que ocupavam os lugares dos pais nos trabalhos de

---

<sup>38</sup> Lembrança de Rosária Meis, entrevista concedida em 1998.

<sup>39</sup> “Funcionários” eram como se auto-denominavam as pessoas que trabalhavam no escritório da empresa.

<sup>40</sup> Rosária Meis, entrevista concedida em 1998

extração do carvão, pois a mineração aposentava em 15 anos de trabalho no subsolo.<sup>41</sup>

A Escola Reunida José Martinelli passou a funcionar com turno intermediário, pois as duas salas de aula não comportavam o número de crianças e era na casa de um antigo funcionário. Além das duas salas de aula, possuía uma cozinha, um pátio e algumas latrinas no fundo do quintal. D. Maria Corrêa foi a primeira professora e diretora da escola. Sua imagem ficou bastante marcada para aqueles que foram seus alunos.

Ao trabalhar com memória, o tempo passado nos é retomado com nossa visão de mundo do presente, os antigos alunos de D. Maria percebem, hoje, que existem outras formas de ensinar e, ao relatarem como era a vida na escola, deixam transparecer sentimentos passados avaliados com o olhar do presente. Mas, como era ser aluno na escola José Martinelli. D. Lurdes lembra da vergonha dos castigos.

*D. Maria era a antiga professora. D. Maria era brava, ela dava as lições pra gente, os pontos era assim 3, 4 folha tinha que decorar tudo, pra chegar lá e dizer tudo pra ela, quem não dizia ia pra porta e ajoelhava em 3, 4 grão de milho, ficava ajoelhada ali, e todo mundo passava e chateava com a gente. “Eh. Eh. Tá de castigo, tá de castigo”. E a gente ficava com aquele trauma, com aquela vergonha. No outro dia estudava bastante pra não ficar lá. Ela era brava, ela tinha uma régua preta de osso, se a gente tava conversando, ela era mais prealecida com os meninos, que eram muito bagunceiros, ela*

---

<sup>41</sup> Com os incentivos do Estado para o carvão catarinense, a indústria carbonífera de Criciúma abria mais minas e empregava mais pessoas. Na década de 50 a população de Criciúma saltou de 37 mil para 62 mil habitantes. SILVA, José da Jr. Op. cit. p.30.

*chegava com a régua e “pá” nos dedos, ficava marca aqui assim.*<sup>42</sup>

D. Rosária busca na primeira professora a imagem e referencial, aquela que nunca deixou de alfabetizar um aluno. Foi o modelo que procurou seguir depois que se formou professora:

*Dizem que a D. Rosária é muito parecida com a D. Maria. A D. Maria não era formada, não era titulada, tinha um método incrível para alfabetizar, eu acho que ela nunca perdeu um aluno, todo mundo que passou pela sala da D. Maria aprendeu a ler e a escrever. Ela era muito autoritária, muito exigente, brava, e eu acho que quando comecei minha carreira de professora eu era muito reflexo dela, porque convivi com a autoridade dela, com a exigência dela.*<sup>43</sup>

A rotina da escola acompanhava o decorar de textos, “pontos”, o recitar da tabuada, o medo da professora que castigava aqueles que não aprendiam, com castigos corporais, principalmente os meninos, os momentos de encontro entre os colegas e as brincadeira na hora do recreio.

A professora Rosária, que se apresenta como muito exigente durante o ministrar das aulas, na hora do recreio pulava corda e brincava com seus alunos, o que deixa evidente a separação entre o ato de estudar e o de brincar; o estudo como trabalho, o brincar como prazer e lazer, marcas de uma pedagogia que, até os dias atuais, é motivo de discussões e elaboração de métodos que

---

<sup>42</sup> Lurdes Daré Pizzetti Machado. Entrevista concedida em 1998.

<sup>43</sup> Rosária Meis, entrevista concedida em 1998.

possam fazer da aprendizagem também um momento de prazer.

Os meninos, ao terminarem a 3ª série, caso não desistissem antes, preparavam-se para trabalhar na mina, e as meninas aprendiam o curso de “Corte e Costura”. As quatro filhas de D. Irene, depois que fizeram a 4ª série foram para o “Corte e Costura”. D. Lurdes recorda até mesmo o nome da professora: “D. Verônica”, que ensinava, em sua casa, as meninas da Vila Operária.

Poucas crianças seguiam estudando, ora porque a escola que possuía a 4ª série e o ginásio era no centro da cidade, ora porque as famílias não dispunham de dinheiro para o uniforme e o material escolar.

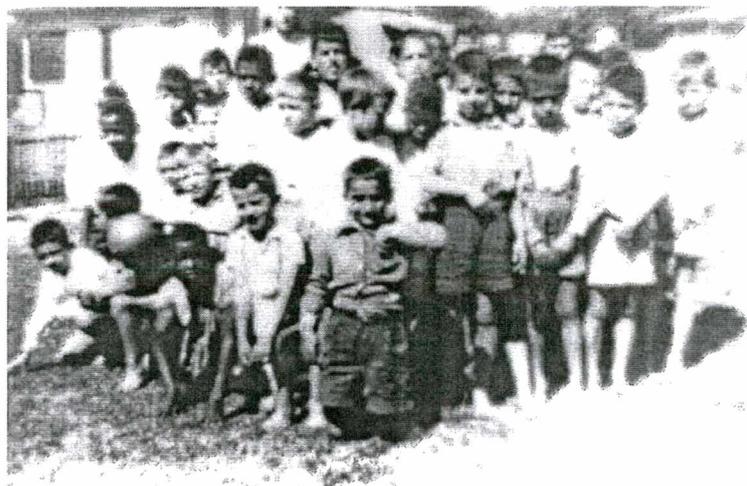
A escola foi aumentando, pois a Vila foi crescendo. E em 1956, a própria empresa construiu um prédio novo com duas salas de aula, dois banheiros e uma sala de direção. Por estes tempos também, a prefeitura ajudava na manutenção da escola, pagando outra professora. A Empresa pagava também D. Rosária, que estava concluindo o curso regional.<sup>44</sup> A Escola Reunida José Martinelli foi fechada em 1960, quando foi construído, na Vila, o Colégio Estadual Heriberto Hulse. Alguns filhos de mineiros também freqüentavam a Escola Jorge da Cunha Carneiro, criada em 1957, funcionando primeiramente no salão de baile do Alemão. Guilherme Linemburger alugou seu salão para que a prefeitura pudesse ali instalar uma escola que era

---

<sup>44</sup> Curso que habilitava professores para lecionar de 1ª a 4ª série.

reivindicação da comunidade.<sup>45</sup> A escola funcionou nesse prédio até 1965, quando foi construído um outro especialmente para esse fim. Ao se referirem a essa escola, as pessoas se expressam da seguinte forma: *Eu também estudei nos alemães*, construindo um vínculo do espaço a figura dos imigrantes, exemplificando como as pessoas, na cultura popular, personalizam lugares, construções, pontos de referência no espaço.

Depois de estudar a semana inteira, nos finais de semana uma parte do tempo da maioria das crianças era ocupado com a catequese.



Professora Rosária e sua 3a série. 1958.

Arquivo particular de José da Silva.

### A catequese

*“...eu tenho um retrato da primeira eucaristia, eram umas duzentas crianças”.*<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> As pessoas que se organizaram para pedir a escola eram imigrantes e descendentes poloneses e alemães, que moravam nas proximidades do salão. Depois de aberta, os filhos dos mineiros tiveram um outro local para estudar.

<sup>46</sup> Lembrança de Irmã Cláudia, entrevista de 1996.

Os catequistas eram pessoas da comunidade e davam a catequese em suas próprias casas. D. Elisa recorda que havia um interesse bastante grande por parte dos pais ao enviar os filhos à catequese; mandavam os mesmos ainda bem pequenos. Ela descreve como via essas crianças: *Eu dava catequese em casa, na minha cozinha, a vizinhança mandava os filhinhos. As crianças eram boazinhas. Tinha um que era moleque, incomodava, mas eles não eram malcriados, ele era moleque assim, dava uma cutucava no outro depois se fazia de santinho e ninguém percebia que era ele.*<sup>47</sup>

Percebi, ouvindo D. Elisa e também Ir. Cláudia, que as crianças mantinham um certo distanciamento dos adultos, pareceu-me que obedeciam porque os temiam. Como afirma José da Silva, a educação era rigorosa e os pais tentavam manter um certo controle sobre os filhos através de olhares reprovadores, ou mesmo, de surras. Quem desobedecesse era castigado.

Na catequese, o “ensino”, como era chamado, fazia decorar o catecismo. *A gente, para fazer a primeira eucaristia, tinha que saber o catecismo até os 7 pontos, o catecismo inteiro de cor.*<sup>48</sup> Ir. Cláudia conta que, um dia, estando o Padre Manoel avaliando as crianças, perguntou a uma delas: *O que é o purgatório? E ela falou assim: - O purgatório é um lugar de castigo temperado. Porque estava escrito temporário e ela falou temperado.*<sup>49</sup> Essa criança tinha em torno de sete anos, como recorda a Irmã, mas já sabia que

---

<sup>47</sup> Lembrança de Elisa Martins. Entrevista concedida em 1997.

<sup>48</sup> Fala de Ir. Cláudia. Entrevista concedida em 1996.

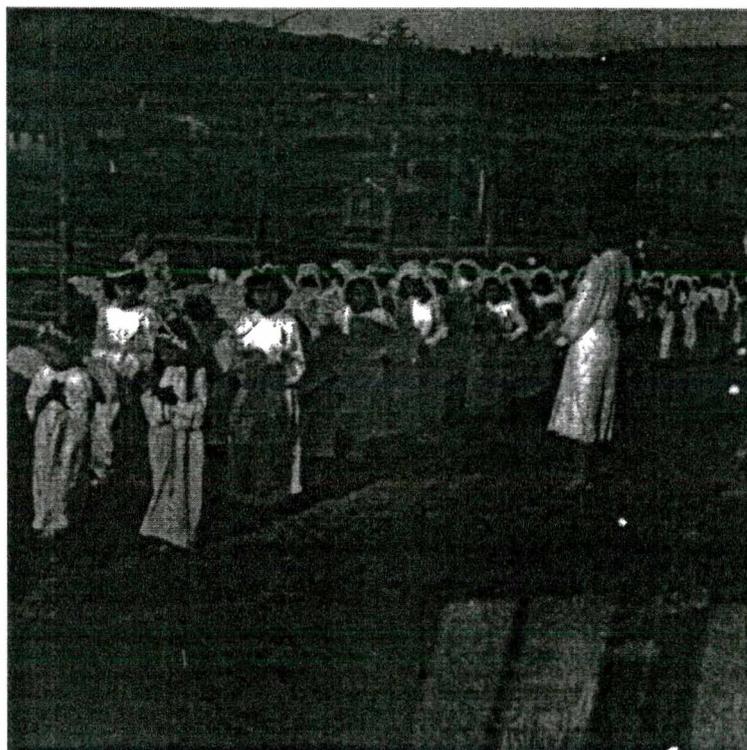
<sup>49</sup> Idem.

quem era mal ia para o inferno e podia se arrepender em um lugar chamado purgatório. A infância é percebida como momento oportuno para a catequese, desde a colonização do Brasil, em que os jesuítas catequizaram as crianças indígenas.<sup>50</sup> Não pretendo entrar nessa discussão, pois até hoje, a forma que a Igreja Católica conduziu o controle das pessoas por meio das promessas, castigos e recompensas repercute na vida das pessoas. O que interessa é perceber que, desde muito cedo, as crianças tiveram contato com as leis e regras da Igreja Católica, cuja participação era estimulada pela mineradora e que as famílias respeitavam as autoridades religiosas.

Quando não estavam na escola e na catequese, as crianças circulavam pelas ruas e a rua se apresentava, na visão das Irmãs, um lugar repleto de “perigos”. Perigos que poderiam afetar a construção da personalidade dos “futuros mineiros” e de suas esposas. As meninas também brincavam na rua; quando se faziam “mocinhas”, suas mães “prendiam-nas em casa”, como já foi visto no capítulo anterior.

---

<sup>50</sup> DEL PRIORE, Mary. O papel Branco. a infância e os jesuítas na Colônia. In: *História da Criança no Brasil*. (Org. Mary del Priori). 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1996.



Retrato da primeira eucaristia. 1959.

Álbum de D. Elisa.

É a autoridade religiosa representada pelas freiras da Divina Providência que a empresa, em convênio com o SESI,<sup>51</sup> trouxe para a Vila. As freiras procuraram modificar hábitos e estabelecer regras de conduta na vida das crianças.

### **As atividades conduzidas pelas freiras**

---

<sup>51</sup> Serviço Social da Indústria.

As pretensões de disciplinarização da criança filho e filha de mineiro, por meio de ocupação do tempo livre, foi discutida no segundo capítulo. Neste texto tentarei dar visibilidade as atividades desenvolvidas pelas freiras.

### *Os Times de futebol*

As irmãs organizaram vários times de futebol. Cada time recebia um nome, mas o grupo de trabalho era um só. Quem os treinava eram moradores voluntários da comunidade e um deles era um ex- seminarista chamado Nilo de Oliveira. Às vezes, contou-me a Irmã, faltava quem apitasse o jogo e então ela mesma apitava, embora não entendesse nada de futebol.

No esporte desenvolve-se a disciplina, o respeito às regras e à organização. As crianças se queixavam que a freira roubava quando apitava, logo, eles já conheciam as regras. O futebol estabelece uma ‘ordem’, quem participa deve entrar dentro dessa “ordem”, caso contrário não pode jogar. Quase todos os meninos foram envolvidos neste trabalho e o futebol, segundo Ir. Cláudia, ajudou muito, pois, pouco a pouco, os meninos envolvidos com o jogo foram deixando de praticar algumas “sacanagens”, como o furto. Além dos jogos, participavam de excursões e passeios em dias de feriado.

### *Coral infantil*

Havia um coral para meninas e um coral para meninos. D. Elisa ajudava no coral de meninas, que funcionava junto à catequese. Ir. Cláudia, que dividia os trabalhos com outra freira, ficava trabalhando apenas com as meninos e

coordenava o coral. Eram 16 meninos. O coro de meninos foi fundado em 1956, quando na ocasião da festa de São Sebastião, no mês de janeiro. Era comum ver a Irmã em seu jipe, com os 16 meninos amontoados, dirigindo-se para apresentações em missas e outras comemorações. José da Silva recorda que cantavam em latim nas missas. O coral de meninos terminou quando estes cresceram e suas vozes se modificaram, o que levou a Irmã a formar, em 1958, uma banda de crianças.

### ***Banda de música***

A bandinha Infantil “Filho do Mineiro” tinha por maestro o Sr. Altair Cascaes, funcionário da Carbonífera e bom “entendedor de música”. José da Silva, que participou tanto do Coral quanto da banda, recorda as atividades musicais: *No começo não tínhamos instrumentos. Treinávamos com pauzinhos. O maestro solfejava as notas e nós com os dedos fazíamos de conta que o pedaço de pau era um instrumento, abaixávamos e levantávamos os dedos como se houvesse “pistas” . Os ensaios eram feitos na E.R. José Martinelli, depois, mais tarde, no atual posto médico, próximo à chaminé.*<sup>52</sup>

A banda era muito solicitada e o trabalho das freiras valorizado, tanto que a cidade se empenhou em contribuir para o sucesso da mesma, como mostra a reportagem do jornal “A Tribuna Criciumense” de 03/05/1959:

*Vem constituindo motivos gerais de aplausos, o magnífico trabalho das religiosas e do Sr. Altair Cascaes no preparo de*

---

<sup>52</sup> Lembrança de José da Silva. Entrevista de 1997.

*uma banda musical no bairro Próspera, integrada por menores, filhos de mineiros (...).*

*O SESI e a direção da Sociedade Carbonífera Próspera vêm auxiliando essa "bandinha", que como é sabido, enfrenta toda uma sorte de dificuldades (...). Fazemos um apêlo a generosidade do nosso povo...para auxiliar materialmente para o desenvolvimento da bandinha.<sup>53</sup>*

O interesse da comunidade cricumense culminou com um festival artístico em benefício da Banda "Filho do Mineiro", no Cine Teatro Milanês da cidade.<sup>54</sup> A bandinha tinha também um programa semanal na rádio Eldorado, chamado, "Bandinha Toca...Toca...Toca" que era aberto com a voz do locutor: *Reanima o menino que adormeceu em cada um de nós e mostra para os garotos de agora que os sonhos se realizam*, como recorda José da Silva.

O depoimento do Sr. José, me faz juntar algumas leituras de jornal e pensar sobre o significado da criação destas oportunidades às crianças dos mineiros. Esse momento que a cidade viveu, era o momento de entrada na modernidade, por meio da industrialização. Por isso, era necessário inserir a população em hábitos considerados modernos. A instauração de duas casas de cinema na cidade, a inauguração de duas rádios, o incentivo à formação de bandas e grupos teatrais adultos,<sup>55</sup> representam exemplos claros da tentativa de inserir a cidade à modernidade. A CEPCAN, por exemplo, além de prestar assistência e amparo à saúde da população, previa a construção de espaços

<sup>53</sup> Tribuna Criciumense, 3 maio 1959

<sup>54</sup> Tribuna Criciumense, 15 jun. 1969. Festival em benefício da "Bandinha Infantil da Próspera". ( Sob a orientação da Sra. Donatila Borba, uma representação teatral no Cine e Teatro Milanês, em benefício da bandinha da Próspera. *Essa festa que promete apresentar autênticas revelações no teatro amador, está despertando incomum interesse.*

<sup>55</sup> Em 1964, surge na Próspera o grupo de teatro amador de adultos, incentivado pelas religiosas.

culturais como grupos escolares, escolas profissionais, cine teatros, agremiações esportivas, instituições de amparo à velhice e à criança.

### ***Outras atividades***

Além das atividades acima destacadas, as Irmãs organizaram criação de coelhos e hortas comunitárias com as crianças. As crianças vendiam as verduras destas hortas pelas ruas. Além disso, as Irmãs brincavam com as crianças, pulavam corda, jogavam bola, promoviam gincanas, realizavam passeios com os meninos.

Os passeios aconteciam tanto com as crianças do time de futebol quanto com as do coral. Quem acompanhava os meninos em piqueniques eram os treinadores e as freiras. Ir. Cláudia recorda de um dos passeios realizados na Linha Batista,<sup>56</sup> durante o “carnaval”. As crianças foram de caminhão em companhia do Sr. Nilo e a Irmã não pode ir. Choveu muito e as crianças não voltavam. A freira ficou apavorada, pois tinha um compromisso com os pais e com o SESI. Esse acontecimento foi registrado no relatório de atividades que, obrigatoriamente, era entregue à entidade. Mais tarde o mesmo foi publicado pelo SESI, em uma de suas revistas. Ao ouvir tal afirmação, percebi que as irmãs, enquanto pessoas que se dispunham a trabalhar na comunidade, não tinham autonomia. Primeiro, porque os projetos de higiene e saúde eram pensados pelo SESI e deveriam seguir um modelo, como cursos diversos;

---

<sup>56</sup> Localidade da Próspera habitada por colonos, onde se encontra, até os dias de hoje, local com pastos e árvores, bons para passar um final de semana ou um realizar um piquenique.

segundo, porque tudo que realizavam ou deixavam de fazer deveria ser registrado em relatório e enviado à entidade. Dessa forma, o SESI tinha controle do trabalho das Irmãs nas Vilas. Embora estivessem a serviço de tal entidade, e por meio disso pudessem propagar a religião a que pertenciam, algumas freiras acabaram por ceder aos modos de vida da comunidade, concluindo que certos hábitos eram culturais.

Além de todas estas atividades, o SESI dispunha de um caminhão que levava leitura e cinema às crianças. *Porque o negócio da rua é que me preocupava, as crianças na rua só faziam o que não prestava, sobretudo o furto.*<sup>57</sup>

As freiras permaneceram na Vila até 1961, quando a capela tornou-se paróquia e o pároco veio morar na localidade. Seu trabalho diferenciou-se do trabalho da escola, pois o controle e a disciplina não era realizados por meio de castigos corporais e humilhações; ao contrário, elas utilizavam uma pedagogia voltada para a realidade das crianças, partiam do que as mesmas gostavam. O trabalho era mais atrativo e era comum ver o jipe das Irmãs sempre rodeado de meninos e meninas.

Ao ouvir os relatos, tanto da Irmã Cláudia quanto dos moradores que eram crianças naquela época, imaginei as freiras com suas vestes pretas e brancas pelas ruas da Vila, disseminando “saberes” e entrando nas casas, na escola. Pareceu-me que estavam em todos os lugares, com seus olhares

---

<sup>57</sup> Lembrança de Ir. Cláudia.

“bondosos” e ao mesmo tempo vigilantes a qualquer comportamento. Imaginei também as pessoas observando-as, talvez como anjos ou talvez como o próprio Deus que conhece tudo de todos, como é apregoado pela Igreja. Um “Deus” que a qualquer deslize, surge para julgar.

As crianças cresceram na Vila e tiveram em sua formação a presença de um ambiente degradado pelo carvão. Habitaram casas, cujas paredes não as isolavam da rua. Conviveram com o trabalho nas minas por meio de seus pais. Foram apresentadas a uma religião que estabeleceu castigos e recompensas, na imagem do inferno e do céu, por meio dos catequistas. Foram Alfabetizadas por uma professora que seguia com rigor a aprendizagem através de castigos corporais e estabelecimento de regras de conduta. Tiveram seu tempo livre ocupado com atividades dirigidas pelas freiras trazidas pela empresa; ambas buscaram moldar o comportamento, principalmente, dos meninos, atrelando-o as normas de higiene, saúde e moral, constituídas pelo “saber médico”.

Com certeza não estiveram passivas a tudo isso; elaboraram, adaptaram, desobedeceram, driblaram a ordem, como fala Michel de Certeau. A oportunidade de lembrar os tempos de infância não os faz revivê-los, mas faz parte do trabalho de pensar a respeito do significado dessas experiências, relacionando passado e presente.



Foto dos times de futebol das crianças da Próspera. 1959.

Álbum de D. Elisa.

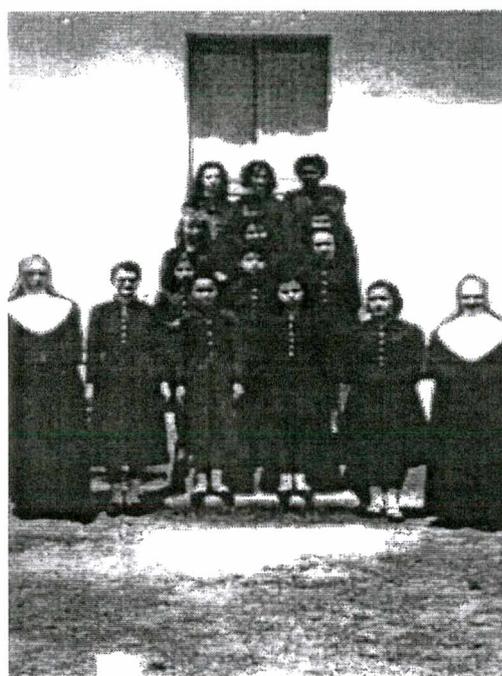


Foto do Coral de meninas. 1959.

Álbum de D. Elisa.



As crianças, o jipe e a freira, 1959.

Álbum de D. Elisa

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### A RETIRADA

*E o resultado?  
Para eles a vida vivida ou  
sonhada,*

(Fernando Pessoa/1934)

Um sábio chinês no livro das mutações, o I Ching, diz que “retirar”, recolher-se é uma maneira adequada para evitar um esgotamento. Desta forma, recolho-me dessa discussão histórica, como a planta “dormideira” ao ser tocada. E, em meu sossego, tentarei digerir tudo que aprendi, nestes dois anos, lendo, pesquisando, escrevendo, dialogando e acima de tudo contribuindo de alguma forma com uma construção historiográfica do Bairro Próspera em Criciúma. Tenho consciência de que os elementos do cotidiano, da vida das pessoas que abordei foram fragmentos, retalhos, mas que, isoladamente, ou lado a lado constituem elementos significativos da Vida na Vila. Os fragmentos como uma colagem, vão compondo as partes que formam o todo do texto. Então, antes de fechar as páginas desta dissertação, refletirei sobre algumas questões que considero relevantes na representação da escrita deste trabalho: a oportunidade de voz às “pessoas comuns”; a percepção do espaço, redefinida pela ação dos grupos humanos e a discussão sobre memória, que fez emergir as

relações dos usuários no espaço construído em torno da mineração, presentes no mundo adulto e, também, nas elaborações da criança da Vila Operária.

A oportunidade de voz as “pessoas comuns”, no dizer de Michel de Certeau,<sup>58</sup> o *homem ordinário*, destaca uma “cultura ordinária” e desfaz um pouco da dicotomia entre a prática e a teoria, que ainda circula nos meios acadêmicos. Entendo que o “fazer-saber” é um conhecimento explícito, encontrado também, nas práticas das culturas populares, manifestado em sua forma de viver, em suas táticas, astúcias, enfim modos de vida elaborados por homens, mulheres e crianças, excluídos, considerados “desimportantes”.

É por meio dessas práticas, que os chamados “excluídos”, sobrevivem às condições de uma sociedade desigual, maléfica para aqueles que vivem à margem do poder econômico e político. A solidariedade, os dizeres, o uso da sucata, os “dribles”, o mutirão, a organização e até os apelos à fé constituem-se formas de viver e de adaptar as condições de existência, que iniciam pelo espaço da casa, chegam ao bairro, alcançam a cidade...

Quando subo ao “Morro do Céu”, próximo à casa que moro, de lá avisto toda a cidade de Criciúma. Dirijo meu olhar para a Próspera, no papel de alguém que se afasta da multidão por um instante, para contemplá-la e contemplar o espaço que ocupa, procurando, no espaço enquanto texto, suas múltiplas relações, compreendido enquanto invenção histórico-social, datado, ligado profundamente às relações da mineração e dialético, movendo-se no

---

<sup>58</sup> CERTEAU, Michel. Op. cit. p.59-61/131-149

tempo pela prática dos sujeitos.

Para mostrar o movimento, as mudanças ocorridas no espaço da Vila, invoco a imaginação. Imagino que uma pessoa, após ter vivido na Próspera nos anos da intensa extração do carvão, tenha ido embora e retornado neste momento, virada do século XX. Esta pessoa poderia até localizar-se espacialmente, mas não reconheceria mais os espaços, pois, muitos deles transformaram-se de lugares de trabalho em espaços de lazer, de locais de moradia em lugares de compra, outra relação de trabalho. Alguns permaneceram como monumentos e funcionam como lugares de memória,<sup>59</sup> como o caso do local, hoje conhecido como Praça do Trabalhador, construída em 1984, lugar onde acontecem as festas religiosas da Igreja Católica e os comícios políticos em tempos de eleições, constituído de quadra de esportes, e por onde circulam jovens casais de namorados. Nos anos 50 era um espaço de trabalho, com a caixa de embarque do carvão, o galpão da escolha, e a mina Congonhas que ficava logo atrás. Seu nome não é à toa e tem um significado profundo na memória daqueles que trabalharam nesses locais.

Ou ainda a Praça da Chaminé, também construída em 1984. Da usina para suplementar a energia que vinha de Capivari, sobrou apenas a chaminé, tombada pela prefeitura como patrimônio histórico em 1984. O açude que gerava a energia da Usina e servia de “lavadouro” e local de pescarias foi

---

<sup>59</sup> Pierre Nora fala dos lugares de memória presentes em uma cidade. Há aqueles que foram construídos para preservar uma memória nacional e outros que se conservaram com os mesmos aspectos, mesmo que o tempo tenha passado. Os lugares de memória então, constituem-se como “um elo que liga o passado ao presente”. NORA, Pierre. Op. cit. p. 9

aterrado e não se ouve mais o cantarolar das lavadeiras, nem as trapaças das crianças, muito menos suas pescarias. No lugar existem alguns eucaliptos e ao lado um ginásio de esportes. É o local preferido pelas escolas de samba para os ensaios do Carnaval.

O passante também não reconheceria a paisagem, pois de escura e mal cheirosa, tornou-se límpida com ruas lajotadas e construções coloridas. No local por onde corria a linha do trem, está a Avenida Centenário. Onde havia a primeira vila de casas operárias, um *shopping center*. O “território” também não é mais o mesmo, pois já não pertence a carbonífera. As casas foram colocadas a venda na década de 1970, e os mineiros puderam comprá-las, descontando-as de suas folhas de pagamento.

Quanto à Carbonífera, sobrou o prédio da oficina e do escritório; as minas foram todas desativadas. Hoje no prédio do escritório funciona um departamento da Prefeitura Municipal. A Carbonífera Próspera foi privatizada em 1992 durante, governo Collor, e passou a denominar-se Nova Próspera, e fechando suas portas em 1996.<sup>60</sup> O comércio, as cerâmicas e outras indústrias constituem-se as atuais relações de trabalho. Na localidade, a mineração hoje é apenas uma lembrança e no espaço da antiga Vila, é possível encontrar ainda

---

<sup>60</sup> Após a privatização da mineradora, e a crise do carvão durante o governo de Fernando Collor de Mello, a mineradora tentou abrir uma boca de mina, em um dos poucos lugares de Criciúma preservados. “São Defende”. Os agricultores do lugar movimentaram-se contra esta abertura e gerou na cidade um grande conflito. De um lado 400 mineiros que ficariam sem emprego, do outro dezenas de agricultores que ficariam sem água para suas lavouras. Os agricultores venceram na justiça e a mineradora fechou as portas. Este fato exemplifica, que a lógica de ver o carvão como gerador de emprego, não tem mais o mesmo significado para muitas pessoas em toda cidade. Pois, prevaleceu a idéia de que primeiro o ambiente e depois a exploração do carvão. Muitos setores da cidade acabaram aglutinando os mineiros que ficaram desempregados.

muitos vestígios, sinais que reportam ao tempo da mineração, e estimulam a memória das pessoas que viveram ou ouviram experiências daquele tempo.

A memória, deusa *Mnemosine*, da antiga Grécia, que revelava aos poetas os segredos do passado, que cantados em suas poesias, lembravam aos homens os heróis e seus altos feitos,<sup>61</sup> é apontada, por Márcia Mansor D'Aléssio, como um modo de se recompor *a relação passado/presente e é estratégia de sobrevivência emocional*.<sup>62</sup> Permanece entre aqueles que habitaram a Vila e manifesta-se por sentimentos expressos ou silenciados, retendo o passado quando invocado ou involuntariamente. Deste modo podemos dizer que não se encontra apenas na esfera cerebral, e não se materializa somente por palavras. Os lugares, as marcas incrustadas em um corpo físico deixada pelo tempo, as cicatrizes, a coluna arqueada, os olhos cansados e úmidos também falam, confirmam. E contam os feitos.

D. Lurdes contou que sonha sempre com a rua e o armazém por onde passava todos os dias a caminho da escola; em seu sonho estes permanecem com a mesma configuração de seu tempo de criança; grandes, largos. Mas ao recordar do sonho, ela acrescenta a narrativa como os outros estabelecimentos de compra foram surgindo, modificando o lugar. A memória assim faz o trajeto no tempo e exercita a mente, acrescenta seguindo uma lógica temporal.

D. Rosária busca a lembrança mais antiga, a de seu pai trabalhando na

---

<sup>61</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Lisboa: Enciclopédia Einaudi, 1984

<sup>62</sup> D'ALLÉSSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. In: *Revista Brasileira de História* n°25/26. *Memória, História, Historiografia*. São Paulo: ANPUH/MARCO ZERO, 1993.

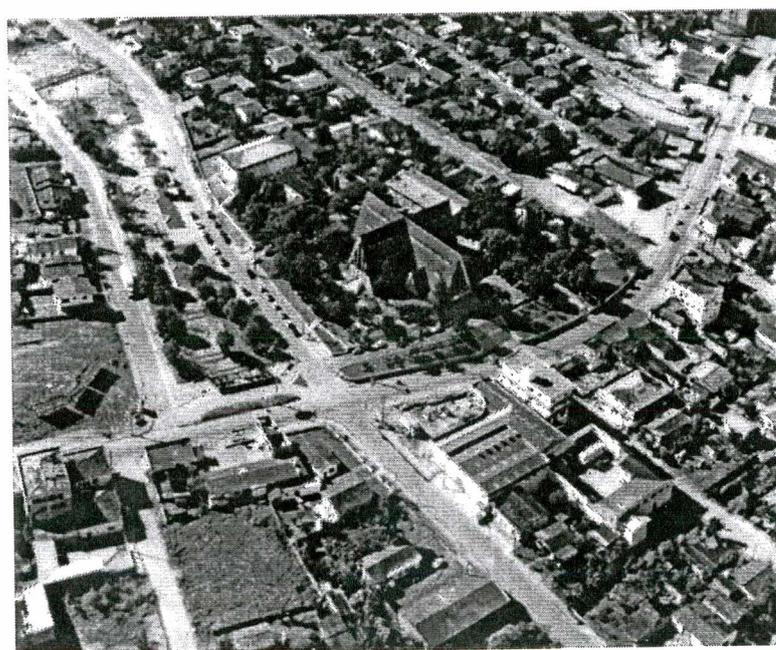
mina, e orgulhosa tenta trazer para a atualidade uma reflexão sobre o trabalho de Florindo Meis. A memória avaliando o passado com o olhar presente é um trabalho intelectual que exige relações temporais de mudança de valores. Lembrar então, não é reviver, é trabalho, é refazer, como coloca Eclea Bosi.<sup>63</sup>

Pelos fios das lembranças, que remetem a tantas situações, a figura do narrador faz com que aqueles que escutam suas memórias tornem-se seus herdeiros. Herdeiros de um passado, que talvez sem glórias, mas marcado por um “modo de viver.”

Outro dia, ao circular pelas ruas da Vila Operária, olhei suas casas, a chaminé, o prédio do escritório da Carbonífera e imediatamente o passado apresentou-se em minha mente; um passado que não vivi, mas que se incorporou em minhas lembranças pelas narrativas que ouvi, evidenciando a troca de lugares que acontece quando um ouvinte que ouve as experiências de um narrador passa a narrá-las. Pelas lembranças que ouvi, pelas leituras que realizei em diversas fontes, este texto foi construído alcançando a fala de minha tia Maria: *Uma coisa é a gente lembrar e ninguém escrever, a lembrança quando escrita vira História, né minha filha.*

---

<sup>63</sup> BOSI, Eclea. Op. cit. p17.



Vista aérea do Bairro Próspera em 1997

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

ARANTES, Antônio Augusto &. *Colcha de retalhos: Estudos sobre a família no*

*Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª Ed. Rio de Janeiro LTC, 1981.

ARNS, Otilia. (coordenadora geral da pesquisa e publicação). *CRICIÚMA 1880- 1980: "A semente deu bons frutos"*. Florianópolis: 1985.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BELLOLI, Mário. *Jubileu sacerdotal do Cônego Amilcar Gabriel: 1946/1996*. Florianópolis, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: A criança, o brinquedo, a sucata*. 4. ed. São Paulo Summus, 1984.

- . *Magia e técnica, arte e política* (Ensaio sobre a Literatura e História da cultura). *O narrador*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar: Vilas Operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- BOLLEME, Geneviève. *O povo por escrito*. Lisboa: Martins Fontes.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1987.
- . *Cultura de massa e cultura popular: Leituras operárias*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia. (Versão preliminar). Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas SP: Papyrus, 1989
- BRECIANI, Stella. *Imagens da cidade, séculos XIX e XX*. In: CARPINTÉRO, Marisa Teixeira Varanda. *Imagens do conforto: A Casa Operária nas primeiras décadas do século XX em São Paulo*. São Paulo: Marco Zero-ANPUH, 1992.
- BRUM, Argemiro J. *O desenvolvimento econômico brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BURKE, Peter ( org.). *A escrita da história: Novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

- CAMARGO, Luiz O. Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1992
- CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. *A construção de um Sonho: Engenheiros arquitetos e a formulação política habitacional no Brasil*. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de.; GIARD, Luci & MAYOL, Pierre. *A Invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHARTIER, Roger. "A história de hoje: dúvidas, desafios, propostas". Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COIMBRA, David. *Atravessando a Escuridão: memórias de um comunista casual*. Criciúma: UNESC, 1996
- COMPANHIA VALE DO RIO DOCE MEMÓRIA. *A Mineração no Brasil e a Companhia Vale do Rio Doce*. Rio de Janeiro, 1992.
- CORADINI, Lisabete. *Praça XV: espaço e sociabilidade*. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1995.

- D'ALLÉSSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora.  
In: *Revista Brasileira de História*, n. 25/26. *Memória, História, Historiografia*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1993.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DAMAZIO, Luiz Reinaldo. *O Que é criança*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade cultural no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.
- DECCA, Edgar de. *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Cotidiano de trabalhadores na República: São Paulo, 1889-1940*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- . *A vida fora das fábricas: Cotidiano operário em São Paulo 1920/1934*. São Paulo: Paz e Terra, 1987
- DIAS, Maria Odila da Silva Leite. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DONZELOT, Jacques. *Polícia das Famílias*. 2ª Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- DRAIBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses: Estado e industrialização no Brasil. 1930- 1960*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 5ª ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

———. *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*. Porto: Afrontamentos, 1975.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A Farra do Boi*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: 1993.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Montaillou: Cátaros e católicos numa aldeia francesa 1294/1324*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Lisboa: Enciclopédia Einaudi, 1984.

LEITE, Míriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP, 1993.

LE MOS, Carlos. *História da casa brasileira*. Série Repensando a História. São Paulo: Contexto, 1989.

LOPES, José Sérgio Leite. Anotações em torno do tema “Condições de vida na Literatura sobre a classe operária. In: SILVA, Luiz Antônio Machado (org.). *Considerações de vida das camadas populares*. São Paulo: Zahar, 1984.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço, cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: A problemática dos lugares.* (Trad. de Yara Khouri) PROJETO HISTÓRIA/10- PUC/SP, 1993.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Imagens da Infância no Brasil: crianças e infantes no Rio de Janeiro Imperial.* Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos/ centro de Educação e Ciências humanas, 1992

PERROT, Michele. *Os excluídos da história.* São Paulo: Paz e Terra, 1992.

PESSOA, Fernando. *Tabacaria e outros poemas.* Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio.* Associação de Pesquisa e documentação histórica. São Paulo: Editora dos Tribunais, 1988.

PRIORI, Mary Del. *História da criança no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1996.

PROST, Antoine. *Fronteiras e Espaços do Privado.* In: DUBY, Georges e AIRÉS Philippe (org.) *História da vida privada: Primeira guerra aos nossos dias.* v.5. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann.* In: *Em busca do tempo perdido.* Porto Alegre: editora Globo.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890- 1930.* 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

- RODRIGUES, Marly. *A Década de 50: Populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- ROLNIK, Raquel. *O que é Cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- RYBCZYNSKI, Witold. *Casa, pequena história de uma Idéia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *O prazer justificado: História e lazer (São Paulo, 1969/1979)*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- SEGNINI, Liliana R. Petrilli. *Ferrovias e ferroviários*. São Paulo: Cortez, 1982.
- SEVERIANO, Jairo &. *A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras. 1901- 1957)* São Paulo SP: Editora 34, 1997.
- SILVA, Armando Corrêa da. *O Espaço fora do Lugar*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SILVA, José da Jr. *Histórias que a Bola esqueceu: trajetória do Esporte Clube Metrópol e de sua torcida*. Florianópolis: CMM Comunicação, 1997.
- SILVA, Maria Alice Setúbal Souza e. *Memória e Brincadeiras na Cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. São Paulo: Cortez: CENPEC, 1989.
- TEIXEIRA, José Paulo. *Os donos da cidade*. Florianópolis: Insular, 1996.

- THOMAS, Keith. *Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária I*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- . Tiempo e disciplina de trabajo y Capitalismo Industrial. In: *Revolta y Consciência de Classe*. Barcelona: Crítica, 1984.
- TIBIMCOSKI, Casimiro. *Lembranças de um pioneiro*. Criciúma, 1992.
- VIEZZER, Moema. *Se me deixam falar*. 6. ed. São Paulo: Global, 1981.
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo* (Uma história da higiene corporal). São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VOGEL, Arno & Coord. *Quando a rua vira casa. a apropriação de espaços de Uso coletivo em um centro de bairro*. Convênio IBAM/FINEP. 2.ed. ver atualizada. Rio de Janeiro. 1981.
- VOLPATO, Terezinha Guasho. *A Pirita Humana*. Florianópolis: UFSC, 1984.
- ZOLA, Emile. *Germinal*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

### **Monografias, dissertações e teses**

- CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: SC, 1997.

COSTA, Marli de Oliveira. *A Casa Operária na Vila Próspera: Criciúma/ 1938- 1948*. Monografia de conclusão do curso de Especialização em História. Tubarão: UNISUL 1996.

DE BEM, Pedra. *Revivendo a história*. Monografia de conclusão da disciplina de Sociologia. Criciúma : Curso Magistério, Colégio Estadual Heriberto Hulse 1988.

RABELO, Giani. *A luta dos mineiros contra a privatização da CSN- Criciúma: uma avaliação crítica*. Florianópolis: UFSC, 1992. (Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Serviço Social).

RÉCHIA, Karen Christine. *Lembranças íntimas de minha avó: partos, parteiras e outras histórias em Treze de Maio, SC*. Florianópolis: UFSC, 1998.

VOLPATO, Terezinha Guasho. *Os trabalhadores do carvão — a vida e a luta dos mineiros de Criciúma*. São Paulo: USP, 1989. (Tese de Doutorado em Sociologia.)

### **Boletins e jornais**

BOA NOVA JÚNIOR, Francisco de Paula. Problemas médicos e sociais da Indústria Carbonífera Sul Catarinense. DNPM- Boletim n.95. Arquivo particular de Mário Belolli

Bolão do Criciúma. Década de 1980.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS. v. 33, p.81, 1959.

Jornal O Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1945/1960.

Jornal Tribuna Criciumense. 1955/1962

Jornal A Imprensa de Tubarão. Década de 1950

Jornal O Albor de Laguna. Década de 1950.

### **Filmes**

CARBONÍFERA SIDERÚRGICA NACIONAL (CSN). *A Siderúrgica Nacional e*

*a Companhia Carbonífera Próspera, 1955.*

CONINX Stijn Dir. *Daens: Um jeito de justiça.* Bélgica: 1994.

### **Leis e Atas**

BRASIL. Lei 2.723, de 24 de junho de 1992.

CASAMENTOS da Paróquia de Criciúma. Década de 1950. Livro de Registro.

DESPESAS da Carbonífera Próspera de 1932 a 1945. Livro Ata.

Histórico da Paróquia Nossa Senhora da Salette: 1942/ 1960.

## Entrevistas

Antônia Martins Cunha. Nasceu em 1930 em Jaguaruna SC. Trabalhou na escolha do carvão juntamente com sua mãe e irmãs. Seu pai e seu marido também eram mineiros da Carbonífera Próspera. Entrevista concedida em 1996.

Avelino Nestor Martins, 69 anos. Nasceu em Pescaria Brava, município de Laguna. Veio para a Próspera em 1942. É mineiro aposentado da Carbonífera Próspera. Entrevista concedida em 1996.

Elisa Martins, 71 anos. Nasceu em Pescaria Brava, município de Laguna-SC. Veio para a Próspera com sua família em 1942. Foi catequista da comunidade, trabalhou com as freiras na farmácia do SESI, seu pai e irmãos trabalharam na Carbonífera Próspera. Entrevistas concedida em 1996 e 1997.

Írene Daré Pizzetti. Nasceu na antiga estrada da Linha das Antas, em 12/05/1913. Filha de Antônio Daré, primeiro proprietário de uma mina na Próspera. Casou-se com Martin Pizzetti, também filho de imigrantes italianos. Seu esposo possuía uma mina na região. Entrevista concedida em 1998.

José da Silva. Nasceu em 1945, em Ribeirão, distrito de Laguna e veio para a Próspera em 1956. Trabalhou no escritório da Carbonífera Próspera. Entrevistas concedidas em 1996 e 1997.

Josina Maria da Conceição. Nasceu em 18/01/1908 na Urussanga Velha. Veio para a Próspera em 1943. Suas filhas trabalharam na escolha do carvão e seus filhos nas minas. Entrevista de 1998.

Lourenço Costa. Nasceu em 07/11/1931. Mineiro aposentado pela Carbonífera Próspera. Trabalhou na Caixa de Embarque do carvão da Carbonífera Próspera. Entrevistas de 1996 e 1998.

Lurdes Daré Pizzetti Machado. Nasceu na Próspera em 1943, filha de Irene Daré Pizzetti e Martin Pizzetti. Seu esposo Assis Machado é mineiro aposentado da Carbonífera. Entrevista concedida em 1998.

Maria Vicentina de Freitas. Nasceu em Pitangui, Minas Gerais em 1926, tornou-se religiosa da Congregação da Divina Providência em 1951 e recebeu o nome religioso de Cláudia. Entrevista concedida em 1996.

Prudêncio Constantino da Silva. Nasceu em 1915 e faleceu em 1997. Veio para a Próspera em 1945. Foi mineiro aposentado da Carbonífera Próspera. Entrevista concedida em 1996.

Rosária Meis Sanches Costa. Nasceu em 1939 na Próspera. Filha de Florindo Meis Málaga, imigrante espanhol, capataz da Carbonífera Próspera e Ana Colle Meis, filha de imigrantes italianos. Rosária foi uma das professoras da E. R. José Martinelli, pertencente à Carbonífera Próspera. Entrevista concedida em 1998.

Zenaide Vieira Zeferino. Nasceu em 13/66/1940, filha de Josina Maria da Conceição. Veio para a Próspera com 3 anos de idade. Seu esposo é mineiro aposentado da Carbonífera Próspera. Entrevistas realizadas em 1996 e 1998.

Zulma Martins Crispim. Nasceu em 1933, filha do mineiro conhecido na Próspera como “Tio Zé”, veio de Jaguaruna para Criciúma na década de 1940. Entrevista concedida em 1996.